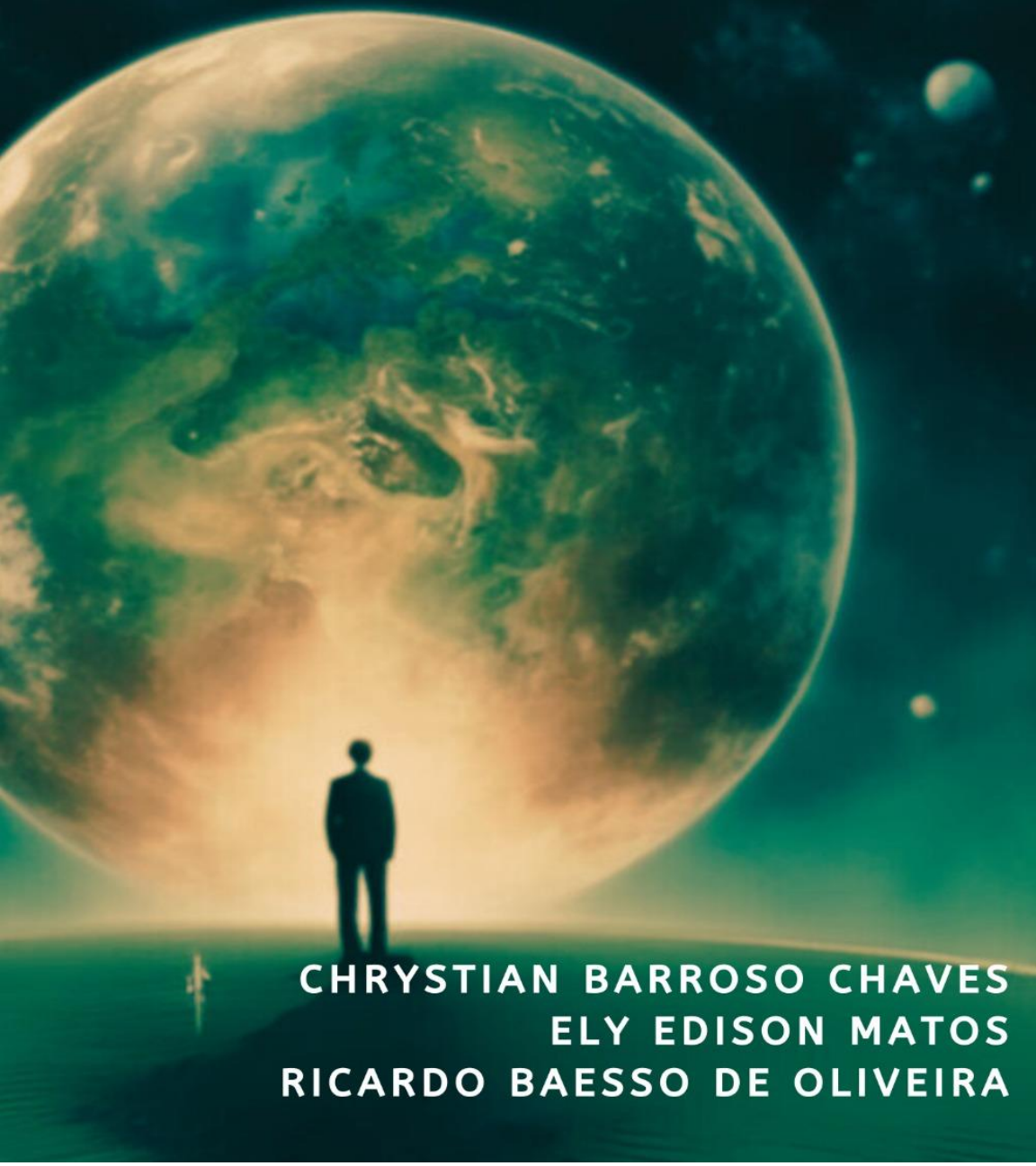


SOCIEDADES ENFERMAS

UMA ABORDAGEM ESPÍRITA
DO ADOECIMENTO SOCIAL



CHRYSYAN BARROSO CHAVES
ELY EDISON MATOS
RICARDO BAESSO DE OLIVEIRA

Sociedades Enfermas

Uma abordagem espírita do adoecimento social

Chrystian Barroso Chaves
Ely Edison Matos
Ricardo Baesso de Oliveira

PUBLICAÇÃO:

EVOC - Editora Virtual O Consolador

Londrina – Paraná – Brasil

www.oconsolador.com

Data de publicação: 30/4/2025

Dados internacionais de catalogação na publicação

C438s Chaves, Chrystian Barroso.
Sociedades enfermas : uma abordagem espírita do adoecimento social / Chrystian Barroso Chaves, Ely Edison Matos, Ricardo Baesso de Oliveira; revisão Ely Edison Matos; capa Ely Edison Matos . - Londrina, PR : EVOC, 2025.
121 p.

1. Espiritismo. 2. Medicina e espiritismo. 3. Psicopatologia – Aspectos religiosos. 4. Biopsicoespírita. 5. Transtorno mental. 6. Kardec, Allan, 1804-1869. I. Chaves, Chrystian Barroso. II. Matos, Ely Edison. III. Oliveira, Ricardo Baesso de. IV. Título.

CDD 133.9
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	6
INTRODUÇÃO	8
INDIVÍDUO E SOCIEDADE.....	12
O PENSAMENTO DE ALLAN KARDEC	15
NOSSA OPÇÃO PELA TERCEIRA VIA	17
AS SOCIEDADES ENFERMAS.....	19
POR QUE A DENOMINAÇÃO SOCIEDADE ENFERMA?	22
ALGUNS SINAIS DE ENFERMIDADE SOCIAL	25
FATORES HUMANOS DE ADOECIMENTO SOCIAL	36
FATORES BIOLÓGICOS	37
FATORES GEOGRÁFICOS.....	40
FATORES RELIGIOSOS	44
FATORES HISTÓRICOS E POLÍTICOS	48
FATORES ESPIRITUAIS DE ADOECIMENTO SOCIAL	53
SOCIEDADES COMO COLETIVIDADES DE ESPÍRITOS.....	54
DESENCARNADOS E FENÔMENOS SOCIAIS.....	55
RESPONSABILIDADE COLETIVA.....	58
ENXERTIA ESPIRITUAL: RAÇA ADÂMICA	62
A CONSTRUÇÃO DA “PERSONALIDADE” COLETIVA	69
O PROGRESSO SOCIAL	73
A CIÊNCIA E O CONCEITO DE <i>SUPERIOR</i> E <i>INFERIOR</i>	75
ALLAN KARDEC E O PROGRESSO SOCIAL	80
KARDEC E O PROGRESSO INTELECTO-MORAL	81

PROGRESSO E EVIDÊNCIAS ATUAIS	84
SAÚDE SOCIAL: A PROPOSTA DE KARDEC	88
O QUE SERIAM AS “COISAS ESPIRITUAIS”?	89
A REFORMA DAS INSTITUIÇÕES.....	94
PALAVRAS FINAIS: ALÉM DO MÉRITO	110
PRIMEIRO: O ESFORÇO NÃO É TUDO	112
SEGUNDO: QUANDO FALTA A ENERGIA.....	112
TERCEIRO: SOBERBA E HUMILHAÇÃO.....	112
QUARTO: FORA DO CONTROLE.....	113
QUINTO: MOBILIDADE E NÃO IGUALDADE.....	116
BIBLIOGRAFIA.....	119
AUTORES	122

Apresentação

No livro *Personalidades enfermas*, escrito por nós e publicado pela Editora Virtual O Consolador – EVOC, aceitamos o desafio de propor um modelo espírita para os transtornos mentais. Considerando o Espírito, na sua condição de encarnado e sob profundas influências físicas, culturais e de Espíritos desencarnados, denominamos o modelo de *biopsicosocioespírita*, admitindo que, isoladamente, nenhum fator pode ser imputado como responsável único pelo adoecimento do indivíduo. Prevalece, de maneira quase absoluta, a conjunção de diferentes fatores na gênese dos transtornos mentais.

Prosseguindo em nossas meditações sobre o processo de adoecimento, decidimos transpor o modelo citado para a dimensão social. Essa é a finalidade do presente estudo: entender o que acontece com as sociedades que não vão bem, a partir da análise dos elementos que intervêm na dinâmica social. Como no livro anterior, insistimos na ideia de que a vida social está sujeita a múltiplos fatores, que precisam ser identificados, estudados e, muitas vezes, modificados, se desejamos uma sociedade onde prevaleça o bem-estar coletivo.

Na construção desta obra, passamos por reflexões em torno da relação do indivíduo com a sociedade procurando compreender as influências mútuas que podem culminar no adoecimento de ambos. Também questionamos se as sociedades atuais estão menos saudáveis que no passado. A adoção de uma perspectiva multifatorial nos permitiu extrapolar os limites do pensamento comum, que considera a sociedade em processo de decadência moral.

O próprio conceito de *sociedade*, da forma como frequentemente é mencionado, precisou ser repensado, considerando a diversidade de manifestações ou constituições singulares que povos diferentes podem apresentar. Tais características peculiares a cada grupo social podem traçar imagens pelas quais essa sociedade pode ser reconhecida. Assim, por exemplo, há sociedades conhecidas por sua receptividade a estrangeiros enquanto outras se distinguem por suas tendências ao conflito bélico.

O oposto de enfermidade é saúde. Ao considerarmos a saúde social e as formas de contribuição para alcançar tal estado, mergulhamos na obra de Allan Kardec para resgatar e entender sua proposta.

Assim, o fruto destas reflexões constitui o material que apresentamos a você, leitor. Nossa expectativa é que ele seja útil em suas próprias reflexões.

Os autores
Juiz de Fora, outono de 2025

Introdução

Temas relacionados às questões sociais são de complexa avaliação. Os cientistas sociais, reconhecendo tais dificuldades, trabalham suas ideias a partir das *tradições teóricas da sociologia*: o *Funcionalismo*, de Durkheim, as *Teorias do Conflito*, de Marx e o *Interacionismo*, de Max Weber. Essas tradições abordam os temas com particularidades próprias e bem diferentes. Assim, muitas vezes, eles próprios não se entendem.

Isso é plenamente justificável, pela complexidade dos fatos e da vida social. Para ilustrar, apresentamos a questão que se segue.

Em abril de 2019, as principais ruas de várias cidades do mundo foram efetivamente bloqueadas por ativistas de um grupo ambientalista. Isso fazia parte de um protesto internacional. Os ativistas tinham por finalidade aumentar a conscientização sobre a gravidade das mudanças climáticas e pressionar os governos a fazer muito mais para reduzir as emissões de dióxido de carbono. Pessoas, principalmente jovens, de 33 países participaram, incluindo a Índia.

A Índia se caracteriza por possuir uma população de 1,4 bilhões, sendo quase 30% de analfabetos, uma expectativa de vida de cerca de 63,5 anos, quando a média mundial é de 73,3 anos, com milhares de famílias morando nas ruas. Água e esgoto são privilégios de uma minoria; 70% vivem na pobreza, com 200 milhões vivendo em condição de fome crônica; trânsito é insano e a higiene deficiente (segundo alguns, se assemelha a Europa medieval). Em cada 100 crianças, 60 morrem ao nascimento, índices de desnutrição são maiores do que os do continente africano; 50% das mulheres possuem anemia carencial; 35% dos indianos vivem com menos de 1 dólar por dia.

Apresentamos essa situação a um grupo de espíritas vinculados à comunidade virtual *espírita.info*, solicitando que se posicionassem na escolha abaixo.

Se fosse levado a dizer algo aos jovens que participaram da manifestação na Índia, o que diria?

1- Vocês estão perdendo tempo com isso. Não há evidências de que o aquecimento global seja real.

2- A atitude de vocês é louvável: o aquecimento global é um grave problema mundial e todos devem se envolver na questão.

3- Com tantos problemas na Índia, vocês deveriam focar neles. Preocupar-se com isso é luxo, diante de outros problemas mais graves.

Quase todos escolheram a opção 2. O que podemos deduzir disso?

A globalização fez com que muitos de nós desenvolvêssemos uma forma de pensar universalista: um problema global que envolve toda a humanidade é relevante e devemos nos envolver também com eles. Os espíritas parecem se identificar fortemente com esse pensamento, ancorado na obra kardequiana, que propõe que cada um faça a sua parte na obra da criação¹.

José Maurício de Carvalho, titular de filosofia da Universidade Federal de São João Del Rei, votou na opção 2 e justificou: “são problemas diferentes e o certo é certo, independente de outros assuntos”.

Um dos votantes escolheu a opção 3, e fez o seguinte comentário: “Supondo (e provavelmente foi o que se deu) que a maioria dos jovens indianos que se envolveram na manifestação fossem estudantes ou adultos de classe média ou média alta, tal envolvimento não poderia representar uma forma de alienação ante os gravíssimos problemas que envolvem seu país? Não há notícias de manifestações populares na Índia contra a injustiça social, a fome, o desemprego, o analfabetismo e tudo mais que se generalizou nessa nação. Envolver-se com questões, que são importantes, mas que são genéricas e relativamente “distantes”, não seria uma forma de ignorar tão trágica situação social? Ou uma forma de esnobismo elitista que fecha os olhos para o sofrimento que graça em torno de si, dando às mãos aos ativistas de países ricos, onde as necessidades básicas de uma vida digna já foram resolvidas?”

Ainda argumentando a favor da opção 3, o votante reportou-se a um episódio narrado por Simone de Beauvoir, em torno de Simone Weil, contemporânea na Faculdade de Filosofia:

“Ela me intrigava, por causa de sua grande reputação de inteligência e de sua maneira estranha de se vestir; deambulava no pátio da Sorbonne, escoltada por um bando de antigos alunos de Alain e tinha

¹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 132.

sempre em um bolso de seu blusão um número de Libres Propos e, no outro, um número de *L'Humanité*.

Uma grande fome acabava de devastar a China e tinham me contado que, sabendo dessa notícia, Simone havia soluçado. Estas lágrimas forçaram meu respeito mais ainda que seus dons filosóficos. Eu invejava um coração capaz de bater pelo universo inteiro.

Consegui um dia aproximar-me dela. Não sei mais como a conversa aconteceu; ela declarou num tom cortante que uma só coisa contava sobre a Terra: a Revolução que daria de comer a todo mundo. Eu retruquei, de maneira não menos peremptória, que o problema não era fazer a felicidade dos homens, mas encontrar um sentido para sua existência. Ela me cortou: *Bem se vê que você jamais teve fome.*²

Esse contraponto permite uma tréplica: o fato de os indianos participarem de movimentos sociais pacíficos, com objetivos nobres, deve ser valorizado. Eles demonstraram uma certa visão social. Talvez, não aquela que venha ao encontro dos prementes desafios da Índia, mas já é alguma coisa. Afinal todos nós construímos nossos valores paulatinamente, e agimos segundo a condição em que nos encontramos.

Como se vê, questões sociais são sempre desafiadoras, e dificilmente se consegue fechar a questão, colocando as coisas como certo e errado.

Complicando um pouco mais o debate, ou talvez, descomplicando, por apresentar uma variável de enorme importância – a realidade do Espírito – nos dispomos a estudar alguns aspectos da vida social, a partir de um enfoque específico: até que ponto os princípios de uma ética universal, aliada aos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, podem minorar os grandes sofrimentos humanos, sempre vivenciados na comunidade em que vivem.

No primeiro capítulo, examinaremos um dos grandes dilemas da sociologia: onde está o problema, no homem ou na sociedade? Assumiremos a posição de que as ações iluminativas devem se dar em ambos, igualmente.

No segundo capítulo, reconheceremos a enfermidade social como um problema ético de causas múltiplas. O vocábulo *enfermo* será empregado por nós, segundo uma das definições do Dicionário de Oxford, como *imperfeito; que não está funcionando corretamente*. Examinaremos alguns fatos que sinalizam para o adoecimento social, como a desigualdade social, a pobreza e a miséria, a criminalidade, a corrupção institucionalizada, o negacionismo científico e outros.

² WEIL, Simone. A força e a fraqueza do amor.

Nos capítulos três e quatro estudaremos os diferentes fatores humanos (biológicos, geográficos, religiosos, históricos e políticos) implicados no adoecimento social e os fatores espirituais relacionados ao tema.

No capítulo cinco defenderemos a posição assumida por Allan Kardec, e hoje questionada por parte dos cientistas sociais, de que existe um progresso social.

Por fim, no capítulo seis e sete examinaremos, também com Allan Kardec, caminhos para o bem-estar social, e apresentaremos algumas ideias sobre a questão do mérito pessoal em nossas palavras finais.

Um

Indivíduo e sociedade

Duas professoras conversavam sobre um aluno “problema”:

- Coitado do Fulaninho. Vem de uma família destroçada!

E a outra retruca:

- É verdade, Fulaninho destroça qualquer família.

A anedota retrata um dilema milenar: onde está o problema, e logicamente onde agir: no homem ou na sociedade?

Alguns acreditam que o bem-estar social se dará como consequência do aperfeiçoamento pessoal. Muitos autores espíritas pensam assim: o melhoramento da vida social se dará com o melhoramento de cada um em particular. Assim, temos que melhorar o homem, e, conseqüentemente, a sociedade estará melhor.

Max Weber, um dos fundadores da Sociologia, em parte, pensava mais ou menos assim. Segundo ele, não estamos à mercê de uma sociedade externa, mas somos seus criadores. Além disso, fatos sociais não determinam totalmente as nossas ações. Como seres humanos, fazemos escolhas, e não apenas respondemos passivamente aos eventos. Weber enfatizava os componentes ativos e criativos do comportamento humano.¹

Outros pensadores fizeram uma leitura diferente, enfatizando a natureza restritiva das estruturas sociais. Durkheim, outro fundador da Sociologia, argumentava que a sociedade tem primazia sobre a pessoa individual, e ela é muito mais do que a soma de atos individuais; ela tem uma “firmeza” ou “solidez” comparável com a das estruturas do ambiente material. A estrutura social define limites semelhantes sobre o que podemos fazer e, nesse sentido, ela é “externa” ao indivíduo. Os eventos que afetam a pessoa individual refletem questões sociais maiores.²

¹ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

² GIDDENS, Anthony. Sociologia.

Na atualidade, tem prevalecido uma terceira via, segundo a qual, essa separação não faz sentido: todos somos influenciados por contextos sociais, mas nosso comportamento nunca é determinado totalmente por esse contexto. Existem conexões entre o que a sociedade faz de nós e o que fazemos da sociedade e de nós mesmos. As estruturas sociais são criadas por meio das ações sociais dos indivíduos.

O sociólogo alemão Norbert Elias argumenta que a sociologia estuda as pessoas que estão sempre em redes ou relações de interdependência. Elias denomina essas redes interdependentes de *configurações*, e a abordagem de que ele foi pioneiro é conhecida como *estudos configuracionais* ou, às vezes, Sociologia do Processo.

A pessoa individual não é um ser autônomo, “fechado”, sepultado dentro de um corpo físico, entrando em contato com os outros apenas durante as interações, de forma semelhante a bolas de sinuca colidindo. Elias argumenta que os seres humanos são “pessoas abertas”, cujas identidades individuais e “eus” são socialmente produzidos em redes de relações sociais — eles são eus sociais. Por outro lado, a “coisa” que é rotineiramente chamada de “sociedade” não é coisa alguma, mas é, na realidade, um processo social de longo prazo de configurações em constante mudança.

O sociólogo inglês Anthony Giddens também adota um foco central na atividade estruturante das ações individuais. Giddens considera *estruturas sociais* como os padrões duradouros formados pelos relacionamentos entre pessoas, grupos e instituições e define ação como a intervenção do homem no mundo. A abordagem de Giddens parte do reconhecimento de que as pessoas, através de suas ações, fazem e refazem ativamente a estrutura social durante o curso de suas atividades cotidianas.

Por exemplo, o fato de cada um usar o sistema monetário contribui de forma mínima, mas essencial, para a própria existência desse sistema. Se todos, ou mesmo a maioria das pessoas, em algum momento decidissem não usar dinheiro, o sistema monetário “tipo coisa” seria arruinado.³

Examinando a relação entre liberdade e coerção, Giddens coloca que

a relação entre ação e coerção não influencia a principal característica da ação na teoria da estruturação: a ideia de que o

³ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

ator poderia ter agido de forma diferente. Mesmo num caso extremo, no qual uma pessoa recebe uma ordem sob ameaça letal, não se pode dizer que a pessoa “não teve escolha”. Ela tem: ela pode escolher lutar, ou pode escolher morrer. Só podemos dizer que ela não tem escolha em relação a seus valores: se essa pessoa valoriza a vida, o único curso de ação que a preserva é obedecer.⁴

E ainda:

toda sanção aplicada em relações de dominação exige alguma forma de aceitação dos subordinados a elas. A ditadura mais totalitária ainda implica que o povo sujeito a ela a aceite.⁵

Um conceito útil para analisar tais processos é a *estruturação*. A *Teoria da Estruturação*, proposta por Giddens, sustenta que “estrutura” e “ação” estão necessariamente relacionadas uma à outra e não são opostas.

Sociedades, comunidades e grupos têm “estrutura” apenas na medida em que as pessoas se comportam de formas regulares e bastante previsíveis. Por outro lado, a “ação” só é possível porque cada indivíduo tem uma enorme quantidade de conhecimento socialmente estruturado, anterior à sua existência como indivíduo.⁶

Segundo Giddens

estrutura e ação estão indissociavelmente ligadas, uma não tem prioridade sobre a outra. A ação só existe através da estrutura, a estrutura só existe através da ação. Mais propriamente, através da interação, já que estamos falando de estrutura social, que pressupõe comunidades de seres humanos.⁷

Em suma, para Giddens toda ação humana é realizada no contexto de uma estrutura social preexistente, que é regida por um conjunto de normas e/ou leis que são distintas das de outras estruturas sociais, mas, as estruturas sociais não são barreiras repressoras da ação humana nem impedem a capacidade de ação do agente social.

⁴ RIBEIRO, Fábio. O Caminho da Constituição da Sociedade.

⁵ RIBEIRO, Fábio. O Caminho da Constituição da Sociedade.

⁶ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

⁷ RIBEIRO, Fábio. O Caminho da Constituição da Sociedade.

O pensamento de Allan Kardec

Allan Kardec se posicionou de forma equivalente à terceira via, admitindo como reais tanto a força determinante do Espírito humano, como as influências poderosas da estrutura social. Ao propor um caminho para a dissolução do egoísmo, reconheceu a necessidade de uma ação conjunta sobre o sujeito e sobre a coletividade, conforme se constata nessa passagem:

Fundando-se o egoísmo no sentimento do interesse pessoal, bem difícil parece extirpá-lo inteiramente do coração humano. Chegar-se-á a consegui-lo?

- À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Depois, necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.⁸

Kardec realçou fortemente o papel do homem na construção de uma sociedade melhor, particularmente, pelo seu auto melhoramento e sua participação ativa na vida social:

Quando o homem está mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se torna para ele um arrastamento quase irresistível?

- Arrastamento, sim; irresistível, não; porque no meio dessa atmosfera de vícios pode encontrar grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir, e que tiveram, ao mesmo tempo, a missão de exercer uma boa influência sobre os seus semelhantes.⁹

Mas ele também reconheceu a necessidade de mudanças na estrutura social, considerando a relevante influência do meio no Espírito encarnado:

Com uma organização social criteriosa e previdente, ao homem só por culpa sua pode faltar o necessário. Porém, suas próprias faltas são frequentemente resultado do meio onde se acha colocado. Quando praticar a lei de Deus, terá uma ordem social

⁸ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 914.

⁹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 645.

fundada na justiça e na solidariedade e ele próprio também será melhor.¹⁰

E, ainda:

As faculdades [intelectuais e morais] se contrabalançam reciprocamente, se equilibram, se corroboram ou se atenuam umas às outras, de tal sorte que, para julgar um indivíduo, é preciso levar em conta o grau de influência de cada uma, em razão do seu desenvolvimento, depois pesar na balança o temperamento, o meio, os hábitos e a educação..¹¹

Considerando, então, o pensamento de Kardec, precisamos nos libertar do dualismo entre sujeito e sociedade, da mesma forma que precisamos nos libertar do dualismo Espírito/matéria quando examinamos o Espírito encarnado. São dimensões tão imbricadas que, dificilmente, podem ser compreendidas de forma exclusiva.

O homem será um sujeito que existe em dado contexto, que foi construído por forças inerentes a este contexto, e que não consegue dissociar-se dele. Por outro lado, a sociedade não existe por si mesma, só se concretiza pela presença e ação dos sujeitos que lhe são próprios.

Ao examinar a condição de muitos homens reduzidos à mendicância, Kardec reconhece que muitos assim estão por responsabilidade pessoal. No entanto, reconhece a necessidade de ação social educativa, quando afirma que

se uma boa educação moral lhes tivesse ensinado a praticar a lei de Deus, não teriam caído nos excessos que os levaram à perda. E é disso, sobretudo, que depende o melhoramento do vosso globo.¹²

O pensamento de Kardec de que as soluções para os dilemas humanos devem se dar por dupla ação - pessoal e coletiva - transparece neste texto:

[...] a ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Mas Deus, na sua sabedoria, quis que eles tivessem, nessa mesma ação, um meio de progredir e de se aproximarem

¹⁰ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 930.

¹¹ KARDEC, Allan. Revista Espírita. Abril/1862.

¹² KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 889.

d'Ele. É assim que, por uma lei admirável da sua providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.¹³

Nossa opção pela terceira via

Em síntese, considerando que o indivíduo só se torna humano a partir de sua interação com os demais seres humanos, torna-se impossível isolar o ser individual da sociedade. Ao nascer, um indivíduo da espécie *Homo Sapiens* é dotado de potencialidades inatas como linguagem, inteligência, postura bípede, entre outras coisas. Nenhuma dessas características se desenvolve “naturalmente”. Precisamos dos estímulos do meio para que cada uma delas seja utilizada, desenvolvida e lapidada. O homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, sendo a cultura essas teias. Os indivíduos sentem, percebem, raciocinam, julgam e agem sob a direção desses símbolos.

O indivíduo é moldado por fatores culturais e sociais, mas conserva sua capacidade de pensar, sentir e agir com independência, resguardando sua individualidade. O comportamento grupal, embora possa ter um funcionamento próprio, tem suas raízes no comportamento dos indivíduos. A sociedade não pode ser separada dos indivíduos, e, por sua vez, nenhum indivíduo alcançará suas potencialidades sem uma cultura em que participe.

Buscar o que se passa na mente do indivíduo, como ele pensa e sente, e mais do que isso, como ele age, é básico na ordenação das relações entre os homens e entre as instituições culturais que configuram a cultura de que participa.

Por que os indivíduos de uma parte do planeta desenvolveram culturas coletivistas, enquanto outros viraram individualistas? Os Estados Unidos são o exemplo do individualismo por, pelo menos, uma grande razão: a imigração. Atualmente, 12% dos americanos são imigrantes, outros 12% são filhos de imigrantes, e todos os demais (exceto 0,9% de indígenas puros) descendem de indivíduos que emigraram nos últimos quinhentos anos. E quem eram esses imigrantes? Aqueles que, no mundo estabelecido, eram excêntricos, insatisfeitos, inquietos, heréticos, *ovelhas negras*, hiperativos, hipomaniacos, misantropos, impacientes, não

¹³ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 132.

convencionais, ávidos por liberdade, por riqueza e para fugir de seus malditos, tediosos e repressivos vilarejos — enfim, ávidos.¹⁴

Somos seres individualizados e, ao mesmo tempo, coletivos. Por isso, estudar o processo de socialização, os agentes socializadores e a cultura e o conceito de identidade social é de fundamental importância para se compreender os problemas sociais que ocorrem atualmente em todas as sociedades.¹⁵

¹⁴ SAPOLSKY, Robert. *Comporte-se: A biologia humana em nosso melhor e pior.*

¹⁵ MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. *Antropologia: Uma introdução.*

Dois

As sociedades enfermas

O antropólogo David Graeber e o arqueólogo David Wengrow, ambos ingleses, indagam, no livro *O despertar de tudo*:

Por que o mundo parece ser tão caótico e por que tantas vezes os seres humanos destratam uns aos outros – as razões da guerra, da ganância, da exploração, da indiferença sistemática ao sofrimento alheio? Sempre fomos assim, ou em algum momento, algo deu muito errado? ¹

O pensamento dos autores pode ser ilustrado pelos exemplos a seguir, retirados do noticiário.

O ataque a tiros em uma escola da cidade de Nashville, no Estado americano do Tennessee, foi o 131º tiroteio em massa nos Estados Unidos desde o início deste ano. Houve uma média de 1,5 tiroteio em massa por dia no país de 1º de janeiro a 27 de março (86 dias). Eventos como esse estão em alta nos Estados Unidos nos últimos anos.

Em 2020 foram 610 tiroteios em massa. Em 2021, 690. E, no ano passado, 647. Para efeitos de comparação, foram registrados 273 tiroteios em massa em 2014. Só neste ano, já são quase 10 mil mortes por armas de fogo no país. Desse total, 5.742 estão relacionadas a suicídios. As 4.248 restantes envolvem homicídios (intencionais ou não, acidentais e por autodefesa).

Entre as crianças de 0 a 11 anos, 59 foram mortas e 130 ficaram feridas. Entre adolescentes, de 12 a 17, o número é maior: 344 mortos e 827 feridos. Desde 2020, as armas de fogo são a principal causa da morte entre crianças e adolescentes nos Estados Unidos, à frente dos acidentes

¹ GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo.

com veículos motorizados (tanto relacionados ao trânsito quanto não relacionados ao trânsito).²

Dos 828 milhões de pessoas com fome no mundo, 278 milhões vivem na África. No continente Africano situam-se 65% das terras agrícolas do mundo que nunca foram trabalhadas. Embora o continente tenha terra arável suficiente para alimentar milhões de pessoas até 2050, importa mais de 100 milhões de toneladas de alimentos.

O fato de os Estados coloniais, antes da independência, terem imposto um único tipo de produção aos agricultores africanos, de acordo com as suas próprias necessidades, e de este hábito se manter ainda hoje, impede que o continente se desenvolva no domínio da agricultura.

Além disso, o rápido aumento da população, a falta de investimento em infraestruturas e na agricultura também aprofundam o problema alimentar em África.

A presença de mais de 30 grupos terroristas armados no continente também afeta negativamente a agricultura e a criação de gado. Especialmente na região do Sahel e na bacia do Lago Chade, sabe-se que milhões de pessoas sofrem de fome e insegurança alimentar devido ao terrorismo e aos riscos de segurança.³

Mahsa Amini, a iraniana cuja morte provocou uma onda de grandes manifestações no Irã, morreu após um golpe violento na cabeça dado pela polícia moral no dia de sua prisão em Teerã, diz seu primo que vive no Iraque.

A jovem de 22 anos estava na capital iraniana para passar férias em família, em 13 de setembro, quando se deparou com a polícia da moral, encarregada de aplicar o rigoroso código de vestimenta exigido das mulheres na República Islâmica. A jovem, acompanhada dos pais e de um irmão de 17 anos, estava em Teerã para visitar familiares. Mahsa, seu irmão e outras mulheres da família passaram pela capital e, ao saírem da estação de metrô Haghani, a polícia da moral os parou. O irmão mais novo tentou explicar aos policiais que eles estavam pela primeira vez em Teerã e não conheciam as tradições locais. Foi inútil.

² Portal G1, 28/03/2023.

³ <https://www.trt.net.tr/portuguese/africa/2023/01/31/278-milhoes-de-pessoas-com-fome-em-africa-1940290>

O policial disse a ela “nós vamos levá-la embora, para inculir nela as regras e ensiná-la a usar o hijab e a se vestir”. E começou a bater nela.

No Irã, as mulheres devem cobrir o cabelo e o corpo até abaixo dos joelhos. Mas a maioria das mulheres se permite certas liberdades, por exemplo, um véu um pouco solto ou que cobre parcialmente o cabelo.

Os espancamentos continuaram a bordo do veículo. Após sua chegada à delegacia, levou pelo menos uma hora e meia para ser levada ao hospital. Depois de três dias em coma, a jovem morreu em 16 de setembro.⁴

O tráfico de seres humanos é estimado como a terceira atividade ilegal mais lucrativa do mundo e está presente em todas as regiões. A afirmação foi feita nesta quinta-feira pelo alto comissário de Direitos Humanos da ONU, Volker Turk, ao pedir por estratégias coordenadas para combater este tipo de crime.

Falando em uma conferência sobre o tema em Viena, na Áustria, ele disse que a prática é um dos crimes mais “antigos e hediondos” e que continua a prosperar em pleno século 21.

Segundo Turk, o tráfico de pessoas avança particularmente onde conflitos armados, recessão econômica, emergências de saúde, insegurança alimentar, desastres induzidos pelas mudanças climáticas e outras crises humanitárias “exacerbam as vulnerabilidades existentes.”

O chefe de direitos humanos da ONU ressaltou que essa é a história de “milhões de homens, mulheres e crianças, explorados sexualmente, sujeitos a trabalhos forçados, casamentos forçados, tráfico de drogas, servidão doméstica, colheita de órgãos e outros horrores.”

Meninas são afetadas de forma desproporcional. Elas representam mais de 70% de todas as vítimas detectadas em todo o mundo. São principalmente vítimas de tráfico para exploração sexual e casamento forçado, enquanto homens e rapazes constituem a maioria das vítimas de tráfico para trabalho forçado.

Para Turk, o tráfico de seres humanos é um grave problema de direitos humanos, não só pelas violações e abusos cometidos, mas também porque as pessoas que já vivem em situações de grande vulnerabilidade são as mais expostas.⁵

⁴ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/09/28/iraniana-que-morreu-por-usar-veu-errado-recebeu-golpe-na-cabeca-dos-policiais-afirma-primo.ghtml>

⁵ <https://news.un.org/pt/story/2023/10/1822172>

Uma mulher transexual foi brutalmente agredida por três pessoas na Praça Dr. Mário Ribeiro da Silva, no centro de Piratininga (SP), na noite de segunda-feira (3). Conforme o boletim de ocorrência, registrado nesta quarta-feira (5) por lesão corporal, a vítima foi xingada e agredida com socos, mordidas, empurrões e puxões de cabelo. Depois de agredi-la, o trio fugiu. Não se trata de um fato isolado. O número de agressões contra pessoas LGBTQIA+ registradas no ano de 2021 foi de 1.719, um aumento de 35,2% em relação a 2020, quando foram registradas 1.271. Já o número de estupros passou de 95 para 179. Dossiê divulgado em maio de 2023, contabilizou 273 mortes violentas de pessoas LGBTQI+ em 2022.⁶

Eventos repulsivos e inaceitáveis como esses não são, obviamente, observados em todos os países do mundo, mas, outros eventos, de natureza diferente, podem ser também relacionados a uma sociedade disfuncional. Um dos autores deste livro, vivendo alguns meses na Suécia, foi acometido de violenta cólica renal, tendo que deslocar-se a pé para o atendimento hospitalar, pois nenhum veículo encontrava-se disponível para transferi-lo, pelo tipo de ocorrência.

Um europeu esclarecido que se escandalizasse ante os fatos narrados acima, deveria se lembrar do colonialismo europeu, onde países como Inglaterra, França, Holanda, Espanha e Portugal foram responsáveis por escravização, genocídios, estupros, exploração econômica, destruição de bens e valores culturais e muito mais. E isso há bem pouco tempo. Portanto, cada sociedade encontra-se enferma à sua maneira.

Por que a denominação sociedade enferma?

Sociedade é um conjunto de seres que convivem de forma organizada. A palavra vem do latim *societas*, que significa “associação amistosa com outros”.⁷

Uma sociedade é qualquer grupo de pessoas que viveram e trabalharam juntas por tempo suficiente para organizarem-se e pensarem-se a si mesmas como uma unidade social com limites bem definidos.

⁶ Agência Brasil.11/05/2023.

⁷ <https://www.significados.com.br/sociedade/>

Quando os sociólogos falam de uma sociedade, eles geralmente se referem a um grupo de pessoas vivendo em um território limitado que compartilha recursos culturais comuns, como idioma, valores e normas básicas de comportamento.⁸

Segundo Pierre Bourdieu, a sociedade existe dependendo de quatro condições. Primeiro, é preciso haver uma pluralidade, agregado ou soma de indivíduos. Segundo, é preciso haver uma persistência no tempo, que é a condição do estabelecimento de forças de integração dos indivíduos que viveram e trabalharam juntos por tempo suficiente para organizarem-se. Terceira propriedade, é preciso a adaptação recíproca do comportamento dos indivíduos. Supõe-se que os indivíduos se modificam mútua e instantaneamente, como bolas de gude que se entrecrocaram e se modificam num instante, mas a questão das modificações duráveis não é nem sequer formulada. Em quarto lugar, eventualmente, postula-se a existência de uma consciência de grupo, de um sentimento de união, que muitas vezes é chamado de “espírito de corpo”.⁹

A cultura, por sua vez, é a própria maneira de viver de uma sociedade. A configuração dos padrões culturais garante seu eficiente funcionamento e sua conservação como unidade cultural. Proporciona ao indivíduo meios para a interação social, para a adaptação ao meio natural e mesmo para proteger-se do sobrenatural.

Todas as sociedades são unidas pelo fato de que seus membros são organizados em relações sociais estruturadas, de acordo com uma cultura única. Enquanto a personalidade é o sistema integrado de comportamentos, sentimentos, pensamentos e emoções característicos do indivíduo, a cultura é o sistema integrado de padrões de comportamento aprendidos, próprios dos membros de uma sociedade.

Sem a cultura, tanto a sociedade quanto os seus membros não poderiam inter-relacionar-se funcionalmente.¹⁰

O vocábulo *enferma* aplicado a sociedade, está sendo usado por nós em sentido figurado. Segundo o dicionário Michaelis, *enfermo* pode ser aplicado a qualquer coisa *que não apresenta bom funcionamento*.¹¹

Outros autores já se valeram do conceito de *enfermo* aplicado às sociedades.

⁸ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

⁹ BORDIEU, Pierre. Sociologia geral, vol.2.

¹⁰ MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. Antropologia: Uma introdução.

¹¹ <https://michaelis.uol.com.br/>

Sociedades enfermas é um trabalho acadêmico do professor emérito de Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Robert B. Edgerton. O livro, publicado em 1992, desafia a posição de relativismo cultural de alguns antropólogos anteriores. Edgerton lista exemplos de culturas e práticas antigas, mostrando que elas não foram felizes ou ambientalmente sustentáveis.¹²

O antropólogo inglês Radcliffe-Brown apresenta um pensamento que se identifica como nossa proposta, ao desenvolver conceitos inspirados em Durkheim que se refere ao estado patológico das sociedades, sua saúde ou doença social, relacionando esses conceitos com o nível de integração. Àquelas sociedades que tendem para uma integração social saudável, deve-se aplicar o termo *eunomia*. Para uma sociedade desarmônica, caracterizada pela desordem e pela não integração, o termo é *dinomia*.¹³

Ao enfatizar a necessidade de integração social, em obra de 1897, que examina o suicídio, Durkheim sugeriu ser possível distinguir entre estados “normais” e “patológicos” da sociedade.¹⁴

Outro termo que poderíamos aplicar às sociedades enfermas é *sociedades disfuncionais*, no sentido de que são sociedades que não funcionam eticamente de forma desejada. Kardec, examinando essas sociedades, sugere os termos *incivilizadas* ou *incompletas*, conforme o seguinte texto:

Por que indícios se pode reconhecer uma civilização completa?
- Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral. Credes que estais muito adiantados, porque tendes feito grandes descobertas e obtido maravilhosas invenções; porque vos alojais e vestis melhor do que os selvagens. Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houverdes banido os vícios que a desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que não percorrido a primeira fase da civilização.¹⁵

Parece evidente no pensamento de Kardec, que os conceitos de sociedade enferma, disfuncional, incompleta ou incivilizada se identificam fortemente com os valores morais cultivados no seio dessas sociedades.

¹² https://es.wikipedia.org/wiki/Sociedades_enfermas

¹³ MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. Antropologia: Uma introdução.

¹⁴ OUTHWAITE, William. Teoria social.

¹⁵ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 793.

Banir os vícios, viver como irmãos e praticar a caridade cristã seriam os antídotos contra o adoecimento social.

Léon Denis, em brilhante síntese, escreveu:

[...] A questão social é, acima de tudo, uma questão moral.¹⁶

Alguns sinais de enfermidade social

Em algumas sociedades prevalece, de forma quase absoluta, a miséria material: falta quase tudo que dá dignidade à vida. Em outras, são satisfatórios os recursos materiais, mas, prevalece a criminalidade, a corrupção, o individualismo, a descompaixão, ou o espírito colonialista.

Relacionamos, a seguir, alguns sinais que podem estar vinculados às sociedades enfermas.

- **Desigualdade social e pobreza extrema**

Alguns arqueólogos argumentam que, milhares de anos antes das origens da agricultura, as sociedades humanas já se dividiam por posição social, classe e transmissão hereditária de poder. O enaltecimento próprio e o poder coercitivo sempre foram as forças constantes por trás da evolução social humana. Acreditam que as primeiras evidências de desigualdade social, talvez sejam as raras sepulturas grandiosas, “ricamente” ornamentadas, datadas de cerca de 45 mil a.C.¹⁷

Embora seja um fenômeno sociológico endêmico, em nossos dias, a desigualdade atingiu taxas absurdas: os 10% mais ricos detêm 52% da renda mundial, enquanto os 50% mais pobres possuem apenas 8,5% do total.¹⁸

Alguns estudos têm mostrado que as sociedades menos desiguais no mundo contemporâneo são mais saudáveis e mais felizes. Exatamente o que explica essas diferenças, permanece obscuro. Uma explicação é que os níveis de insegurança são mais elevados em sociedades com sistemas de previdência social deficientes: nos Estados Unidos, por exemplo, uma breve doença pode significar desastre financeiro. Outra explicação, ligeiramente mais difundida, sugere que sociedades relativamente iguais têm em maior grau um sentimento comum do que Durkheim chamou de

¹⁶ DENIS, Léon. Socialismo e Espiritismo.

¹⁷ GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo.

¹⁸ <https://confluentes.org.br/2023/06/01>

solidariedade, e que isso, e não qualquer coisa mais tangível, pode explicar por que são mais saudáveis.¹⁹

A maior parte dos sociólogos acredita que a mais lamentável consequência da desigualdade social é a pobreza humana. Recentemente, a Organização das Nações Unidas publicou um relatório sobre a situação da pobreza no mundo. A pesquisa foi feita em 109 países, reunindo um contingente total de seis bilhões de pessoas. Desse total, o que foi apurado é que 1,3 bilhão de seres humanos – ou seja, um quarto da população investigada – vivem em situação de pobreza, o que é um dado muito estarrecedor. Um outro dado impactante é que metade da população que vive em situação de pobreza tem menos de 18 anos. Ou seja, são 650 milhões de crianças e jovens.²⁰

• Transtornos mentais

Embora os transtornos mentais sejam condições afeitas ao indivíduo em si mesmo, quando a sua prevalência alcança níveis elevados, pode sinalizar para o adoecimento social.

A saúde mental dos adolescentes e jovens, em particular, tem sido motivo de preocupação nos últimos anos. Estudos recentes indicam um aumento expressivo de casos de transtornos mentais, como ansiedade e depressão, em indivíduos dessa faixa etária. Dados divulgados pela Agência Brasil sobre o Relatório Mundial da Saúde mostram que do total de pessoas com transtorno mental no mundo (cerca de um bilhão), 14% corresponde aos adolescentes. Em relação a adolescentes que se automutilam, verificou-se que 83% dos casos são motivados por conflitos familiares não resolvidos.²¹

Os determinantes da saúde mental e transtornos mentais incluem não apenas atributos individuais, como a capacidade de administrar os pensamentos, as emoções, os comportamentos e as interações com os outros, mas também os fatores sociais, culturais, econômicos, políticos e ambientais, como as políticas nacionais, a proteção social, padrões de vida, as condições de trabalho e o apoio comunitário.

Estresse, genética, nutrição, infecções perinatais e exposição a perigos ambientais também são fatores que contribuem para os transtornos mentais.

¹⁹ OUTHWAITE, William. Teoria social.

²⁰ <https://jornal.usp.br/radio-usp/relatorio-da-onu-revela-quadro-de-pobreza-no-mundo/>

²¹ <https://oglobo.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2023/09/04/crescem-casos-de-transtornos-mentais-em-adolescentes.ghtml>

Os sistemas de saúde ainda não responderam adequadamente à carga dos transtornos mentais. Como consequência, a distância entre a necessidade de tratamento e sua oferta é ampla em todo o mundo. Em países de baixa e média renda, entre 76% e 85% das pessoas com transtornos mentais não recebem tratamento. Em países de alta renda, entre 35% e 50% das pessoas com transtornos mentais estão na mesma situação.

Um outro problema é a má qualidade dos cuidados prestados a muitos que recebem tratamento.

Além do apoio dos serviços de saúde, pessoas com transtornos mentais precisam de apoio e cuidados sociais. Frequentemente necessitam também de ajuda para acessar programas educativos que se adaptem às suas necessidades e encontrar emprego e moradia que lhes permitam viver e ser ativos nas suas comunidades locais.²²

Relevante relacionar aos transtornos mentais o uso de drogas, muitas vezes recreativo no início, para se tornar grave dependência depois, e o suicídio.

Em 2019, mais de 700 mil pessoas morreram por suicídio: uma em cada 100 mortes, o que levou a Organização Mundial de Saúde a produzir novas orientações para ajudar os países a melhorarem a prevenção do suicídio.²³

- **Criminalidade**

A criminalidade aparece em todas as sociedades e civilizações, integra o mundo atual, tanto nas grandes cidades, quanto nos lugares mais isolados. É evidente sinal de que uma sociedade não funciona bem, pois acarreta sofrimentos físicos (mortes, ferimentos, invalidez) e morais (perdas, insegurança, medo e preocupação excessiva).

Criminologistas em todo o mundo vêm procurando explicar o comportamento antissocial através da Teoria biossocial, segundo a qual as causas da criminalidade se encontram em uma conjunção de fatores biológicos e sociais. Entre os fatores de risco sociais destacam-se os maus tratos sofridos na infância, negligência, humilhação, rejeição materna, pobreza extrema, superlotação, vizinhança ruim, ausência completa de cuidado e sensação de pertencimento.²⁴

²² <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>

²³ <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>

²⁴ REINE, Adrian. Anatomia da violência.

Ao crime como ato individual, é possível relacionar o crime como ato estatal, onde nações, contaminadas pelo espírito de soberba e grandiosidade, promovem o expansionismo territorial, político ou cultural, tão afeito ao colonialismo.

- **Corrupção institucionalizada**

O conceito de corrupção é amplo, incluindo as práticas de suborno e de propina, a fraude, a apropriação indébita ou qualquer outro desvio de recursos por parte de um funcionário público. Além disso, pode envolver casos de nepotismo, extorsão, tráfico de influência, utilização de informação privilegiada para fins pessoais e a compra e venda de sentenças judiciais, entre diversas outras práticas.

A corrupção é um fenômeno social, político e econômico complexo que afeta todos os países do mundo. Em diferentes contextos, a corrupção prejudica as instituições democráticas, freia o desenvolvimento econômico e contribui para a instabilidade política. A corrupção corrói as bases das instituições democráticas, distorcendo processos eleitorais, minando o Estado de Direito e deslegitimando a burocracia. Isso causa o afastamento de investidores e desestimula a criação e o desenvolvimento de empresas no país, que não conseguem arcar com os "custos" da corrupção.²⁵

Um estudo realizado pela Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo) revelou os prejuízos econômicos e sociais que a corrupção causa ao Brasil. O valor chega a R\$ 69 bilhões de reais por ano.

E se esse dinheiro fosse investido no país? O número de matriculados na rede pública do ensino fundamental saltaria de 34,5 milhões para 51 milhões de alunos. Um aumento de 47, %, que incluiria mais de 16 milhões de jovens e crianças. Nos hospitais públicos do SUS, a quantidade de leitos para internação, que hoje é de 367.397, poderia crescer 89%, que significariam 327.012 leitos a mais para os pacientes. O número de moradias populares cresceria consideravelmente, cerca de 74,3%. Em termos de saneamento, a quantidade de domicílios atendidos poderia crescer em 103,8%, somando mais casas com esgotos. Isso diminuiria os riscos de saúde na população e a mortalidade infantil.²⁶

²⁵ <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/corruptcao/index.html>

²⁶ <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/o-preco-da-corrupcao-no-brasil-valor-chega-a-r-69-bilhoes-de-reais-por-ano/2925465>

- **Fundamentalismo religioso**

O termo fundamentalismo pode ser aplicado em muitos contextos diferentes para descrever a adesão estrita a um conjunto de princípios ou crenças. O fundamentalismo religioso descreve a abordagem adotada por grupos religiosos, que defendem a interpretação literal das escrituras ou dos textos e acreditam que as doutrinas que emergem a partir dessas leituras devem ser aplicadas a todos os aspectos da vida, sociais, econômicos e políticos.

Os fundamentalistas religiosos acreditam que somente uma visão do mundo é verdadeira, de modo que não existe espaço para ambiguidade ou interpretações múltiplas. Dentro dos movimentos religiosos fundamentalistas, o acesso aos significados exatos das escrituras está restrito a um conjunto de “intérpretes” privilegiados, normalmente líderes religiosos. Isso dá a esses líderes uma ampla autoridade tanto em questões religiosas como em questões seculares. Os fundamentalistas religiosos se tornaram figuras políticas poderosas nos movimentos de oposição, em partidos políticos e como chefes de Estado.²⁷

Algumas consequências do fundamentalismo religioso: guerras, terrorismo, destruição por fanáticos de instituições públicas, médicas ou religiosas, negacionismo científico, descrédito das instituições religiosas, com afastamento das pessoas lúcidas e de bom-senso.

O fracasso de grande parte das religiões contemporâneas tem, em grande parte, contribuído para o crescimento das filosofias niilistas e materialistas onde prevalece o individualismo e a falta de compaixão.

- **Consumismo**

O consumismo define a relação de quebra entre a ação de comprar e a necessidade do que está sendo adquirido. Para Bauman²⁸

Nós vivemos num mundo no qual o pragmatismo é a mais elevada das racionalidades (...) Esse pragmatismo é banal e – provavelmente – já se tornou inseparável do nosso mundo de consumidores: um mundo no qual os produtos, em vez de responder a demanda já existente, são obrigados (e é o deles se espera) a criá-la e incrementá-la – na verdade, invocá-la, com triste frequência *ab nihilo*.

²⁷ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. Retrotopia.

No consumo, o ato de comprar está diretamente relacionado à necessidade ou à sobrevivência. Já quando se trata de consumismo, essa relação está rompida, ou seja, a pessoa não precisa daquilo que está adquirindo. O consumismo está vinculado ao gasto em produtos sem utilidade imediata, supérfluos.

Esse hábito vem sendo discutido por muitos autores em suas origens e dimensões. Alguns estudiosos apontam a importância da publicidade na construção da obsessão pelo ato de comprar. Outros autores destacam a vinculação histórica da possibilidade de compra à vida boa, riqueza, saúde. Isso quer dizer que ao longo dos anos, pessoas que tinham maior poder de compra eram consideradas melhores que pessoas com menor poder de compra.²⁹

Consideramos sinal de enfermidade social, porque enquanto faltam os recursos mínimos necessários à sobrevivência digna de grande parte da população mundial, observam-se o consumo desmedido, o desperdício injustificável, a exploração irresponsável dos recursos naturais, agravando os casos de desequilíbrio ambiental e climático, relacionado, muitas vezes, ao desamor e desapareço pelos animais.

- **Intolerância**

Estão enfermas as sociedades onde prevalecem o preconceito e a discriminação, resultados da intolerância. Enquanto o preconceito é o pré-julgamento, a discriminação é o ato de diferenciar, de dar tratamento diferente.³⁰

O preconceito pode acontecer das mais variadas formas:

- **Intolerância político-ideológica:** se manifesta quando acreditamos que todos devem comungar dos nossos ideais políticos, e valoramos as pessoas unicamente por suas escolhas no campo político e partidário.

Na política, o significado de polarização está relacionado a uma divisão da sociedade em polos, que representam posições diferentes sobre um determinado tema. Porém, essa palavra tem sido usada de modo negativo, uma vez que passou a se referir a disputa entre dois grupos que se fecham em suas convicções e não estão dispostos ao diálogo.

Cientistas sociais afirmam que a democracia vai muito além do voto; ela requer respeito a regras comuns, reconhecimento da legitimidade dos adversários (ou seja, tratá-los como competidores legítimos dentro de uma disputa igualitária) tolerância e diálogo.

²⁹ <https://brasilescola.uol.com.br/psicologia/consumismo.htm>

³⁰ ALMEIDA, Silvio Luiz. Racismo estrutural.

O excesso de polarização compromete todos esses quesitos. Em uma sociedade concentrada em dois lados radicalizados, adversários são vistos como inimigos, o diálogo não é incentivado – é até condenado – e transgredir as regras parece justificável.³¹

No Brasil, em particular, esse fenômeno notabilizou-se pela “guerra” midiática. A polarização contaminou profundamente os meios de comunicação em geral, e as redes sociais, em particular, contribuindo fortemente para um crescente sentimento de animosidade, que ainda prevalece em nosso país.

– **Racismo:** no Brasil, consiste, particularmente, no preconceito contra indígenas e negros. A herança da escravidão e da exploração de territórios habitados originalmente por suas populações nativas gerou esse tipo de preconceito, que perdura desde a colonização.³²

Uma pálida evidência da gravidade do problema no Brasil pode ser vista em estudo recente que examinou a violência contra a mulher em nosso país. Enquanto a violência contra a mulher branca sofreu uma redução de 12%, a violência contra a mulher negra aumentou cerca de 20%.³³

– **Machismo, sexismo ou misoginia:** consiste no preconceito causado pela instauração e manutenção do poder patriarcal na sociedade. É a discriminação da mulher de várias formas, desde as mais estruturais, como a diferença de remuneração e a maior credibilização dos homens, até as mais evidentes, como o assédio, o estupro, o feminicídio e a violência doméstica.

No primeiro semestre de 2023, 722 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil, o que representa em média quatro assassinatos por dia, um crescimento de 2,6% comparado ao mesmo período do ano anterior, quando 704 mulheres foram assassinadas por razões de gênero. É o que revela levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), com base nos boletins de ocorrência registrados pelas Polícias Cíveis dos estados e do Distrito Federal.

Os registros de estupro e de estupros de vulnerável também registraram alta no país. Foram 34 mil casos de estupro e estupro de vulnerável de meninas e mulheres no primeiro semestre deste ano, um

³¹ <https://www.politize.com.br/o-que-e-polarizacao-politica/>

³² ALMEIDA, Silvio Luiz. Racismo estrutural.

³³ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-que-brancas-diz-pesquisa.shtml>

crescimento de 14,9% em relação ao mesmo período do ano passado. Isso significa que a cada 8 minutos, uma menina ou mulher foi estuprada entre janeiro e junho no Brasil, maior número da série iniciada em 2019. Como há subnotificação de casos de violência sexual, os números de estupro podem ser ainda maiores.³⁴

– **Intolerância religiosa:** consiste no preconceito motivado pela religião. Crenças religiosas tradicionais e dogmáticas tendem a defender o ponto de vista de suas leis e códigos como universais. Quando pessoas e instituições passam a atacar membros de outras religiões, ou excluí-los, isso se torna uma forma de preconceito. No Brasil, a intolerância religiosa está fortemente ligada ao racismo por atacar, principalmente, pessoas que professam a fé em religiões de matriz africana.

Embora possa causar estranhamento, os espíritas também podem ser vítimas de discriminação. A esposa de um dos autores deste livro, que teve recusada sua pretensão a uma vaga como educadora em uma escola tradicional de Juiz de Fora, ouviu da responsável pela instituição a seguinte justificativa: “Seu problema é que você não é simplesmente espírita, você é uma evangelizadora espírita. E, além disso, seu esposo é expositor espírita. Você entende como são essas coisas”.

– **Xenofobia:** A xenofobia é o nome que se utiliza em referência ao sentimento de hostilidade e ódio manifestado contra pessoas por elas serem estrangeiras (ou por serem enxergadas como estrangeiras). Esse preconceito social tornou-se mais comum em virtude do grande fluxo de migrações que tem acontecido.

Na Europa, por exemplo, os árabes e muçulmanos têm sido alvo de grande preconceito, assim como os mexicanos e latinos, em geral, nos Estados Unidos. No Brasil, também se vivencia esse problema, principalmente contra os imigrantes venezuelanos e haitianos.³⁵

– **Preconceitos estéticos,** como a gordofobia: a sociedade cria padrões estéticos, impossíveis de serem atingidos pela maior parte das pessoas. A criação de padrões estéticos e ideais de beleza acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos, no entanto, há um movimento de intensificação dessa ação que faz parte de um jogo de dominação do sistema de mercado, que, ao impor padrões de maneira cada vez mais incisiva, cria também uma indústria de serviços de suporte ao alcance do chamado corpo perfeito.

³⁴ <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/casos-de-feminicidio-e-estupro-no-pais-crescem-no-primeiro-semester-de-20231>

³⁵ <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/xenofobia.htm>

Quem mais sofre com isso são as pessoas consideradas gordas. A gordofobia afeta psicologicamente a vítima, causando estresse, ansiedade e abaixando a sua autoestima, além de incentivar o aparecimento de comportamentos compulsivos e distúrbios alimentares, como a bulimia e a anorexia.³⁶

Um de nós atendia, em seu consultório, quando chegou a paciente, uma senhora de meia idade. Ao entrar na sala, voltou os olhos para a cadeira onde se sentaria, e demonstrando sensação de alívio, disse: “Graças a Deus vou poder sentar-me. Eu não caibo em cadeiras com proteção lateral. Por isso deixei de ir aos cinemas e tenho que permanecer de pé em muitos locais aonde vou.”

Outros aspectos da aparência física, como certos trajes ou adereços, podem ser elementos de exclusão. Uma conhecida de um dos autores, contou-lhe o seguinte episódio: foi convocada por um diretor de uma grande empresa de Juiz de Fora, onde ela desenvolve atividades profissionais nos recursos humanos, a selecionar, através de entrevista, um profissional para a função de jornalista. Dezenas de candidatos se apresentaram. Antes de iniciar a seleção foi convocada à sala do presidente da empresa e ouviu dele a seguinte recomendação: “rapazes cabeludos ou com tatuagem e moças de piercing ou chinelinho de dedos elimine de cara”.

A expressão *elimine de cara* é cruel, pois significa o mesmo que não ouça, não deixe que ele se mostre, não permita que ele demonstre seu talento, julgue unicamente pela aparência, revelando uma lamentável atitude excludente.

– **LGBTfobia:** neologismo criado para incluir o preconceito sexual a categorias marginalizadas em nossa sociedade, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, a LGBTfobia é a manifestação de preconceito e discriminação contra essa população. Embasadas em uma moral tradicional e religiosa, muitas pessoas não aceitam o fato de que o comportamento heteronormativo não é o único possível e existente, e não aceitam o fato de que pessoas LGBT têm seu direito de existir e de manifestar sua sexualidade tanto quanto pessoas heterossexuais e cisgênero (que se identificam com o gênero alinhado ao seu corpo biológico; seriam o oposto de transgênero).

³⁶ <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-preconceito.htm>

Um sinal da gravidade do problema: a expectativa de vida de pessoas transexuais no Brasil é de 35 anos, enquanto da população geral gira em torno de 75 anos, ou seja, menos da metade.³⁷

– **Preconceito contra idosos (etarismo):** a população idosa também tem se tornado alvo de preconceito. Quem nunca ouviu a frase “Você não tem mais idade para isso!”?

Eles sofrem tanto com a crença incapacitante dos outros (que acreditam que idosos não têm capacidade de exercer tarefas normais do cotidiano, como dirigir ou trabalhar), quanto com a exclusão no mercado de trabalho, quando ainda não estão aposentados.

Pesquisa recente realizada em quase 200 empresas no Brasil, mostrou o perfil do mercado de trabalho para pessoas com mais de 50 anos. A maioria das companhias pesquisadas tem de 6 a 10% de pessoas com mais de 50 anos em seu quadro funcional. Segundo o estudo, 78% das empresas consideram-se etaristas e têm barreiras para contratação de trabalhadores nessa faixa de idade.³⁸

– **Preconceito contra portadores de necessidades especiais:** tanto deficientes físicos quanto deficientes cognitivos, além de pessoas que possuem transtornos como o autismo, sofrem diariamente com o preconceito. A discriminação contra essas pessoas pode ocorrer como ocorre com os idosos, com a crença incapacitante dos outros e com um sentimento de piedade, como também pode ocorrer por meio do isolamento, do medo e da desinformação das pessoas que evitam aproximar-se de deficientes.

Apenas 1% das milhões de pessoas com deficiência no Brasil estão inseridas no mercado de trabalho.³⁹

– **Preconceito por origem social:** essa forma, tão enraizada no Brasil, é manifestada pelas elites financeiras contra as populações desfavorecidas. Esse tipo de preconceito nutre um falso sentimento de superioridade dos ricos contra os pobres, que resulta na crença de que o pobre é inferior, é propenso à violência e tem a obrigação de ser subserviente.

A prática de manter os pobres longe dos olhos tem larga tradição no país e o ódio em relação aos despossuídos agora tem nome —

³⁷ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/01/27/brasil-lidera-ranking-de-mortes-de-pessoas-trans>

³⁸ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-06/etarismo-dificulta-insercao-de-maiores-de-50-anos-no-mercado>

³⁹ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-08/apenas-1-dos-brasileiros-com-deficiencia-esta-no-mercado-de>

aporofobia. Em grego, a palavra áporos significa “sem recursos”, portanto, o termo significa “rejeição ou aversão aos pobres”.⁴⁰

⁴⁰ <https://www.neca.org.br/o-que-e-aporofobia>

Três

Fatores humanos de adoecimento social

“No meu exílio no Chile, fiz amizade com um professor de lá. Certo dia, conversando com ele, coloquei minha mão em seu ombro, hábito que sempre cultivei no Brasil. O colega, constrangido com o fato, voltou-se para mim e diz:

- Paulo! Isso não se faz aqui no Chile. Tocar em outro homem, assim, pode ser muito mal interpretado.

Eu voltei para casa incomodado: devia haver algo errado naquela terra por condenar um gesto simples de afeto.

Tempos depois, estava na Tanzânia, na África. Ao término da aula, saí com um colega e começamos a passear pelo campus, quando, surpreendentemente, ele pegou em mim mão e saímos os dois de mãos dadas. Então foi a minha vez de ficar encabulado. Pensei logo: imaginem se passa por aqui alguém do Brasil e me vê de mãos entrelaçadas com outro homem!

E assim que pude, recolhi a mão ao bolso. Foi quando me lembrei do episódio do Chile e me enchi de vergonha. Tratava-se de um simples ato de afeto, que eu recusei, temeroso da impressão que pudesse causar.

Moral da história: cada roca tem seu fuso e cada terra tem seu uso.¹

O relato de Paulo Freire mostra que, entre os agrupamentos humanos, a diversidade é a regra. Diferem entre si na língua, alimentação, hábitos higiênicos, leis, costumes e muito mais. E diferem por múltiplos fatores, que nos importam examinar.

Em nosso livro *Personalidades Enfermas*, apresentamos, como convite à reflexão, a proposta de um modelo biopsicosocioespíritual para os transtornos mentais. Segundo esse modelo, os transtornos mentais

¹ <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2022/14182-dominacao-e-cultura.html>

devem ser entendidos como resultado de uma soma de fatores inter-relacionados: fatores biológicos, psíquicos, sociais e espirituais.²

Estaremos nos valendo desse mesmo modelo no exame das sociedades enfermas, admitindo que são múltiplos os fatores construtores da “personalidade” de uma coletividade e da natureza de seu adoecimento.

Allan Kardec reconhecia que fatores diversos devem ser considerados ao se examinar a natureza de um grupo social. Segundo ele, as diferenças físicas e morais que distinguem as raças humanas na Terra decorrem do clima, da vida e dos costumes.³

Lembra Kardec que serão distintos, tanto fisicamente como psiquicamente, indivíduos convivendo em regiões geográficas distintas, expostos ao calor e ao frio de forma diferente, com uma vegetação e recursos alimentares particulares, e tudo o mais que possa ser relacionado ao meio físico que habitam.

Ainda para Kardec, a existência de uma nação única no planeta seria impossível, visto que da diversidade dos climas se originam costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades, tornando indispensáveis sempre leis apropriadas a esses costumes e necessidades.⁴

Para melhor análise dos diferentes fatores intervenientes na formação cultural e adoecimento das coletividades, estaremos classificando-os, didaticamente, em dois grupos: *fatores humanos* e *fatores espirituais*. Denominamos de *fatores humanos* todos aqueles que se identificam com a corporeidade: a biologia, a geografia, a história, a política, a religião etc. Denominamos de *fatores espirituais* aqueles que se relacionam com as individualidades em si mesmas.

Neste capítulo examinamos os fatores humanos de adoecimento, e, no capítulo seguinte, os fatores espirituais.

Fatores biológicos

Considerando a existência de genes relacionados ao comportamento humano, e sabendo que os genes têm prevalência diferente em populações diferentes⁵, podemos considerar a biologia como um dos fatores que respondem por algumas diferenças entre as sociedades?

² CHAVES, Chrystian; MATOS, Ely; BAESSO, Ricardo. Personalidades Enfermas.

³ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 52.

⁴ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 789.

⁵ PLOMIN, Robert. Genética do Comportamento.

Tudo indica que sim. A genética pode desempenhar algum papel na formação das diferenças entre as populações humanas.⁶

Examinando a grave questão da violência e agressividade humanas, Renato Zamora Flores, do Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, esclarece que genes influenciam o comportamento de uma maneira probabilística, contribuindo para condições psicológicas que facilitam ao indivíduo agir de maneira violenta. Segundo ele, diversos resultados de pesquisas nos ajudam a entender porque, em ambientes culturais e familiares semelhantes, algumas pessoas se tornam violentas e outras, não. Talvez, estes sejam, em decorrência de um cérebro com características particulares, os que apresentam uma fragilidade maior para lidar com a pressão estressante do ambiente.⁷

Diversos dados, incluindo experimentos com crianças bem pequenas, apontam para propensões sociais inatas pra cooperatividade, ajuda aos outros, obediência a regras, punição para os que não obedecem, confiança seletiva em outras pessoas e um senso de equanimidade.

Os genes que dirigem o circuito neural desses comportamentos são em grande parte desconhecidos, mas alguns começam a ser identificados. Um exemplo importante: a MAO-A é uma enzima relacionada ao metabolismo de vários neurotransmissores. Existem evidências de que os sistemas genéticos que envolvem o controle da enzima MAO-A, estão associados a agressão. Hormônios como a vasopressina e a oxitocina são reconhecidos como moduladores da confiança, sendo responsáveis pela sensação de bem-estar em uma relação estável, duradoura e segura. Variações nesses hormônios podem estar relacionadas a formas diferentes de comportamentos interpessoais.⁸

Segundo Nicholas Wade, ex-redator e editor das revistas *Nature* e *Science*, é óbvio que a cultura é uma força poderosa e as pessoas não são escravas de suas propensões biológicas, as quais de qualquer jeito, apenas predispõe a mente a ir em certa direção. Porém se todos os indivíduos de uma sociedade têm propensões similares, por menores que sejam, para, digamos maior ou menor confiança social, ou maior ou menor conformidade, então a sociedade tenderá a agir naquela direção e a diferir de sociedades que não têm essas propensões. O gene MAO-A, que

⁶ WADE, Nicholas. Uma Herança Incômoda: Genes, Raça e História Humana.

⁷ <https://www.scielo.br/j/csc/a/SMNdyT4CQTxMxGsk5NGktTx/#>

⁸ <https://www.scielo.br/j/csc/a/SMNdyT4CQTxMxGsk5NGktTx/#>

influencia a agressividade, por exemplo, varia substancialmente entre as populações.⁹

Nem todos os estudiosos acreditam que as diferenças entre os povos possam ser atribuídas a qualquer efeito biológico, relacionando-as apenas a elementos históricos e geográficos. Segundo Jared Diamond, biólogo e pesquisador da Universidade da Califórnia, EUA, a história seguiu diferentes rumos para os diferentes povos devido às diferenças entre os ambientes em que viviam e não devido a diferenças biológicas entre eles. O meio ambiente geográfico e a biogeografia influenciaram o desenvolvimento.¹⁰

Mas a tendência hoje, mesmo entre os cientistas sociais, é aceitar a contribuição da biologia. Segundo os autores do livro *Antropologia uma introdução*, na verdade, nem o biologismo exclusivo, nem o culturalismo exclusivo podem dar as explicações esperadas para os fenômenos socioculturais. Para entender a sociedade humana, deve-se buscar a fusão das explicações culturais e biológicas, e, mesmo assim, as indagações e as dúvidas persistem.¹¹

Eles explicam que o meio tem um papel extremamente importante na forma como nos comportamos. Mas como podemos explicar que duas pessoas respondam de forma diferente ao mesmo estímulo? Esta questão pode ser respondida pela genética, mais especificamente pela análise de algumas estruturas do cérebro.

Segundo eles, o nosso cérebro é responsável por praticamente todas as nossas ações, e é o sistema límbico que desempenha o papel mais importante no que diz respeito à nossa personalidade. O sistema límbico é constituído por várias estruturas: o hipotálamo, o hipocampo, o septo, a amígdala e o bulbo olfativo. Este sistema tem um papel importante na emoção, na motivação e nos comportamentos agressivos. É por isso considerado o cérebro das emoções.

Um exemplo que comprova que o sistema límbico está diretamente associado à nossa personalidade é o fato de a retirada da amígdala cerebral desencadear comportamentos dóceis em macacos enquanto a destruição do septo provocou reações agressivas neles. Assim, é de capital importância o papel do meio e do cérebro, mais especificamente o sistema límbico, na formação da nossa personalidade.¹²

⁹ WADE, Nicholas. Uma Herança Incômoda: Genes, Raça e História Humana.

¹⁰ DIAMOND, Jared. Armas, germes e aço.

¹¹ MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. Antropologia: Uma introdução.

¹² MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. Antropologia: Uma introdução.

Um outro exemplo da influência dos fatores biológicos pode ser visto na dicotomia entre o Leste Asiático coletivista e o Ocidente individualista. Esta dicotomia possui um fascinante correlato genético. Existe uma variante de um gene que codifica um dos receptores do neurotransmissor dopamina (denominada 7R), que é mais associada à busca de novidades, extroversão e impulsividade. Essa variante ocorre em cerca de 23% dos europeus e americanos de origem europeia, e em apenas 1% entre os leste-asiáticos. Uma alta incidência desse gene, associada à impulsividade e à busca por novidades, é o legado dos indivíduos que empreenderam as maiores migrações da história.

Quando os leste-asiáticos começaram a cultivar o arroz e inventaram a sociedade coletivista, houve uma intensa seleção contrária à variante desse gene; ela foi “quase extinta” nessas populações. Segundo o neurocientista Robert Sapolsky, talvez os portadores de 7R tenham quebrado o pescoço inventando o voo com asa-delta ou ficaram impacientes e tentaram caminhar até o Alasca, mas se afogaram porque não havia mais uma ponte terrestre de Bering. Talvez eles fossem parceiros menos atraentes. Seja qual for a causa, o coletivismo cultural leste-asiático coevoluiu com a seleção contrária à variante 7R.¹³

Fatores geográficos

É cientificamente reconhecido que a natureza dos comportamentos está relacionada com o meio em que vivem as pessoas.¹⁴

A nossa espécie, *Homo Sapiens*, existe pelo menos há 200 mil anos, mas há cerca de 50 mil, deixou a África em direção ao resto do mundo. Desde que os primeiros humanos modernos se dispersaram da África, as populações de cada continente evoluíram em grande parte de maneira independente umas das outras, cada qual se adaptando ao seu próprio ambiente regional.¹⁵

Historicamente, as transformações ecológicas e as modificações climáticas ocorridas determinaram mudanças profundas no mundo vegetal e animal. Avanços e recuos de geleiras, temperaturas oscilantes e outros fatores provocaram modificações alimentares e o surgimento de novas necessidades que exigiam novas soluções. Grande número de seres vivos com alto ou baixo índice de adaptação encontrou, nessas mudanças geoclimáticas, o fim da espécie. Os primatas e o homem, com suficiente

¹³ SAPOLSKY, Robert. Comporte-se: A biologia humana em nosso melhor e pior.

¹⁴ MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. Antropologia: Uma introdução.

¹⁵ WADE, Nicholas. Uma Herança Incômoda: Genes, Raça e História Humana.

potencialidade adaptativa, foram ajustando-se gradativamente ao meio, embora com perda da semelhança física.

Os conhecimentos atuais sobre a alimentação humana tentam explicar diferenças físicas e até intelectuais em função dos componentes alimentares. Nas regiões frias, a alimentação é mais proteica e gordurosa; nas temperadas e quentes, predomina uma alimentação mais vegetal. Tais condições provocam peculiaridades adaptativas, tanto grupal quanto pessoal.

Também a temperatura determina o surgimento de necessidades básicas de proteção e requer todo um aparato sociocultural para a sua satisfação. Alimentação e temperatura associadas a outros fatores interferem na adaptabilidade humana. As altas e baixas temperaturas proporcionam ao homem maiores dificuldades de ajustamento ao meio. Contudo, isso constitui um estímulo à criatividade humana, pela necessidade de adoção de soluções, muitas vezes, extremas.

As regiões frias exigem o contínuo cuidado com o equilíbrio ecológico e social: acomodação hermética, fogo contínuo no inverno, roupas grossas capazes de manter o calor, estocagem de material calorífero (madeira) e de cobertura etc. Tais necessidades podem levar à mútua proteção, gerando maior contato social, maior interação entre os membros, maior ou menor desenvolvimento das potencialidades humanas.

Outro fator de considerável importância é a dependência do homem em relação à água. As populações com abundância de água não só têm sua vida facilitada, como também podem contar com fartura de alimentos. As sociedades carentes de água sofrem, além das necessidades biológicas, sérios problemas endêmicos bacterianos, gerados em função do mau armazenamento do líquido.

Para ilustrar, podemos observar os exemplos típicos de coletivismo produzidos pelo Leste Asiático. A chave está no amoldamento da cultura pelo modo como os indivíduos tradicionalmente ganham a vida, o que, por sua vez, é moldado pela ecologia. Naquela região, tudo gira em torno do arroz. Esse produto, cultivado ali há cerca de 10 mil anos, requer quantidades enormes de trabalho coletivo. E não se trata apenas das extenuantes etapas de plantio e colheita, que são feitas em rodízio, porque é preciso um vilarejo inteiro para colher o arroz de cada uma das famílias. O trabalho coletivo é fundamental para transformar o ecossistema, através da terraplanagem de montanhas e da construção e manutenção de sistemas de irrigação para o alagamento controlado dos

campos de arroz. Além disso, há a questão de como repartir a água de forma justa — em Bali, as autoridades religiosas regulam o acesso à água, simbolizado por icônicos templos da água.¹⁶

Voltando aos fatores geográficos, é preciso ressaltar que a altitude é também fator valioso. A pequena e crescente variação do oxigênio do ar cria sérios problemas de ajustamento ao meio. A adaptação em montanha provoca um volume físico menor, com hipertrofia muscular proporcional. Os hábitos e os costumes são característicos, e as personalidades muito voltadas para as agruras do meio ambiente. Não se pode ignorar a influência incisiva dos fatores ambientais na cultura e na personalidade¹⁷

Todos estes fatores estão relacionados diretamente à ocupação dos territórios pelos agrupamentos humanos. Estima-se que as aglomerações humanas em espaços fixos passaram a ser o modelo dominante há cerca de 15 mil anos¹⁸. Dos primeiros assentamentos, passando pelos burgos e chegando às áreas urbanas que conhecemos hoje, um traço em comum definiu o que entendemos por cidades: são, antes de tudo, aglomerações de pessoas.

A densidade urbana é a medida resultante da relação entre a população e a superfície do território, normalmente expressa em habitantes por quilômetro quadrado. O crescimento vertical, através da construção de altos prédios, aumentou a densidade urbana e trouxe novos desafios. As forças econômicas afastam as pessoas dos centros das cidades, conduzindo-as para áreas mais distantes, onde o preço das moradias tende a ser mais baixo. Esses locais acabam se tornando altamente densos, dificultando o acesso a serviços urbanos básicos, gerando áreas mais vulneráveis à criminalidade e a desastres naturais.

O compartilhamento de pequenos espaços também afeta o relacionamento humano. Pessoas com características e interesses muito diversos precisam conviver, dividindo recursos físicos e custos, o que pode se tornar causas de muitos conflitos.

Jared Diamond, examinando o papel do ambiente no desenvolvimento dos indivíduos e das diferentes civilizações humanas, comenta que a história avançou de modo muito diferente para os povos de cada parte do globo. O desenvolvimento humano em alguns continentes começou bem antes do que em outros. Essas diferenças

¹⁶ SAPOLSKY, Robert. Comporte-se: A biologia humana em nosso melhor e pior.

¹⁷ MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. Antropologia: Uma introdução.

¹⁸ <https://www.wribrasil.org.br/noticias/o-que-gera-densidade-urbana-e-quais-os-efeitos-do-adensamento-nas-cidades>

representam os fatos mais elementares da história mundial e suas causas continuam incertas e controversas.¹⁹

Por que o desenvolvimento humano avançou em ritmos desiguais nos diferentes continentes? Segundo Diamond, as raízes das desigualdades no mundo moderno encontram-se lá atrás, na pré-história. Até o fim da última Era Glacial, cerca de 11 mil anos antes de Cristo, todos os povos de todos os continentes eram caçadores-coletores de alimentos. Entre 11000 a.C. e 1500 d.C., diferentes ritmos de desenvolvimento nos vários continentes resultaram nas desigualdades tecnológicas e políticas existentes em 1500, em alguns países.

- **O exemplo dos maoris e morioris**

Jared Diamond ilustra sua tese reportando-se a um exemplo recente, narrado a seguir.

No ano de 1835, os habitantes das ilhas Chatham foram praticamente dizimados por invasores maoris. As ilhas Chatham localizam-se na Polinésia, 800 quilômetros a leste da Nova Zelândia. Eram habitadas pelo povo moriori, cerca de 2000 pessoas que viviam pacificamente da colheita de frutos, da caça e da pesca. Eram caçadores-coletores que resolviam de forma pacífica seus conflitos. Em novembro e dezembro deste ano, um grupo de cerca de 900 maoris, violento e extremamente treinado nas estratégias da guerra, vindos de uma região ao norte da Nova Zelândia, carregados de armas, porretes e machados, chegou à ilha. Grupos de maoris começaram a percorrer as colônias morioris, anunciando que estes passavam a ser escravizados e que matariam os que se opusessem. Antes que os morioris pudessem apresentar uma proposta de entendimento, os maoris atacaram em massa, exterminando indistintamente homens, mulheres e crianças.

Um conquistador maori explicou: “Tomamos posse... de acordo com nosso costume e pegamos todo o mundo. Ninguém escapou – mas o que tem isso? Foi tudo de acordo com nossos costumes”.

O que torna o choque entre maoris e morioris em um episódio paradigmático é que os dois grupos tinham uma origem comum menos de um milênio antes. Ambos eram polinésios. Os modernos maoris descendem de fazendeiros polinésios que colonizaram a Nova Zelândia por volta do ano 1000 da Era Cristã. Pouco depois, um grupo desses

¹⁹ DIAMOND, Jared. Armas, germes e aço.

maoris deixou a Nova Zelândia e colonizou as ilhas Chatham e se tornou moriori.

Por que se tornaram tão diferentes já que os seus ancestrais compartilhavam essencialmente a mesma cultura, a linguagem e a tecnologia, além dos mesmos tipos de plantas cultivadas e animais domesticados? É fácil verificar como os ambientes distintos das ilhas Chatham e da Nova Zelândia moldaram de modo diferente os morioris e os maoris. Os ancestrais dos maoris que começaram a colonizar as Chatham podiam ser agricultores, mas suas culturas tropicais não se adaptavam às ilhas de clima frio – como as Chatham –, o que os obrigou a voltar à condição de caçadores-coletores. Nessa condição, sem ter como produzir excedentes para redistribuir ou armazenar, não tinham como sustentar e alimentar quem não caçava, como os artesãos, os exércitos, os burocratas e os chefes. Suas presas eram focas, mariscos, aves marinhas e peixes que conseguiam capturar com as mãos ou com porretes, sem exigir qualquer sofisticação tecnológica. Além disso, as Chatham eram ilhas relativamente pequenas e remotas, capazes de manter uma população de apenas 2.000 caçadores-coletores e lá eles aprenderam a conviver uns com os outros, renunciando à guerra.

Por outro lado, o norte (mais quente) da Nova Zelândia era mais adequado à agricultura. Os maoris que permaneceram na Nova Zelândia cresceram numericamente, constituindo uma população de mais de 100.000 pessoas. Em função disso, geraram grandes densidades populacionais cronicamente envolvidas em ferozes batalhas com seus vizinhos. Com os excedentes agrícolas que podiam estocar, alimentavam artesãos, chefes e soldados. Eles precisavam e desenvolveram diversas ferramentas para agricultura, as guerras e a arte.

Portanto, as sociedades maoris e moriori, que tinham uma origem comum seguiram linhas totalmente diferentes. As sociedades resultantes perderam até mesmo a consciência da existência uma da outra. Finalmente, um navio australiano de caçadores de foca em visita às Chatham, a caminho da Nova Zelândia, levou para lá a informação da existência daquela ilha, fato que motivou a excursão maori que exterminou a população que lá vivia.

Fatores religiosos

Religião é a tradução do termo latino *religare*. Embora carregado de muitas interpretações, o termo é geralmente entendido como o sentimento que liga o homem ao seu Criador. Neste sentido, o ser humano sempre esteve ligado ao sentimento religioso. A necessidade de entender

o mundo e a sua própria existência fez nascer as primeiras expressões religiosas. Essas expressões estavam fundamentadas nos fenômenos naturais, uma vez que o relacionamento do homem primitivo com a natureza é direto, sendo sua fonte imediata de sobrevivência e de perigo.

Povos nômades e agrupamentos escravizados ao solo por extremado gregarismo adotaram as mais estranhas formas de fé²⁰, muitas apoiadas em uma espécie de barbárie natural. Gradativamente, porém, as grandes civilizações se estruturaram em torno de elementos religiosos mais sofisticados. A civilização egípcia, por exemplo, tinha toda a vida social, econômica, cultural e arquitetônica moldada pela religião. Pode-se dizer que a engenharia e arquitetura do antigo Egito foram desenvolvidas em decorrência da religião. Os hebreus se agregam ao redor da construção do relacionamento com Deus, agregam sentido à sua história, a partir da ressignificação do seu passado, e assim constroem sua ideia de futuro. Seu sistema de leis, o esforço de engenharia e de arquitetura para construção do templo, os relacionamentos sociais, tudo é impulsionado pela sua concepção religiosa. Com o cristianismo surge a ideia de valorização do indivíduo, de dignidade humana. Os primeiros centros de assistência social para enfermos nascem da caridade cristã. As principais concepções éticas nascem dos preceitos religiosos e podemos afirmar que, de forma geral, a maioria das religiões possui um código de ética que fundamentalmente valoriza o respeito ao próximo.²¹

Na Sociologia, o estudo da religião é um tema constitutivo e fundador. Tanto Karl Marx, como Émile Durkheim e Max Weber se interessaram pela elaboração de teorias visando compreender aspectos da vida religiosa e sua influência na sociedade.²²

A teoria marxista considera que a forma como o homem produz e reproduz sua sobrevivência exerce uma influência determinante sobre as outras esferas da vida social, incluindo a religião. A sociologia compreensiva formulada por Weber se contrapõe ao determinismo econômico ao considerar que há situações em que ocorre o inverso, ou seja, as ideias, valores éticos e concepções de mundo podem desempenhar um papel crucial na produção da vida material.

²⁰ LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Evolução em dois mundos. Cap. 20.

²¹ <https://www.uninter.com/noticias/a-influencia-da-religiao-na-sociedade>

²² <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/religiao-o-papel-que-as-crencas-religiosas-desempenham-na-vida-social.htm>

Weber atribuiu às crenças e valores religiosos um papel importante na conduta dos indivíduos em sociedade. Num dos seus livros mais proeminentes, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, ele defendeu a tese de que a religião protestante exerceu uma poderosa influência no surgimento do modo de produção capitalista. Em outros estudos, ele analisa o hinduísmo e outras religiões que são a base das sociedades de castas. Nesses casos, a religião serviria para manter uma ordem social e econômica acentuadamente hierarquizada e estática, ou seja, sem qualquer possibilidade de haver mobilidade e mudança social.

- **A ordem social**

A questão da influência das religiões na ordem social é importante. Como sabemos, “Os seres humanos são seres sociais”²³. Com a evolução das sociedades, as interações sociais vão se tornando mais complexas. Cada indivíduo se torna um “ator social” e assume vários papéis sociais. Em uma estrutura complexa, com uma grande diversidade de papéis e posições de status, algo da individualidade vai sendo perdido. Cada membro da sociedade aprende qual é seu papel desde a infância, através da escola e da família. De certa forma, ele é programado para exercer esse papel durante toda a vida. Ele aprende o que deve e o que não deve fazer segundo sua posição social e as expectativas inerentes a esta. Toda posição de status, portanto todo papel, é imbuída de prerrogativas e expectativas, perante os outros atores sociais.

Este processo, chamado de “socialização”, é o grande propósito das instituições sociais. Através da socialização, os desejos individuais são moldados de acordo com a situação do indivíduo na estrutura social. Por meio da socialização aprende-se a aceitar a estrutura social como ela é. Segundo Durkheim, é tarefa da família e da religião proporcionar ao indivíduo a incorporação dos valores da sociedade²⁴. Naturalmente, a socialização nunca é perfeita. Se ela funcionasse perfeitamente, haveria pouquíssima individualidade, inexistiriam criminosos, revolucionários, membros insatisfeitos ou que se desviaram, e ninguém ficaria contrariado com estrutura social.²⁵

Neste sentido, as religiões têm um papel fundamental na ordem social. A maioria das culturas do planeta nasceu e cresceu com suas respectivas religiões e cultos, o que confirma que a religião está

²³ CHARON, Joel M. Introdução à Sociologia.

²⁴ CHARON, Joel M. Introdução à Sociologia.

²⁵ SERRETTI, André. A religião e a ordem social – breves considerações.

intrinsecamente ligada aos padrões e valores morais da cultura de determinado povo. Pelo fato de a maioria das religiões pregar a lealdade à mesma, ela indiretamente prega a lealdade aos valores e padrões morais de certa sociedade, além de prover mecanismos coercitivos e rotulações para indivíduos desviantes dos padrões sociais, e premiações para indivíduos que agem de acordo com os paradigmas socioculturais, mecanismos estes que também contribuem para a manutenção da ordem social.

Desta forma, por estar associada a praticamente todas as expressões humanas, a influência da religião é penetrante. Estruturas religiosas são associadas aos poderes políticos, fomentando guerras, revoluções e perseguições. Código de costumes regulam as relações humanas, como as formas de casamento e o exercício da sexualidade. Discussões sobre conteúdos escolares e processos educacionais são motivados por visões religiosas distintas. Como vimos antes, mesmo questões ligadas à economia são influenciadas pela religião.

Porém, dentro do contexto das transformações sociais, as religiões também têm sido afetadas, em especial no Ocidente. Gilles Lipovetsky²⁶ focaliza alguns dos problemas gerais de nossa época: o enfraquecimento da sociedade, dos costumes, do indivíduo contemporâneo da era do consumo de massa, a emergência de um modo de socialização e de individualização inédito, numa ruptura com o que foi instituído a partir dos séculos XVII e XVIII o que faz com que vivamos em um mundo de perda de valores, de uma cultura narcísica e individualista. Como resultado, as instituições religiosas tradicionais estão perdendo sua força, com declínio do número de seus adeptos.

Conforme essa “não-lealdade” às instituições religiosas aumenta, a função da religião para a ordem social e para o próprio funcionamento da sociedade parece comprometida. No sentido oposto, observa-se também uma tendência ao fundamentalismo religioso, comentado no capítulo 2. Como muitas religiões definem estritamente quem está dentro e quem está fora de seu grupo, os adeptos são incentivados a se sentirem parte de um grupo especial, segregando e apartando os não-adeptos.

O fundamentalismo e a intolerância nascem do radicalismo e da ausência de respeito mútuo entre adeptos de religiões diferentes. Muitas vezes esquece-se que antes mesmo de serem adeptos de outro credo, ou

²⁶ LIPOVETSKI, Gilles. A era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo.

de nenhum, são seres humanos, o que por si basta para que sejam dignos de respeito, independentemente de sua forma de pensar ou de sua vinculação religiosa e cultural.

Fatores históricos e políticos

As características particulares de uma sociedade têm sido relacionadas igualmente a sua formação histórica. Tal qual o indivíduo, que vai construindo sua personalidade a partir das experiências vividas, assim, também, um povo vai construindo seus elementos culturais pelos acontecimentos que vivencia.

O antropólogo Franz Boas acenava para o estudo da história cultural, a única que, para ele, permitia a compreensão da situação e das características atuais de qualquer sociedade. Era partidário de uma visão histórica especial da cultura, que não deveria significar mero estudo do passado, mas ser aplicado, igualmente, à observação do presente. Propôs o estudo de objetos e acontecimentos singulares ou específicos no tempo e no espaço. Correlacionou a perspectiva histórica com a invenção e a difusão do que resultaria a distribuição de elementos culturais em determinado momento e área cultural.²⁷

Marx, por sua vez, embora pessimista ante a exploração econômica e o domínio dos detentores do poder, valorizava, mesmo assim, a História, em detrimento da natureza, e a considerava como o móvel de construção e aprimoramento da condição humana.²⁸

Paulatinamente, leis e costumes vão sendo estabelecidos, via de regra, regidos por forças de poder, decorrentes da ambição e ousadia de alguns. Mudam-se as leis conforme os costumes; os costumes, por sua vez, definem novas leis e assim sucessivamente. Assim, a natureza política de uma sociedade, seu regime e suas relações de poder vão sendo estabelecidos.

Em torno dos fatores históricos e políticos na construção da identidade de um povo, apresentamos, de forma bastante sucinta, dois exemplos que permitem relacionar as condições atuais das comunidades citadas com seus elementos históricos e suas decisões políticas.

²⁷ MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. Antropologia: Uma introdução.

²⁸ MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. Antropologia: Uma introdução.

- **As favelas do Rio de Janeiro**

Grande parte da criminalidade que se verifica na cidade do Rio de Janeiro vem sendo correlacionada às condições sub-humanas de vida nas favelas. Este problema está relacionado ao adensamento populacional, citado anteriormente.

Segundo João Carlos Ramos Magalhães, mestre em Economia pela Fundação Getúlio Vargas, a origem das favelas na cidade do Rio de Janeiro remonta ao Brasil colonial. Em 1808, 30% da população carioca é expulsa de suas casas para dar moradia aos acompanhantes da família real portuguesa. Para permanecerem no centro da cidade inúmeras famílias passam a residir em habitações coletivas, cortiços, cujo número cresce após 1822, com o abandono de grandes casas, após o retorno dos portugueses com a independência.

A extinção do regime escravocrata em 1888, sem a criação de políticas de inserção dos ex-escravizados no mercado de trabalho ou de garantias básicas de sobrevivência (alimentação, moradia e saúde), gera migrações em massa para as cidades de desempregados e subempregados que, sem condições de comprar ou alugar moradias legais, se alojam em cortiços, antigos quilombos ou constroem moradias em áreas ilegais e desvalorizadas de morros, grotas e pântanos.²⁹

Esclarece o historiador Nireu Oliveira Cavalcanti que o centro da cidade do Rio de Janeiro era tomado por cortiços, grandes e velhos casarões que abrigavam inúmeras famílias de baixa renda, além de pessoas consideradas indesejáveis.

Os cortiços alugavam quartos por preços baixos no centro. Todo o tipo de gente morava amontoada nestes locais. As condições de vida não eram boas. Aluísio Azevedo retrata essa situação em sua obra *O Cortiço*.

Em 1903, o Brasil se aproximava do centenário da independência. A capital, na época o Rio de Janeiro, ainda carregava aspectos arquitetônicos semelhantes ao período colonial: ruas estreitas, um estilo barroco e uma cidade que sofria problemas sérios de higiene. Pereira Passos, o prefeito da época, se aliou ao presidente Rodrigues Alves para levantar fundos para a modernização do Rio de Janeiro. A capital do país ainda não tinha nem saneamento básico. Muitas casas recolhiam seus dejetos em baldes e os atiravam nas ruas. As estreitas ruas eram locais cheios de sujeiras e doenças.

²⁹ IPEA. Revista desafios do desenvolvimento.

A reforma do Rio de Janeiro tinha como objetivo modernizar a capital, torná-la semelhante à moderna Paris e melhorar as condições de higiene. Em sua gestão, Passos criou a Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, a Avenida Beira-Mar e a Avenida Maracanã.

A reforma se inspirou tanto no exemplo da capital francesa, que o Rio de Janeiro passou a ser conhecido como “Paris dos trópicos”, uma cidade cartão-postal.

Para criar avenidas largas, arborizadas e que permitissem a passagem de carros no centro da capital, era necessário derrubar os casarões. Durante a reforma, o prefeito Pereira Passos não hesitou: expulsou os pobres moradores que moravam amontoados nos velhos casarões e demoliu os cortiços para implementar seus planos de reforma.

A população foi obrigada a procurar refúgio em subúrbios afastados na capital. A expulsão deu início ao processo de favelização do Rio de Janeiro. Os moradores expulsos nem sequer receberam indenização ao perder suas casas, de acordo com Nireu Cavalcanti.³⁰

Com as demolições dos cortiços do centro da cidade pelo Prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1906, sem indenização, seus moradores passam a ocupar os morros mais próximos. É justamente essa a situação que está ligada ao surgimento das favelas no Rio de Janeiro.

No século XX a cidade cresce de forma acelerada e o esforço do Estado em construir habitações populares não é suficiente para acomodar o fluxo de imigrantes. Como parte dos salários não era suficiente para a compra ou aluguel de moradias formais restou a solução de morar em terrenos ilegais, por serem mais baratos, próximos aos locais de trabalho e permitirem a construção progressiva e sem regras.

Com o passar dos anos, o resultado de tudo isso, em grande parte, é que algumas dessas comunidades passaram a ser alvo do controle interno e paralelo das organizações criminosas, principalmente as ligadas ao tráfico de entorpecentes.³¹

Estudo recente mostrou que a população que mora em favelas do Rio de Janeiro vive entre 29 e 23 anos a menos na comparação com moradores dos bairros mais nobres do país.³²

³⁰ <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/favelas-no-rio-de-janeiro>

³¹ <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-criminalidade-nas-favelas-brasileiras-a-luz-da-teoria-da-desorganizacao-social>

³² <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/moradores-de-favelas-do-rj-vivem-ate-29-anos-menos-que-habitantes-de-areas-nobres-diz-estudo/>

- **Os conflitos no oriente médio**

Um dos conflitos que mais geram tensões e preocupações em todo o mundo é o que envolve judeus e muçulmanos no território de enclave entre Israel e Palestina.

Ambos os lados reivindicam o seu próprio espaço de soberania, embora atualmente esse direito seja exercido plenamente apenas pelos israelenses. Com isso, guerras são travadas, grupos considerados terroristas erguem-se, vidas são perdidas, e uma paz duradoura encontra-se cada vez mais distante.

A área de disputa entre os dois lados em questão localiza-se no Oriente Médio, mais precisamente, na Palestina, tendo como foco a cidade de Jerusalém, um ponto de forte potencial turístico religioso e que é considerado um lugar sagrado para as três grandes religiões monotéistas do planeta: o cristianismo, o islamismo e o judaísmo.

Pode-se dizer que tudo começou com o surgimento do movimento sionista, no final do século XIX. Nesse período, uma grande quantidade de judeus, expulsos da Rússia e de outros países, começou a migrar, em massa, em direção aos territórios da Palestina, então habitados por cerca de 500 mil árabes. Essa região era reivindicada pelos judeus por ter sido deles até a sua expulsão pelo Império Romano, no início da era cristã, dando início à diáspora judaica, a dispersão de judeus pelo mundo.

No entanto, o crescente número de judeus na Palestina começou a criar um forte atrito com a comunidade árabe, estabelecida na Palestina havia séculos. Nesse momento, organizações sionistas já financiavam a migração de milhares de judeus para a Palestina, contribuindo para o desenvolvimento de movimentos nacionalistas palestinos.

Um desses movimentos foi liderado por Hajj Amin al-Husseini, que defendia o fim da presença britânica e era contrário à crescente presença judaica na região. Al-Husseini, inclusive, chegou a liderar uma revolta de palestinos em 1936, uma evidência de que o clima era tenso.

O genocídio sofrido pelos judeus na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, chocou o mundo e estabeleceu as condições políticas para que um Estado judeu pudesse ser criado na Palestina. Os ingleses, que eram a autoridade colonial da região, abriram mão de seu domínio e entregaram a disputa de palestinos e judeus para a Organização das Nações Unidas.

A decisão tomada pela ONU foi a de dividir a Palestina entre judeus e árabes. Dessa forma, aproximadamente metade do território seria

ocupada por um desses povos, e Jerusalém, a capital, ficaria sob administração internacional. A ONU estabeleceu o seguinte: Israel seria formado por 53,5% das terras; Palestina seria formada por 45,4% das terras; O restante corresponderia a Jerusalém, sob controle internacional.

Havia nessa divisão uma grande contradição, pois os judeus, que correspondiam a 30% da população, ficariam com uma parcela maior do território. Os palestinos, por sua vez, correspondiam a 70% da população e ficariam com uma parcela menor. Além disso, as autoridades árabes alegaram que o seu território concentrava as terras menos férteis e que eles teriam acesso mais limitado à água potável.

A proposta foi aceita pelos judeus, mas foi rejeitada pelos árabes. Mesmo assim, foi aprovada em Assembleia Geral da ONU no dia 29 de novembro de 1947. No ano seguinte, os britânicos se retiraram da Palestina, e, em 14 de maio de 1948, foi proclamada a fundação do Estado de Israel.

A fundação de Israel incrementou os conflitos entre árabes e israelenses, que se mantém até os dias de hoje.³³

³³ <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-conflito-entre-israel-palestina.htm>

Quatro

Fatores espirituais de adoecimento social

Uma noite, uma pobre família recorreu a Dom Hélder Câmara, arcebispo de Recife e Olinda:

– Seu bispo, a polícia levou nosso pai confundido com um bandido. Estão batendo muito nele.

Dom Hélder, imediatamente, dirigiu-se à delegacia.

– Seu bispo – exclamou o delegado –, o Senhor por aqui?

– Sim – respondeu Dom Hélder –, vim em busca do meu irmão.

– Seu irmão!?

– Está preso aqui. É o fulano!

O delegado ordenou a imediata libertação do preso, e comentou:

– Mas os senhores são tão diferentes – observou o delegado – na cor e no nome! Dom Hélder não titubeou:

– Na verdade, somos meios-irmãos. É que somos filhos do mesmo Pai.¹

Dom Helder, involuntariamente, fazia alusão a um tipo de relação parental que existe em todas as criaturas humanas e que transcende os laços corporais: as relações existentes em grupos de Espíritos afins.

No capítulo anterior, examinamos os fatores humanos relacionados à singularidade dos agrupamentos e à natureza de seu adoecimento. Embora a carência de uma teoria social espírita estruturada seja reconhecida por estudiosos dos Espiritismo², neste capítulo buscamos contribuir para a discussão, apresentando alguns fatores espirituais relacionados ao adoecimento social.

¹ CONDINI, Martinho. Dom Hélder Câmara, um modelo de esperança.

² SIGNATES, Luiz. Fundamentos para uma Teoria Social Espírita.

Sociedades como coletividades de Espíritos

Sob o aspecto espiritual, as sociedades devem ser vistas como agrupamentos de Espíritos, que guardam entre si certas afinidades.

Afinidades são relações que se estabelecem em quase todos os fenômenos naturais. Existem afinidades entre os elementos químicos, entre as moléculas que constituem os seres vivos, entre os seres vivos entre si, por mais simples que sejam, e entre os seres espirituais.

Os Espíritos e os homens se buscam e se agrupam segundo inclinações, tendências e motivações. Segundo Léon Denis,

a lei dos agrupamentos no espaço é a das afinidades. A ela estão sujeitos todos os Espíritos. A orientação de seus pensamentos leva-os naturalmente para o meio que lhes é próprio, porque o pensamento é a própria essência do mundo espiritual, sendo a forma fluídica apenas o vestuário. Onde quer que seja, reúnem-se os que se amam e compreendem.³

Lembra Denis que

os semelhantes se atraem. É em virtude dessa lei de atração e harmonia que os espíritos da mesma ordem, de caracteres e tendências análogas, aproximam-se, seguem-se através de suas múltiplas existências, encarnam em conjunto, constituindo famílias homogêneas.⁴

Assim, o modo de pensar, sentir e agir dos Espíritos afins, ou, pelo menos, as tendências que predominam nesses Espíritos, serão responsáveis, em grande parte, pelas características básicas dos grupos estabelecidos e pela natureza de seu adoecimento.

Examinando a população de almas inicialmente estabelecidas na Terra, Kardec considera que

diferenças sensíveis haveria decerto entre seus caracteres e aptidões. Os que se assemelhavam, naturalmente se agruparam por analogia e simpatia.

(...)

recebendo os corpos a impressão do caráter do Espírito e procriando-se esses corpos na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer quanto ao físico, quer

³ DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor.

⁴ DENIS, Léon. Depois da morte.

quanto ao moral. Continuando a encarnar entre os que se lhes assemelhavam, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo, físico e moral, das raças e dos povos, caráter que só com o tempo desaparece, mediante a fusão e o progresso deles.⁵

Prosseguindo em sua análise, Kardec coloca que os Espíritos se agrupam

por analogia de origens e de gostos, acabando os grupos por formar tribos, em seguida povos, cada qual com costumes e caracteres próprios.⁶

Os traços que unem os Espíritos ao constituírem as coletividades e que dão a elas as peculiaridades de uma nação vão muito além de questões pontuais relacionadas a ideologias políticas, partidárias e culturais. Fazem parte da estruturação mental dessas almas nos primórdios da formação de suas consciências e escapam ao nosso entendimento atual.

Desencarnados e fenômenos sociais

A questão espiritual relacionada ao caráter distintivo dos povos transcende a corporeidade, para alcançar as individualidades desencarnadas, muitas delas intimamente vinculadas aos grupos humanos, intervindo direta e profundamente nos fenômenos sociais. A singularidade de um grupo humano, suas inclinações boas ou más, sua maneira de reagir ao meio e a outros grupos, bem como as escolhas e decisões dependem também das individualidades desencarnadas vinculadas a ele.

Nesse particular, importante considerar as lideranças desencarnadas, que, em íntima conexão com as lideranças encarnadas, decidem pelos destinos dos povos. De acordo com Kardec, as aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm Espíritos protetores vinculados a eles.⁷

Segundo Léon Denis, se o Espírito ainda é propenso às coisas da matéria, fica preso à Terra e mistura-se com os homens que têm os mesmos gostos, os mesmos apetites. O sentimento da tarefa incompleta, ao mesmo tempo que os afetos e as lembranças, trazem novamente a

⁵ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 11.

⁶ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 11.

⁷ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 519.

maior parte dos Espíritos à Terra. Todas as almas encontram o meio que os seus desejos reclamam e hão de viver nos mundos sonhados, unidos aos seres que estimam; mas também aí encontrarão os prazeres ou os sofrimentos que o seu passado gerou.⁸

Examinando o progresso humano, Denis acha pouco provável que os primeiros homens pudessem ter chegado, espontaneamente e só com o auxílio dos próprios recursos mentais, à noção de leis e mesmo às primeiras formas de civilização. Segundo ele, consciente ou não, a comunhão entre a Terra e o espaço tem existido sempre. O ser humano pertence desde esta vida a dois mundos. O nosso mundo e o Além não estão separados um do outro, estão um no outro; de alguma sorte se enlaçam e estreitamente se confundem. Os homens e os Espíritos misturaram-se. Testemunhas invisíveis associam-se à nossa vida, compartilhando de nossas alegrias e provações.⁹

Lembra Kardec que os Espíritos preferem estar no meio dos que se lhes assemelham. Acham-se aí mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. O homem, por sua vez, atrai os Espíritos pelas suas tendências, quer faça parte de um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade ou um povo. Portanto, as sociedades, as cidades e os povos são, de acordo com as paixões e o caráter neles predominantes, assistidos por Espíritos mais ou menos elevados. Os Espíritos imperfeitos se afastam dos que os repelem. Segue-se que o aperfeiçoamento moral das coletividades, como o dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que estimulam e alimentam nelas o sentimento do bem, como outros lhes podem insuflar as paixões grosseiras.¹⁰

Kardec esclarece que

tendo todo homem Espíritos que com ele simpatizam, claro é que, *nos corpos coletivos*, a generalidade dos Espíritos que lhes votam simpatia está em proporção com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são atraídos para essas coletividades pela identidade dos gostos e das ideias; em suma, que esses agregados de pessoas, tanto quanto os indivíduos, são mais ou menos bem assistidos e influenciados, de acordo com a natureza

⁸ DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor.

⁹ DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor.

¹⁰ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 518.

dos sentimentos dominantes entre os elementos que os compõem.¹¹

Continua Kardec:

Nos povos, determinam a atração dos Espíritos os costumes, os hábitos, o caráter dominante e sobretudo as leis, porque o caráter de uma nação se reflete nas suas leis. Fazendo reinar em seu seio a justiça, os homens combatem a influência dos maus Espíritos. Onde quer que as leis consagrem coisas injustas, contrárias à humanidade, os bons ficam em minoria e a multidão que afluí dos maus mantém a nação aferrada às suas ideias e paralisa as boas influências parciais, que ficam perdidas no conjunto, como insuladas espigas entre espinheiros. Estudando-se os costumes dos povos ou de qualquer reunião de homens, facilmente se forma ideia da população oculta que se lhes imiscui no modo de pensar e nos atos.¹²

Como exemplo do papel dos desencarnados, podemos citar as situações de guerras e conflitos humanos. Ao examinar esta questão, Kardec esclarece que¹³:

- Durante uma batalha, há Espíritos assistindo e amparando cada um dos exércitos, e lhes estimulando a coragem.
- Há Espíritos que só se comprazem na discórdia e na destruição. Para esses, a guerra é a guerra. A justiça da causa pouco os preocupa.
- Há Espíritos que tomam o partido dos que se batem por uma causa injusta.
- Podem os Espíritos influenciar o general na concepção de seus planos de campanha, assim como com relação a todas as concepções
- Poderiam maus Espíritos suscitar-lhe planos errôneos com o fim de levá-lo à derrota

¹¹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 521.

¹² KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 521.

¹³ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questões 541 a 547.

- Pode, alguma vez, o general ser guiado por uma espécie de dupla vista, por uma visão intuitiva, que lhe mostre de antemão o resultado de seus planos. Essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem, os quais se aproveitam das faculdades de que o veem dotado.
- Alguns Espíritos continuam, após a morte, a interessar-se pelos combates.
- Após a morte, alguns Espíritos, que como vivos se guerreavam, continuam a considerar-se inimigos e se conservam encarniçados uns contra os outros. Muitos, porém, quando se lhes restabelece a serenidade nas ideias, vê que nenhum fundamento há mais para sua animosidade. Contudo, não é impossível que dela guarde vestígios mais ou menos fortes, conforme o seu caráter.

Responsabilidade coletiva

Os grupos de Espíritos afins, encarnados e desencarnados, tomam decisões e fazem escolhas que podem, obviamente, gerar consequências no próprio grupo ou em outros grupos. Assim, considerando o caráter coletivo e solidário da evolução, devemos admitir que o “Código penal da vida futura”, examinado minuciosamente por Kardec na obra *O céu e o inferno* (parte I, cap. 7), se aplica também às coletividades. Em decorrência disso, podemos pensar em expiações, provações e reparações coletivas.

Segundo Kardec

podem aplicar-se, sem medo de errar, as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto dos habitantes dos mundos, os quais formam individualidades coletivas. Há as faltas do indivíduo, as da família, as da nação; e cada uma, qualquer que seja o seu caráter, se expia em virtude da mesma lei. O algoz expia, relativamente à sua vítima, quer indo a encontrar-se em sua presença no espaço, quer vivendo em contato com ela numa ou em muitas existências sucessivas, até a reparação do mal praticado. O mesmo sucede quando se trata de crimes cometidos solidariamente por certo número de pessoas. As expiações também são solidárias, o que não suprime a expiação simultânea das faltas individuais.¹⁴

¹⁴ KARDEC, Allan. Obras póstumas. Expiações coletivas.

Fica evidente no pensamento de Kardec que somos responsabilizados pelas faltas que cometemos e pelas faltas cometidas pela comunidade a qual pertencemos. Formamos unidades coletivas que agem segundo decisões, que podem ter consequências. As consequências podem atingir a todos, independentemente, de terem participado diretamente da decisão tomada.

Assim, podemos aventar a possibilidade de que as atrocidades cometidas nas guerras, como mortes de crianças, mulheres e idosos possam estar vinculadas a provações coletivas, independentemente das provações individuais. Como membros de uma coletividade, todos responderão solidariamente pelas atitudes tomadas. Se do ponto de vista individual pode-se pensar em vítimas da tragédia, do ponto de vista coletivo esse tipo de vitimização não pode ser considerado. De acordo com o pensamento de Kardec, temos aqui um sofrimento expiatório cuja origem está na atual encarnação, embora individualmente alguns possam estar respondendo também por faltas pretéritas.

Ainda como consequência desse princípio, podemos tentar explicar situações complexas, do ponto de vista da *Lei de causa e efeito*. Sobre o sofrimento e morte de crianças, por exemplo, temos sérias dificuldades em explicá-los sem relacioná-los a crimes cometidos no passado reencarnatório. O pensamento exposto no texto, talvez, pudesse aplicar-se em alguns casos.

O raciocínio seria o seguinte: a criança é membro de uma coletividade (a família) e como tal, mesmo na impossibilidade de participar das decisões, ou dos equívocos do grupo ao qual pertence, segundo o princípio exposto por Kardec, ela está sujeita a ação do grupo e suas consequências. Assim, se por descuido, negligência, irresponsabilidade, ou mesmo, perversidade, alguém da família (particularmente pai e mãe) vem a cometer deslizes infelicitando a criança, ela não necessariamente estaria respondendo por erros individuais cometidos no passado, mas sim, por erros coletivos (família como instituição a qual pertence), cometidos no presente.

Assim, talvez, se justifique o seguinte diálogo, registrado por André Luiz:¹⁵

- Uma criança pode desencarnar, fora do dia indicado para a sua libertação?

¹⁵ LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido. Entre a terra e o céu. Cap. 10.

- Sim, sem dúvida, há um programa estruturado na Espiritualidade para as nossas tarefas humanas; entretanto, pertence-nos a condução dos próprios impulsos dentro delas. Em regra geral, multidões de criaturas cedo se afastam do veículo carnal, atendendo a serviços de socorro e sublimação, mas, em numerosas circunstâncias a negligência e a irreflexão dos pais são responsáveis pelo fracasso dos filhinhos.

Também pelo mesmo princípio poderiam ser explicadas algumas desencarnações prematuras, conforme propõe Bezerra de Menezes, o autor espiritual do livro *Dramas da Obsessão*.

Pela mediunidade de Yvonne Pereira, Bezerra coloca que

há cinquenta anos, o preconceito individual, o pudor excessivo e mal interpretado, acompanhando a escassez de recursos e a inobservância higiênica do paciente, dificultariam igualmente a ação do clínico ou do cirurgião, cujos serviços, geralmente, apenas eram solicitados para uma parturiente à última hora, quando já se evidenciava o desastre, e quando já mais nada, ou quase nada, seria possível tentar para conjurar os graves acidentes sempre possíveis.

Seria desdouro social para uma gestante, recém-casada ou não, o fato de se transportar do seio da família para um Hospital ou uma Maternidade, no caso de existir uma ou outra dessas instituições na localidade habitada. Preferiam-se, assim sendo, o concurso de curiosas, certamente experientes e hábeis para os casos normais e fáceis, mas absolutamente ineptas mesmo para reconhecerem o perigo e reclamarem o médico a tempo, nos casos graves.

Daí, outrora, a calamitosa mortandade de parturientes, problema cujos reflexos atingiram as preocupações de Além-Túmulo, pois nem sempre existiria a expiação ou o resgate em casos tais, e que os rigores do Código Penal terreno removeram com a exigência de certificados de habilitações para as assistentes comuns do caso e que os Hospitais remediaram em grande parte, tratando de humanitárias internações e assistência constante às próprias gestantes.¹⁶

Coloca Kardec:

Salvo alguma exceção, pode-se admitir como regra geral que todos aqueles que numa existência vêm a estar reunidos por

¹⁶ MENEZES, Bezerra; PEREIRA, Yvonne. *Dramas da Obsessão*.

uma tarefa comum já viveram juntos para trabalhar com o mesmo objetivo e ainda reunidos se acharão no futuro, até que hajam atingido a meta, isto é, expiado o passado, ou desempenhado a missão que aceitaram. A solidariedade, portanto, que é o verdadeiro laço social, não o é apenas para o presente; estende-se ao passado e ao futuro, pois que as mesmas individualidades se reuniram, reúnem e reunirão, para subir juntas a escala do progresso, auxiliando-se mutuamente.¹⁷

E também:

Assim, muitas vezes um indivíduo renasce na mesma família, ou, pelo menos, os membros de uma família renascem juntos para constituir uma família nova noutra posição social, a fim de apertarem os laços de afeição entre si, ou reparar agravos recíprocos. Por considerações de ordem mais geral, a criatura renasce no mesmo meio, na mesma nação, na mesma raça, quer por simpatia, quer para continuar, com os elementos já elaborados, estudos começados, para se aperfeiçoar, prosseguir trabalhos encetados e que a brevidade da vida não lhe permitiu acabar. A reencarnação no mesmo meio é a causa determinante do caráter distintivo dos povos e das raças. Embora melhorando-se, os indivíduos conservam o matiz primário, até que o progresso os haja completamente transformado.

E ainda:

Quando se consideram todos os crimes desses tempos em que a vida dos homens e a honra das famílias em nenhuma conta eram tidas, em que o fanatismo acendia fogueiras em honra da divindade; quando se pensa em todos os abusos de poder, em todas as injustiças que se cometiam com desprezo dos mais sagrados direitos, quem pode estar certo de não haver participado mais ou menos de tudo isso e admirar-se de assistir a grandes e terríveis expiações coletivas? Não se pode duvidar de que haja famílias, cidades, nações, raças culpadas, porque, dominadas por instintos de orgulho, de egoísmo, de ambição, de cupidez, enveredam por mau caminho e fazem coletivamente o que um indivíduo faz insuladamente. Uma família se enriquece à custa de outra; um povo subjuga outro povo,

¹⁷ KARDEC, Allan. Obras póstumas. Expições coletivas.

levando-lhe a desolação e a ruína; uma raça se esforça por aniquilar outra raça. Essa a razão por que há famílias, povos e raças sobre os quais desce a pena de talião. “Quem matou com a espada perecerá pela espada” são palavras do Cristo, palavras que se podem traduzir assim: Aquele que fez correr sangue verá o seu também derramado; aquele que levou o facho do incêndio ao que era de outrem, verá o incêndio ateadado no que lhe pertence; aquele que despojou será despojado; aquele que escraviza e maltrata o fraco será a seu turno escravizado e maltratado, quer se trate de um indivíduo, quer de uma nação, ou de uma raça, porque os membros de uma individualidade coletiva são solidários assim no bem como no mal que em comum praticaram.¹⁸

Enxertia espiritual: raça adâmica

Na formação cultural das diferentes coletividades humanas temos que levar em conta a possível influência de Espíritos que não fizeram parte da evolução inicial da Terra, e que são oriundos de outros orbes.

Tal pensamento está presente na obra de Kardec e nos escritos mediúnicos recebidos através de Chico Xavier, onde o “paraíso perdido” deixa de ser um mito e é colocado como um relato factual de um acontecimento histórico.

Sobre isso, o Espírito André Luiz se refere ao papel de

Espíritos ilustrados, decaídos de outro sistema cósmico renascidos no tronco genealógico das tribos terrestres, qual enxerto revitalizador.¹⁹

Kardec denominou essa população de Espíritos, exóticos na Terra, de *Raça adâmica*²⁰. Segundo Kardec, eles já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degredados, por algum tempo, para o meio de Espíritos menos evoluídos, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o germen dos conhecimentos que adquiriram.²¹

¹⁸ KARDEC, Allan. Obras póstumas. Expições coletivas.

¹⁹ LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Evolução em dois mundos. Parte I. Cap. 20.

²⁰ KARDEC, Allan. Revista Espírita. Janeiro/1862.

²¹ KARDEC, Allan. O evangelho segundo o Espiritismo. Cap. 3. Item 14.

Alguns estudiosos espíritas rejeitam a teoria da raça adâmica, considerando que a evolução anímica no planeta pode ter se dado sem migrações de Espíritos²². Argumentam que, em quase toda cultura, há o mito do “paraíso perdido”, do qual os humanos foram expulsos no começo dos tempos²³. Tal crença, segundo eles, carece de uma fundamentação razoável, além de possuir fortes conotações racistas²⁴.

Em nossa análise, vamos considerar a veracidade dessa teoria, nos fundamentando, principalmente, no seguinte comentário de Kardec:

Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controvertível, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decididos, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem-aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana Justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica.²⁵

No livro *A Gênese*, Kardec já se referia a emigrações e imigrações de Espíritos entre os diferentes mundos habitados, que podem responder pela introdução de elementos inteiramente novos na população nativa. Kardec faz alusão a uma colônia de Espíritos que chegaram à Terra há alguns milhares de anos, quando o planeta já estava povoado desde tempos imemoriais. Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, essa raça, denominada por ele de *raça adâmica*, impeliu ao progresso todas as outras.

Segundo Kardec,

²² MACHADO, Alexandre. Uma Breve História do Espírito.

²³ ARMSTRONG, Karen. Em defesa de Deus.

²⁴ A Teoria da "Raça Adâmica" e o Racismo Estrutural - <https://www.youtube.com/watch?v=Wg8RiwWZzUI>

²⁵ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 11. Item 43.

mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras. A gênese no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos.²⁶

Tal acontecimento foi ainda relatado pelos espíritos Emmanuel e André Luiz, respectivamente, nos livros *A caminho da luz* e *Evolução em dois mundos*.

Emmanuel, examinando o fato, escreve o seguinte:

Com o auxílio desses espíritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos das raças humanas. Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na história etnológica dos seres.²⁷

O Espírito Emmanuel sugere que esses Espíritos sejam oriundos de um dos orbes da Capela, uma estrela na Constelação do Cocheiro, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre.²⁸

Quando chegaram a Terra e quantos eram? Emmanuel fala em *milhões de Espíritos* que se estabeleceram no planeta há *muitos milênios*. Acrescenta que, quando da chegada dos emigrantes de Capela, o *Homo sapiens* se encontrava arrematado em tribos numerosas.²⁹

O termo *tribo*, genericamente se relaciona a um tipo de agrupamento humano unido pela língua, costumes, instituições e tradições. Do ponto de vista antropológico, consiste em indivíduos que vivem em aldeamentos semipermanentes, entre 100 a 1000 pessoas. Conforme a terra se exaure, todo o grupo migra para novas frentes. A estratificação se deve principalmente por gênero, com acentuada divisão sexual do trabalho. A autoridade funciona principalmente por persuasão. Em termos econômicos, as figuras

²⁶ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 11. Item 43.

²⁷ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 11. Item 43.

²⁸ EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz.. Cap. 3.

²⁹ EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz. Cap. 3.

principais são “os grandes homens”, responsáveis por criar coalizões voluntárias de contribuintes para o patrocínio de rituais e festejos. As primeiras tribos surgiram no neolítico, período da pré-história que se iniciou por volta de 10.000 a C.³⁰ Assim, se considerarmos apenas o significado antropológico do termo, foi nessa época que os capelinos se estabeleceram na Terra.

Por outro lado, André Luiz informa que devemos aos capelinos a instituição da religião organizada:

Constituiu-se desse modo a raça adâmica, instilando no homem renovadas noções de Deus e da vida. Levantam-se organizações religiosas primordiais.³¹

Embora existam muitas dúvidas quanto à origem dos primeiros cultos e das formas iniciais de religião, tudo indica que as formas mais numerosas, evidentes e explícitas de culto religioso feito pelo homem e mulher do Paleolítico até o momento é datado por volta de 35.000 a C.³²

Essa informação colocaria a chegada dos capelinos, bem antes do neolítico, no denominado paleolítico superior (40 a 10 mil anos a C), período em que teria se dado o despertar da cultura humana.

Embora venha sendo matizado nos últimos anos, muitos estudiosos continuam acreditando que houve, nesse período, um salto evolutivo, denominado de *Revolução criativa do paleolítico superior*.

O antropólogo David Graeber e o arqueólogo David Wengrow, referindo-se a esse período, colocam:

julga-se que ocorreram muito eventos dramáticos durante esse período. Não temos como saber o que foi a grande maioria deles.³³

De acordo com Paulo Dalgalarrondo, no livro *Evolução do Cérebro*, verificou-se naquele período uma verdadeira revolução tecnológica e cultural, tais como a domesticação do cão. Além do conjunto de ferramentas inventadas à época (lâminas, machados, buris, raspadores),

³⁰ GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo.

³¹ LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Evolução em dois mundos.. Parte I. Cap. 20.

³² <https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2011/10/HISTORIA-GERAL-DAS-RELIGIOES-karina-Bezerra.pdf>

³³ GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo.

encontram-se também pontas de projéteis, instrumentos musicais e uso frequente de osso, marfim e chifres. Testemunha-se ainda a eclosão de tradições, estilos e estéticas locais. Foi uma mudança sem precedentes no registro arqueológico. Encontram-se, nos sítios arqueológicos, muitos objetos de adorno corporal, como contas e pingentes, assim como pigmentos para pintura do corpo (de vivos e mortos), e o surgimento de esculturas, entalhes e pinturas em cavernas. Seguramente, segundo Dalgalarondo, o material arqueológico encontrado ali indica comportamentos sociais mais complexos, um plano mental mais preciso e mais habilidade de manipulação na produção material.

Esses hominídeos primitivos revelavam comportamentos tipicamente humanos, ou seja, eram capazes de produzir cultura simbólica: pintura rupestre, ornamentação corporal, escultura, sepultamento elaborado e simbólico, decoração detalhada de objetos, música e compreensão sutil de diversos materiais. Possuíam, possivelmente, a capacidade de simbolização complexa, uma das marcas centrais da cultura e da própria condição humana, tal como se compreende hoje.

Levantamos a hipótese que esse despertar cultural tenha eclodido em virtude da chegada ao planeta desses Espíritos, com inclinações e tendências instintivas mais ricas e complexas.

Características de cada grupo populacional

O aspecto que mais nos toca, na reflexão proposta, é que os degredados de Capela formavam, no planeta de origem, grupos populacionais com características próprias, e trouxeram, obviamente, consigo, as tendências e inclinações nativas. É claro que isso não resolve totalmente o problema - simplesmente o transfere para Capela - mas isso poderia explicar, ao menos em parte, caracteres particulares de algumas populações humanas.

André Luiz esclarece que

depois de longos e porfiados milênios de luta espiritual, surgem no mundo, como grupos por eles organizados, a China pré-histórica e a Índia védica, o antigo Egito e civilizações outras que se perderam no abismo das eras.³⁴

De acordo com Emmanuel,

³⁴ LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Evolução em dois mundos. Parte I. Cap. 20.

aqueles seres decaídos e degradados, a maneira de suas vidas passadas no mundo distante da Capela, com o transcurso dos anos reuniram-se em quatro grandes grupos que se fixaram depois nos povos mais antigos, obedecendo às afinidades sentimentais e linguísticas que os associavam na constelação do Cocheiro. Unidos, novamente, na esteira do Tempo, formaram desse modo o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia.

(...) é de grande interesse o estudo de sua movimentação no curso da História. Através dessa análise, é possível examinarem-se os defeitos e virtudes que trouxeram do seu paraíso longínquo, bem como os antagonismos e idiossincrasias peculiares a cada qual.³⁵

Detendo-se na análise das tendências mais fortemente estabelecidas em cada agrupamento, Emmanuel comenta que dentre os Espíritos degradados na Terra, os que constituíram a civilização egípcia foram os que mais se destacavam na prática do bem e no culto da verdade.³⁶

Aqueles que se estabeleceram na Índia foram as primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre. Provinham de uma raça de profetas, de mestres e iniciados, em cujas tradições iam beber a verdade os homens e os povos do porvir, salientando-se que também as suas escolas de pensamento guardavam os mistérios iniciáticos, com as mais sagradas tradições de respeito. O povo hindu, não obstante o seu elevado grau de desenvolvimento nas ciências do Espírito, não aproveitou de modo geral, como devia, o seu acervo de experiências sagradas. Embora as suas tradições de espiritualidade, deixou crescer no coração o espinho do orgulho que, aliás, dera motivo ao seu exílio na Terra. Em breve, a organização das castas separava as suas coletividades para sempre. Na verdade, esses sistemas avançados de religião e filosofia evocam o fastígio da raça no seu mundo de origem, de onde foi precipitada ao orbe terreno pelo seu orgulho desmedido e infeliz.³⁷

Os árias estabeleceram os primeiros fundamentos da civilização ocidental nos bosques da Grécia, nas costas da Itália e da França, bem como do outro lado do Reno, onde iam ensaiar seus primeiros passos as forças da sabedoria germânica. As balizas da sociedade dos gregos, dos

³⁵ EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz.. Cap. 3.

³⁶ EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz.. Cap. 4.

³⁷ EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz.. Cap. 5.

latinos, dos celtas e dos germanos foram lançadas por eles. Cada corrente da raça ariana assimilou os elementos encontrados, edificando-se os primórdios da civilização europeia; cada qual se baseou no princípio da força para o necessário estabelecimento, e, muito cedo, começaram no Velho Mundo os choques de suas famílias e tribos.

Os arianos que procuravam as novas emoções de uma terra desconhecida eram, na sua maioria, os espíritos revoltados com as condições do seu degredo; pouco afeitos aos misteres religiosos que, pela força das circunstâncias, impunham uma disciplina de resignação e humildade, não cuidaram da conservação do seu tradicionalismo, na ânsia de conquistar um novo paraíso e serenarem, assim, as suas inquietações angustiosas. Lançaram os marcos da civilização europeia. Suas incursões, entre as tribos selvagens da Europa, datam de mais ou menos dez milênios antes da vinda do Cristo. Essas tribos assimilaram todos os elementos encontrados em seus caminhos, impulsionando-lhes os passos nas sendas do progresso e do aperfeiçoamento. Enquanto os semitas e hindus se perderam na cristalização do orgulho religioso, as famílias arianas da Europa, embora revoltadas e endurecidas, confraternizaram com o selvagem e nisso reside a sua maior virtude.

Se era a mais revoltada contra os desígnios do Alto, era também a única que confraternizava com o selvagem, aperfeiçoando-lhe os caracteres raciais, sem esmorecer na ação construtiva das oficinas do porvir.³⁸

Os arianos da Europa não possuíram grandes ascendentes religiosos na sua formação primitiva, em vista do senso prático que os caracterizou nos primeiros tempos de sua organização. O racionalismo de suas concepções, a tendência para as ciências positivas e o amor pela hegemonia e liberdade são, dessa maneira, elucidados dentro da análise dos seus primórdios. Em matéria de religião, quase todos os seus passos foram orientados pelos povos semitas e hindus, mas, pelo cultivo da razão, puderam aperfeiçoar a Ciência até às culminâncias das conquistas modernas. O mundo, se muitas vezes perdeu com as suas inquietações e com as suas lutas renovadoras, muito lhes deve pela colaboração decidida e sincera no labor do pensamento, em todas as épocas e períodos evolutivos.

Ainda segundo Emmanuel, dos Espíritos degredados na Terra, foram os hebreus que constituíram a raça mais forte e mais homogênea, mantendo inalterados os seus caracteres através de todas as mutações. Examinando esse povo no seu passado longínquo, Emmanuel propõe

³⁸ EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz.. Cap. 6.

que, se grande era a sua certeza na existência de Deus, muito grande também era o seu orgulho, dentro de suas concepções da verdade e da vida. Consciente da superioridade de seus valores, nunca perdeu oportunidade de demonstrar a sua vaidosa aristocracia espiritual, mantendo-se pouco acessível à comunhão perfeita com as demais raças do orbe.

Sem pátria e sem lar, esse povo tem buscado viver em todos os climas sociais e políticos, muitas vezes exemplificando a solidariedade humana nas melhores tradições de trabalho; sua existência histórica, contudo, é uma lição dolorosa para todos os povos do mundo, das conseqüências nefastas do orgulho e do exclusivismo. Para Emmanuel, talvez seja raça mais livre, mais internacionalista, mais fraternal entre si, mas também a mais altiva e exclusivista do mundo.³⁹

A construção da “personalidade” coletiva

Um último ponto deve ser considerado. Todos os fatores anteriormente examinados, biológicos, geográficos, históricos, políticos, religiosos e espirituais relacionam-se à construção da “personalidade” coletiva e, conseqüentemente, as suas formas de adoecimento. Não podemos, todavia, desconsiderar um fator que permeia todos os outros: as escolhas que fazem os Espíritos, nos grupos em que se afinizam.

Os autores do livro *O despertar de tudo* comentam que não temos como saber realmente até que ponto a “capacidade de ação humana” – expressão hoje usada para o que antes se costumava chamar de livre-arbítrio – de fato faz diferença. Os eventos históricos, por definição, acontecem apenas uma vez, e não há como saber ao certo se “podiam” ter se dado de outra maneira, mas devemos explorar a possibilidade de que os seres humanos têm mais voz coletiva sobre seu destino do que costumamos supor.

Giddens pensa de forma equivalente. Lembra que o *eu* não é uma entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas autoidentidades, independente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas conseqüências e implicações.⁴⁰

³⁹ EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. A caminho da luz.. Cap. 7.

⁴⁰ GIDDEND, Anthony. Modernidade e Identidade.

Considerando assim a possibilidade de os homens *forjarem suas autoidentidades*, como diz Giddens, ou se valerem da *capacidade de ação humana*, podemos sempre nos propor perguntas:

- Se Marx e Engels tivessem se voltado para outros interesses, o comunismo teria se estabelecido na União Soviética, Cuba, China e outros países? Teríamos, assim, nos livrados da crueldade de Mao e Stalin?
- Se Deodoro da Fonseca, enfermo e acamado, tivesse dito não aos golpistas, Pedro II teria continuado mais um pouco e morrido como imperador do Brasil?
- Se os alemães tivessem silenciado Hitler, a humanidade teria vivenciado os horrores do nazismo e o extermínio de milhões de judeus?
- Se Juscelino Kubitschek tivesse perdido a eleição, o Rio de Janeiro ainda seria a capital do Brasil?
- Se Jânio Quadros não tivesse renunciado, teriam os militares assumido as rédeas do governo?
- Se os médicos que assistiram Tancredo Neves tivessem definido precocemente quanto ao seu diagnóstico, e o operado logo aos primeiros sintomas, Tancredo teria vencido a enfermidade, e presidido o Brasil por 6 anos? E caso isso tivesse acontecido, teríamos Color, FHC e Lula?

Naturalmente, são perguntas sem respostas.

Reconhecer a relevância de fatores relacionados ao adoecimento social não implica em eximir a coletividade das almas, nas duas dimensões da vida, da responsabilidade das escolhas e decisões, que levaram ao desiderato infeliz. As coisas podiam ter se dado de forma diferente, se as escolhas tivessem sido outras; se tivesse prevalecido no pensamento e na decisão do grupo as atitudes temperantes, nobres, justas e generosas.

As possibilidades de intervenção humana são muito maiores do que tendemos a considerar; poderíamos ter vivido de forma diferente e construído redes sociais saudáveis. No comportamento humano, não existem determinismos absolutos: nem físicos, nem ambientais. Atribuir as imperfeições humanas ao meio em que está inserido seria admitir que o homem é uma máquina, joguete da matéria, sem responsabilidade sobre os seus atos, o que é um absurdo. Lembra Kardec que *não há arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir*.⁴¹

⁴¹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 845.

As influências exteriores ao psiquismo individual ou coletivo, físico e espiritual, são reais, mas suas consequências devem ser analisadas como tendências probabilísticas e nunca como resultado de um fatalismo, do qual não se pode escapar.

A ideia de que todos os malfeitores são maus porque tiveram uma vida difícil vem sendo relativizada entre alguns especialistas. Grande parte dos criminosos do colarinho branco tiveram uma infância feliz, em um lar de classe média alta, junto de pais amorosos e que cultivavam valores morais. Malfeitores podem ser encontrados em todas as classes sociais e em todas as famílias.

Examinando a questão, o Espírito André Luiz esclarece que a criatura terrena herda *tendências* e não *qualidades*.⁴² Entendemos como tendências as predisposições, inclinações, tanto para o bem como para o mal. As qualidades, por sua vez, são os valores morais que norteiam as ações humanas. Lembra o autor que as *tendências* cercam o homem que renasce, desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver. As *qualidades*, por sua vez, resultam da luta individual da alma na defesa, educação e aperfeiçoamento de si mesma nos círculos da experiência.

Lembra ainda que se o Espírito reencarnado estima as tendências inferiores, desenvolvê-las-á, ao reencontrá-las dentro do novo quadro de experiência humana. Todavia, se a alma que regressa ao mundo permanece disposta ao serviço de auto elevação, sobrepassará a quaisquer exigências menos nobres do corpo ou do ambiente, triunfando sobre as condições adversas e obtendo títulos de vitória da mais alta significação para a vida eterna.

E conclui afirmando que

em sã consciência, ninguém se pode queixar de forças destruidoras ou de circunstâncias asfixiantes, em se referindo ao círculo onde nasceu. Haverá sempre, dentro de nós, a luz da liberdade íntima indicando-nos a ascensão. Praticando a subida espiritual, melhoraremos sempre.⁴³

Paulo Freire, que acreditava na força criadora do homem, escreveu:

⁴² LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido. Missionários da luz. Cap. 13.

⁴³ LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido. Missionários da luz. Cap. 13.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é determinada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. O mundo não é. O mundo está sendo.⁴⁴

E, finalmente, Kardec:

Provar que o homem é responsável por todos os seus atos é provar a sua liberdade de ação, e provar a sua liberdade é resgatar a sua dignidade.⁴⁵

⁴⁴ FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia.

⁴⁵ KARDEC, Allan. Revista Espírita. Março/1869

Cinco

O progresso social

Nos capítulos anteriores, examinamos as condições relacionadas ao adocimento social, caracterizando suas manifestações e examinando os fatores causais.

Neste capítulo, refletiremos sobre a possibilidade do progresso social, compreendendo-o em suas dimensões intelectual e moral.

Um hábito corriqueiro é o de se maximizar as adversidades experienciadas, considerando sempre as de hoje como mais dolorosas que as do passado. Têm-se a impressão de que os dias vividos no presente são sempre mais difíceis do que os do pretérito. Isso complica bastante a visão que se tem de progresso.

Particularmente, em questões que envolvem a conduta ética, têm-se a percepção de que os valores morais estão se corrompendo. Porém, psicólogos que estudaram o tema dizem que se trata de uma ilusão. As pessoas estão enganadas quando dizem:

- *“No meu tempo dava para confiar nas pessoas.”*
- *“O mundo ficou mais desonesto.”*
- *“A moral coletiva está em declínio.”*

Dois psicólogos norte-americanos, Adam Mastroianni e Daniel Gilbert, analisaram 177 pesquisas de opinião feitas entre 1949 e 2019, nos Estados Unidos, com uma amostra de 220 mil respondentes.

A pergunta proposta foi esta: *“Você acha que a raça humana está melhorando ou piorando do ponto de vista da conduta moral?”*

Em 2019, 77% dos entrevistados disseram que houve um declínio moral, ratificando a ideia de que esta é a impressão geral. Acontece que a mesma pergunta formulada pelo Instituto Gallup, em 1949, mostrou o mesmo resultado: 78% disseram que as coisas pioraram do ponto de vista ético. Os autores concluíram que o estudo sugere que se trata de uma questão psicológica, e não da realidade.

Mas por que é tão persistente esta sensação de que as coisas estão piores?

No artigo na revista *Nature*, os autores comentaram que os seres humanos tendem a buscar e a reter informações negativas a respeito de outras pessoas, e os meios de comunicação em massa satisfazem essa tendência com um foco desproporcional em (notícias sobre) pessoas se comportando mal. Sendo assim, as pessoas podem acabar se deparando com mais informações negativas do que positivas sobre a moralidade geral, e esse efeito de exposição enviesada pode explicar porque as pessoas acreditam que a moralidade atual é relativamente baixa.¹

Um dos autores deste livro, em um seminário aplicado no período da pandemia da covid 19, foi interpelado com a seguinte questão:

- *É certo que vivemos hoje uma das piores crises da história?*

Sua resposta foi a seguinte:

- *Como a dor que nos dói é a nossa, temos a impressão de que nunca houve uma época tão difícil como a atual.*

Só que essa impressão não é verdade. Em todos os aspectos, vivemos o melhor período da história da humanidade. Para mostrar isso, convido o leitor a uma breve comparação entre nossos dias e cem anos atrás.

Vamos imaginar que estamos reencarnados em 1923. Havíamos sofrido, há poucos anos, os horrores na primeira guerra mundial (1914- 1918). O saldo do conflito foi, aproximadamente, 10 milhões de mortos e uma Europa totalmente arrasada.

Estávamos tentando deixar para trás o sofrimento causado pela gripe espanhola (janeiro de 1918 a dezembro de 1920), considerada uma das pandemias mais devastadoras e letais da história. A doença alastrou-se por todas as regiões do mundo e deixou o maior número de infectados e mortos, se comparada com outras pandemias, pelo menos 3 vezes mais que a pandemia pela covid 19.

Não havíamos nos recuperado da guerra e do vírus, quando nos deparamos com a volta da febre amarela, em 1928, com milhares de mortos no Brasil, e a crise econômica de 1929. O efeito foi devastador, pois as ações se desvalorizaram fortemente em poucos dias. O número de falências de empresas foi enorme e o desemprego atingiu quase 30% dos trabalhadores.

Mas as coisas não param por aí. Alguns anos depois, estaríamos diante de nova grande guerra mundial. A Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar global que durou de 1939 a 1945, envolvendo a maioria das nações do mundo. Foi o conflito militar mais mortal da história. Um total estimado de 70 a 85 milhões de pessoas pereceram, o que representou cerca de 3% da população mundial de 1940.

Ainda mais: terminada a segunda guerra, iríamos encarar o vírus da paralisia infantil. Apenas na América do Norte, 250 mil crianças foram para uma cadeira de rodas em decorrência da poliomielite.

¹ <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1482q9q01ro>

E permeando tudo isso a varíola. Para que se tenha uma ideia de sua magnitude, só durante os 80 anos em que esteve ativa, no século passado, a varíola matou mais de 300 milhões de indivíduos.

E você ainda acha que estamos piores?

Curiosamente, Kardec, em seu tempo, se deparou com essa percepção enganosa, propondo aos Espíritos esta indagação:

- Bastante grande é a perversidade do homem. Não parece que, pelo menos do ponto de vista moral, ele, em vez de avançar, caminha aos recuos?

- Enganas-te. Observa bem o conjunto e verás que o homem se adianta, pois que melhor compreende o que é mal, e vai dia a dia reprimindo os abusos.²

A ciência e o conceito de *superior e inferior*

Kardec se valeu do vocábulo *evolução* poucas vezes, e o considerou o mesmo que *progresso*. Em nossos dias, no entanto, as ciências biológicas e as ciências sociais veem profundas diferenças entre esses dois termos.

Segundo essas áreas do conhecimento humano, *progresso* implica em melhoramento, aprimoramento, uma espécie de complexidade que denota avanço e adiantamento. *Evolução*, por sua vez, significa, simplesmente, mudança, transformação. Os médicos costumam registrar em seus prontuários: “o paciente evoluiu para o óbito”.

O termo *evolução* pode ser empregado para referir-se a dois tipos de mudanças: a *mudança cultural* (evolução cultural) e a *mudança nos genes e sua interação com o ambiente* (evolução biológica). A evolução cultural relaciona-se às transformações nos hábitos, nos costumes e no comportamento das pessoas que são adquiridas e transferidas de geração para geração através do aprendizado. A evolução biológica, por sua vez, relaciona-se às mudanças no conjunto de genes das populações através do tempo.

Os biólogos rejeitam a ideia de que a evolução biológica signifique progresso. Como se pensar em progresso quando 99% das espécies que existiram na Terra desapareceram, e o planeta passou por várias extinções em massa? Segundo especialistas, em menos de 5 bilhões de anos, o hidrogênio do Sol vai se esgotar, haverá uma grande explosão e toda a vida que depende dele vai se extinguir. Como progresso se tudo, ao final, será

² KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 784.

extinto? Como se pensar em progresso, quando peixes que vivem em águas profundas, perderam os olhos (um órgão sofisticado e de alto custo para o organismo, e inútil onde não chega a luz solar) e, por esse motivo, sobreviveram, na luta pela vida?

Os cientistas sociais, em grande parte, também, rejeitam o conceito de progresso. A ideia de progresso foi inicialmente formulada por enciclopedistas no século XVIII, que desenvolveram a teoria do progresso universal da humanidade. Esta foi rapidamente elevada ao status de dogma absoluto.

No século XVIII, as críticas que os povos indígenas da América do Norte faziam à civilização europeia teve enorme influência nas principais figuras do Iluminismo francês. Que críticas eram essas? Notadamente seus questionamentos eram sobre o dinheiro, a fé, a liberdade, o poder hereditário, inexistência de apoio social e solidariedade. Isso desencadeou uma enorme reação entre os pensadores europeus, que delinearão, a partir daí, um quadro evolutivo da história humana que permanece válido até hoje.

Os economistas Anne Robert Jacques Turgot (1727-1781) e Adam Smith (1723-1790) apresentaram uma proposta de evolução social, na seguinte sequência: caça, pastoreio, agricultura e, por fim, civilização industrial. Em 1877, Lewis Henri Morgan, considerado um dos fundadores da antropologia, propôs uma sequência de etapas, começando pela selvageria, passando pela barbárie e chegando até a civilização. Essa sequência foi amplamente adotada na nova disciplina da Antropologia. Já os marxistas sinalizaram no sentido da passagem do comunismo primitivo à escravidão, ao feudalismo e ao capitalismo, que seria seguido pelo socialismo (e depois pelo comunismo). Todas essas propostas são de natureza progressiva.

Concebendo a história como um relato de progresso material, esse enquadramento redefiniu os críticos indígenas como *filhos inocentes da natureza*. Ou seja, os ideais indígenas de liberdade, divisão de bens, desapego à propriedade e desconsideração por uma autoridade central, passaram a ser vistos como condições possíveis apenas a povos “primitivos”, nos primórdios da civilização. Representavam, portanto, sinais de “atraso” civilizacional, impossíveis, ou mesmo inadequados, em civilizações mais sofisticadas, como a europeia.³

Essa ideia é pura ilusão, segundo grande parte dos cientistas sociais: não há um desenvolvimento progressivo linear das sociedades humanas. É claro que isso de forma alguma proíbe o reconhecimento da

³ GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo.

melhoria de certos aspectos da vida. Mas isso não o torna uma lei obrigatória. Algo está melhorando. Algo está piorando. Além disso, uma fase pode substituir outra. E, em sociedades diferentes, esses ciclos podem não coincidir. Em algum lugar agora há progresso, e em algum lugar há regressão.

Onde está o progresso, se compararmos a tecnologia egípcia dos faraós, com o Egito de séculos posteriores? Como também a Grécia de Sócrates e Platão e a Grécia de quinhentos anos depois? Onde o progresso ao considerarmos a escola médica de Avicena (980-1037), na Pérsia, que escreveu mais de quarenta tratados de Medicina, com o Irã de séculos recentes? Como se pensar em progresso, examinando a Síria de nossos dias, com a Síria antes da guerra, um destino turístico importante do Oriente Médio, com seus mercados árabes e ruínas da Antiguidade atraindo visitantes de várias partes do mundo?

Hoje, o pensamento hegemônico transformou-se de forma radical. Acredita-se que não existem diferenças intelectuais entre os diferentes povos da Terra. Se receberem os mesmos estímulos e oportunidades, e as condições mínimas de sobrevivência digna, demonstrarão os mesmos recursos cognitivos. Em relação aos hábitos e costumes, alguns superam o que se vê em países tecnologicamente desenvolvidos, como, por exemplo, o apoio social, a solidariedade e a partição dos bens e propriedades. Os autores do livro *O despertar de tudo*, examinando a questão da segurança, tão propalada pelos cultores da civilização tecnologicamente desenvolvida, comentam:

Existe a segurança de saber que se tem uma chance estatisticamente menor de levar uma flechada. E existe a segurança de saber que, no caso de levar uma flechada, há pessoas no mundo que cuidarão com extremo cuidado dos ferimentos. ⁴

Os povos estudados pelos antropólogos são tão conscientes e imaginativos quanto seus próprios observadores. Todo estudioso respeitável sabe que existe uma unidade psíquica da humanidade. Antropólogos que passam anos falando com indígenas em suas próprias línguas e observando suas discussões costumam saber que, mesmo os que vivem de caçar elefantes ou de colher brotos de lótus são tão céticos, imaginativos, conscientes e capazes de análise crítica quanto os que vivem

⁴ GRAEBER, David; WENGROW, David. *O despertar de tudo*.

de dirigir tratores, administrar restaurantes ou chefiar departamentos universitários.⁵

Franz Boas (1858-1942), considerado como o pai da Antropologia norte-americana era um antirracista firme e convicto. Buscou persistentemente uma maneira de falar sobre a história humana que evitasse classificar as populações em níveis inferiores e superiores por qualquer razão, fosse alegando que alguns eram de cepa genética superior ou que haviam alcançado um nível mais avançado de evolução moral e tecnológica.

Assim, se formos considerar a existência de povos sem os recursos cognitivos que possuímos hoje, devemos reconhecê-los apenas nos primórdios da evolução humana, quando o gênero *Homo* estruturava paulatinamente seu cérebro.

Ainda aqui há um problema. Claude Levi-Strauss, considerado o antropólogo mais renomado do mundo, que estudou comunidades indígenas do norte do Brasil, levava a sério a ideia de que os primeiros seres humanos eram equivalentes a nós em termos intelectuais.

Os autores do livro *O despertar de tudo* também pensam de forma equivalente:

Vamos nos despedir da “infância do Homem” e reconhecer que nossos primeiros ancestrais eram não só nossos iguais em termos cognitivos, mas também nossos pares intelectuais. Era bem provável que, assim como nós, se debatessem com os paradoxos da ordem social e da criatividade, e os entendessem – pelo menos os mais dados a reflexões entre eles – tanto quanto nós, ou seja, tão pouco quanto nós. Talvez fossem mais conscientes de algumas coisas e menos de outras. Não eram selvagens ignorantes nem sábios filhos e filhas da natureza. Eram pessoas como nós, perspicazes e confusas na mesma medida.

Existem evidências de que povos de hábitos mais simples, anteriormente denominados de “selvagens” possuem costumes altamente desenvolvidos do ponto de vista espiritual. Nas décadas que se seguiram a segunda grande guerra, o antropólogo britânico James Woodburn, conduziu pesquisas entre os hadzas, uma sociedade de caçadores-coletores da Tanzânia, na África Oriental. Essas sociedades são notavelmente igualitárias, pois estendem a igualdade às relações de gênero e, até onde é possível, às relações entre velhos e jovens. Os hadzas aplicam

⁵ GRAEBER, David; WENGROW, David. *O despertar de tudo*.

os princípios de igualdade a tudo o que é possível: não só bens materiais, que são o tempo todo partilhados ou passados adiante, mas também o conhecimento sobre plantas (comestíveis ou venenosas) ou o conhecimento sagrado, o prestígio e assim por diante. Os caçadores talentosos são ridicularizados e diminuídos de forma sistemática. Todo esse comportamento se baseia em comportamentos conscientes, o de que ninguém jamais esteja numa relação de dependência contínua de qualquer pessoa. E algo importante: a verdadeira característica dessas sociedades é precisamente a ausência de qualquer excedente material. Trata-se de uma sociedade de “retorno imediato”: a comida que se leva para casa é consumida no mesmo dia ou no dia seguinte; qualquer coisa extra é distribuída, e nunca conservada e armazenada.

Nesse particular, é profundamente reveladora uma carta que Kardec publicou na *Revista Espírita* de maio de 1859, assinada por Dom Fernando Gerrero, onde o autor se refere a uma comunidade indígena frequentemente visitada por ele, em regiões do Peru. Diz o autor:

Esses povos que chamamos selvagens o são menos do que geralmente se pensa. Se se disser que moram em cabanas e não em palácios; que não conhecem as nossas artes e as nossas ciências; que ignoram a etiqueta da gente civilizada, serão verdadeiramente selvagens, mas em relação à inteligência, encontramos entre eles ideias de uma justeza admirável; uma grande finura de observação e sentimentos nobres e elevados. Compreendem com maravilhosa facilidade e têm um espírito incomparavelmente menos tardo que os camponeses da Europa. Desprezam aquilo que lhes parece inútil, em relação à simplicidade que lhes basta ao gênero de vida.

Pelo exposto até aqui, considerando que não se pode admitir um progresso biológico e cultural, não faz sentido o uso dos termos *inferior* e *superior* quando nos referimos às formas vivas do planeta e, tampouco, às diferentes sociedades e culturas. Trata-se de um equívoco, segundo os acadêmicos das áreas estudadas, pensar que o homem é superior ao cão e que este é superior a ameba. Equívoco também afirmar que as comunidades indígenas da Amazônia brasileira são culturalmente inferiores aos países do Norte da Europa. Não deve haver relação de superioridade ou inferioridade entre eles: são elementos distintos, com características particulares e com valor intrínseco.

Allan Kardec e o progresso social

Allan Kardec viveu em uma época intelectualmente impregnada da ideia de um progresso social e universal, e isso, influenciou fortemente seu pensamento, particularmente quando, ao propor as leis morais que dirigem o Universo, inseriu a *Lei do progresso*.

Relevante lembrar que Kardec foi contemporâneo de Auguste Comte (criador do termo *sociologia*, em 1840), que propunha uma ciência que estudasse as leis do mundo moral, tal qual as ciências naturais estudavam as leis naturais; e isso para moldar a vida social de forma progressista.

Também é possível que Kardec estivesse impregnado do pensamento de Kant, que morreu no ano em que Kardec nasceu. Segundo esse ilustre pensador, o nível europeu de civilização representava a mais alta conquista humana, que outras raças poderiam imitar, mas nunca alcançariam.⁶

Muito expressivo nos textos de Kardec, reproduzindo o pensamento prevalente na época, a ideia de que os europeus representavam aquilo que a civilização possuía de mais significativo, tanto do ponto de vista intelectual, como moral. O termo “selvagem”, recorrentemente utilizado por ele, se identificava com os povos indígenas, ou outros, que viviam em comunidades mais simples e mais próxima do ambiente natural, particularmente na África. Esses eram povos “atrasados”, com hábitos e costumes primitivos, distanciados da verdadeira civilização. Em sintonia com a ciência da época, Kardec acreditava que

as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas.⁷

Esse pensamento, hegemônico no século XIX, originava-se, em grande parte, da filosofia de Rousseau, criador do mito do “selvagem obtuso”. Segundo essa forma de pensar, os povos originários cultivavam uma *simplicidade inocente*. Eram pacíficos, mas profundamente ingênuos e cognitivamente limitados.⁸

Kardec aplicou o conceito de inferioridade e superioridade na natureza dos Espíritos reencarnados entre os diferentes povos: os

⁶ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

⁷ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 11.

⁸ GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo.

Espíritos superiores tenderiam a estar reencarnados entre as populações “civilizadas” da Europa, e os inferiores entre os povos “selvagens”.⁹ Kardec propõe que *o Espírito do selvagem está quase no começo da vida espiritual*.¹⁰

Na verdade, faltam provas seguras da existência de diferenças na inteligência humana entre os diferentes povos. Os psicólogos não conseguiram estabelecer, de modo convincente, a suposta deficiência genética no QI dos povos não-brancos. Se não há diferenças neurobiológicas entre os seres humanos¹¹, não se justifica o pensamento de que os ditos povos “selvagens” são reencarnações de Espíritos menos evoluídos. Acreditamos que o pensamento kardequiano deva ser contextualizado, não mais se justificando em nossos dias, embora estivesse em conformidade com a ciência da época. Existem Espíritos mais ou menos evoluídos em todas as sociedades da Terra.¹²

Kardec e o progresso intelecto-moral

Independentemente das discussões em torno da questão – admitir ou não um progresso social linear - os pensamentos aplicados às questões biológicas e sociais se modificam quando passamos a examinar a questão espiritual, ou seja, a evolução do Espírito. Nesse particular, os conceitos de evolução e progresso assumem a mesma conotação: aprimoramento intelecto-moral. Nada em Espiritismo faz sentido, exceto à luz da evolução, ou seja, do progresso, do melhoramento, aperfeiçoamento, desenvolvimento das potencialidades pessoais. Segundo Kardec, *as leis do progresso presidem a evolução universal*.¹³

A negação do progresso social se contrapõe a um dos princípios basilares da Doutrina Espírita: o princípio da evolução espiritual. Acreditar que em 50, 100 ou 200 mil anos, não tenha se dado importante desenvolvimento mental, e, conseqüentemente, social não nos parece provável.

Ensina Kardec que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam.

⁹ KARDEC, Allan. Revista Espírita. Abril/1859. Problema moral: os canibais

¹⁰ KARDEC, Allan. O evangelho segundo o Espiritismo. Cap. 4. Item 26.

¹¹ DIAMOND, Jared. Armas, germes e aço.

¹² KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 273.

¹³ KARDEC, Allan. Revista Espírita. Setembro/1859.

Ambos esses progressos se realizam paralelamente, porquanto o melhoramento da habitação guarda relação com o do habitante.¹⁴ Fisicamente, o planeta vem experimentando transformações, comprovadas cientificamente, que o tornam sucessivamente habitável.

Além dessas, para Kardec, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens para isso concorrem pelos esforços de sua inteligência. Saneiam as regiões insalubres, tornam mais fáceis as comunicações e mais produtiva a terra.¹⁵

Mostra Kardec que de duas maneiras se executa esse duplo progresso: uma, lenta, gradual e insensível; a outra, caracterizada por mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala, mediante impressões bem acentuadas, os períodos progressivos da humanidade. Esses movimentos, subordinados, quanto às particularidades, ao livre-arbítrio dos homens, são, de certo modo, fatais em seu conjunto, porque estão sujeitos a leis, como os que se verificam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas. Por isso é que o movimento progressivo se efetua, às vezes, de modo parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, doutras vezes, de modo geral.

E insiste, de forma incisiva: *O progresso da humanidade se cumpre, pois, em virtude de uma lei.*¹⁶

No texto *Profissão de fé espírita raciocinada*¹⁷, Kardec esclarece que os Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirirem e tudo conhecerem, com o tempo. A princípio, eles se encontram numa espécie de infância, carentes de vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência. À medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolvem-se lhe as ideias, como na criança, e, com as ideias, o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir este ou aquele caminho para seu adiantamento, o que é um dos atributos essenciais do Espírito.

O objetivo final de todos os Espíritos consiste em alcançar a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado dessa perfeição está

¹⁴ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 18. Item 2.

¹⁵ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 18. Item 2.

¹⁶ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 18. Item 2.

¹⁷ KARDEC, Allan. Obras póstumas.

no gozo da suprema felicidade que lhe é consequente e a que chegam mais ou menos rapidamente, conforme o uso que fazem do livre-arbítrio.

Em Espiritismo, a lógica que acompanha a análise de qualquer tema é a evolução/progresso espiritual.

Por que faz sentido, do ponto de vista espírita, os conceitos de *superioridade* e *inferioridade*? Por admitir um desenvolvimento crescente da alma. Esses termos não têm uma conotação pejorativa, mas representam um diferencial histórico entre Espíritos que viveram mais experiências exitosas. Tal como se dá com o grau de escolaridade: um jovem que completou o ensino médio está em condição superior, ou seja, mais avançado (progrediu mais) que aquele que ainda se encontra no ensino fundamental.

Justificado está, segundo cremos, o fato de Kardec referir-se aos Espíritos como *superiores* e *inferiores*. Espíritos *superiores* são aqueles que viveram mais experiências de aprendizado e, portanto, encontram-se mais esclarecidos e conscientes da necessidade do autocontrole e do aperfeiçoamento moral. Espíritos *inferiores*, por sua vez, são menos experientes, mais obtusos e mais apegados as inclinações más. São *transitoriamente* superiores e inferiores, nas relações que se estabelecem entre eles, mas, essa condição se dilui, por completo, com o tempo, onde todos se encontrarão na dimensão da sabedoria, do belo, do bom e do justo.

Kardec relacionava também ao progresso global, as mudanças na população dos Espíritos reencarnados na Terra, conforme atesta o trecho a seguir:

As renovações rápidas, quase instantâneas, que se produzem no elemento espiritual da população, por efeito dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações que de tempos a tempos lhe vêm dar violento impulso, só com extrema lentidão esse progresso se realizaria. É de notar-se que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso de ordem física, intelectual, ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações que as experimentam. É que elas têm por fim operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.¹⁸

¹⁸ KARDEC, Allan. A gênese. Cap 11. Item 36.

Apesar disso, Kardec admite a queda dramática de muitas civilizações, o que estaria na contramão de um progresso linear. Ao admitir tais acontecimentos, Kardec relaciona-os à condição dos Espíritos relacionados a essas civilizações, conforme a questão seguinte¹⁹:

- *A história nos mostra uma multidão de povos que após terem sido convulsionados recaíram na barbárie. Onde está nesse caso o progresso?*

- [...] os Espíritos encarnados nesse povo degenerado não são mais os que o constituíam nos tempos do seu esplendor. Aqueles, logo que se tornaram mais adiantados, mudaram-se para habitações mais perfeitas e progrediram, enquanto outros, menos avançados, tomaram o seu lugar, que por sua vez também deixarão.

Léon Denis, se posicionando frente a um artigo da época, cujo autor afirmava que *os homens de hoje são tão egoístas, tão violentos, tão cruéis e tão ferozes como o eram há 2.000 anos*, argumenta, como Kardec:

Sabemos que os melhores homens, aqueles que depois de uma série de existências alcançaram certo grau de perfeição, prosseguem a sua evolução em mundos mais adiantados e só voltam à Terra, excepcionalmente, na qualidade de missionários; por outro lado, contingentes de Espíritos, vindos de planos inferiores, cotidianamente se vão juntando à população do globo.

Isso poderia, segundo Denis, explicar “quedas morais” observadas eventualmente em certas populações.²⁰

Progresso e evidências atuais

Como vimos no início deste capítulo, há uma ampla percepção de que o mundo retrocede, de que nos dirigimos para uma espécie de caos. Segundo um levantamento do Instituto Motivaction, 87% da população mundial acredita que nos últimos 20 anos a pobreza global permaneceu igual ou se agravou. O paradoxo é que os dados deixam claro que essa é uma ideia falsa. O mundo melhorou ao invés de piorar. Não significa que o mundo seja um lugar perfeito. Nem sequer um bom lugar. Padecemos de injustiças, guerras, fome e violência. Uma minoria da população detém a maior parte da riqueza, enquanto 760 milhões – os 11% mais pobres –

¹⁹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 786.

²⁰ DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor.

sobrevivem com menos de dois dólares por dia. A pobreza é cotidiana. Mas, de todos os cenários globais que já conhecemos (não que imaginamos ou desejamos, mas que conhecemos), este é o melhor. Os dados indicam que a humanidade vive o melhor momento da sua história, embora a maioria acredita que o mundo está piorando.²¹

Mas, o que é o progresso? Muitos poderiam pensar que se trata de uma pergunta tão subjetiva e culturalmente relativa que nunca poderá ser respondida. Para o psicólogo Steven Pinker, é uma das perguntas mais fáceis de responder.

Segundo ele, a maioria das pessoas concorda que vida é melhor do que morte. Saúde é melhor do que doença. Sustento é melhor do que fome. Abundância é melhor do que pobreza. Paz é melhor do que guerra. Segurança é melhor do que perigo. Liberdade é melhor do que tirania. Direitos iguais são melhores do que intolerância e discriminação. Oportunidade de usufruir a família, os amigos, a cultura e a natureza é melhor do que uma labuta incessante e a monotonia. Todas essas coisas podem ser medidas. Se aumentaram com o tempo, isso é progresso.²²

Análises elementares sobre os fenômenos históricos reforçam fortemente a ideia de que todas as medidas que avaliam o bem-estar humano se elevaram nos últimos anos. Se tomarmos, por exemplo, os últimos 150 anos, considerando a época de Kardec em relação aos nossos dias, veremos que²³:

- A expectativa de vida mais que dobrou: de 35 anos em meados do século XIX a mais de 70 anos na atualidade.
- Apenas 1% das nações viviam sob um regime democrático, contra 70% hoje.
- A população alfabetizada pulou de 12% para 83%.
- O coeficiente médio de inteligência aumentou 30 pontos.
- A riqueza das nações, avaliada pelo Produto Interno Bruto (PIB) aumentou 100 vezes.
- A taxa de mortalidade infantil reduziu 100 vezes, enquanto a mortalidade materna no parto reduziu 200 vezes.
- A pobreza extrema reduziu de 90 para 10% da população.

²¹https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/29/internacional/1483020328_085937.html

²² PINKER, Steven. O novo Iluminismo: Em defesa da razão, da ciência e do humanismo.

²³ Os dados a seguir foram extraídos do livro *O novo iluminismo* de Steven Pinker.

- Inexistiam previdência social, aposentadoria por idade ou doença, pensão para viúvas, afastamento remunerado do trabalho por doença.

Considerando apenas os últimos cinquenta anos, em muitos países, notou-se:

- Pessoas com desnutrição, no mundo em desenvolvimento: queda de 50 para 13%.
- Redução dos maus tratos aos animais.
- O empoderamento das mulheres.
- A consideração e o respeito pelas crianças.
- A descriminalização da homossexualidade e a aceitação da “nova família”, com casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de filhos por eles.
- O fim do conceito de raças inferiores.
- Piadas sexistas, racistas e homofóbicas são fortemente condenadas.
- Número significativo de refugiados foram recebidos em países de acolhimento; 64 mil requerentes de asilo começaram uma nova vida no exterior em países anfitriões, considerando apenas o ano de 2019²⁴.
- O castigo físico foi condenado em várias resoluções das Nações Unidas e proibido por lei em mais da metade dos países do mundo.
- Metade da população mundial tem acesso à internet e três quartos a um telefone celular.
- O consumo de álcool, cigarro e drogas (exceto a maconha) reduziu entre os adolescentes.
- A pena de morte foi totalmente abolida na grande maioria dos países. Na Europa existe apenas em um único país (Belarus).
- As taxas de homicídio vêm caindo. A probabilidade de os americanos serem assassinados é a metade de vinte anos atrás, e no mundo todo, essa probabilidade é sete décimos do que era há dezoito anos.
- Férias remuneradas, folga semanal no trabalho, trabalho de no máximo 8 h diárias não existiam há bem pouco tempo.
- Pesquisas efetuadas por psicólogos sociais, em torno do bem-estar pessoal, e replicadas em cerca de 150 países, mostraram

²⁴ <https://brasil.un.org/pt-br/138854>

que, em média, 86 % dos entrevistados disseram se considerar felizes ou muito felizes.

Instado a opinar sobre o tema, Barack Obama declarou:

Se você tivesse que escolher um momento na história para nascer e não soubesse de antemão quem você seria – não soubesse se iria nascer em uma família rica ou em uma família pobre, em que país nasceria, se seria homem ou mulher -, se tivesse que escolher cegamente o momento em que gostaria de nascer; você escolheria agora.²⁵

Kardec, de forma peremptória, coloca:

comparando-se os costumes sociais de hoje com os de alguns séculos atrás, só um cego negaria o progresso realizado.

²⁵ PINKER, Steven. O novo Iluminismo: Em defesa da razão, da ciência e do humanismo.

Seis

Saúde social: a proposta de Kardec

Nos capítulos anteriores, sugerimos um conceito de sociedade enferma, apresentamos evidências de que as sociedades, em sua generalidade, estão enfermas (cada uma a sua maneira), examinamos diferentes fatores relacionados ao adoecimento social, e defendemos a crença de que existe um progresso social, tanto em seus aspectos tecnológicos e cognitivos, como nas dimensões morais.

Neste capítulo vamos sugerir ações que possam contribuir no estabelecimento da saúde social. Para tal, vamos nos valer sobretudo da proposta de Allan Kardec.

Para Kardec, a humanidade tem realizado, até o presente, incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. No entanto, resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. Segundo Kardec, não poderiam conseguir esse progresso nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, restos de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que comportavam, seriam hoje um entrave.

Garante Kardec que já não é somente de desenvolver a inteligência que os homens necessitam, mas de elevar o sentimento e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite neles o egoísmo e o orgulho.¹

Examinando os caracteres de uma possível civilização completa, Allan Kardec coloca que

de duas nações que tenham chegado ao ápice da escala social, somente pode considerar-se a mais civilizada, na legítima acepção do termo, aquela em que exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; em que os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; em que a inteligência

¹ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 18. Item 5.

possa desenvolver-se com maior liberdade; em que haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas.

Ele enfatiza também a obrigatoriedade de que menos enraizados se mostrem os preconceitos de casta e de nascimento, porque tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor ao próximo; em que as leis nenhum privilégio consagrem e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; em que com menos parcialidade se exerça a justiça; em que o fraco encontre sempre amparo contra o forte; em que a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam melhormente respeitadas; em que exista menor número de desgraçados; enfim, em que todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário.²

Complementando seu pensamento, Kardec ressalta que os homens só construirão uma sociedade eticamente saudável quando destruírem o egoísmo, que ele considera o mais radical de todos os vícios, pois dele deriva todo mal.³

E como extirpar o egoísmo do sentimento humano? Kardec esclarece:

À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Depois, necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.⁴

Para Kardec, portanto, o movimento humano em direção à saúde social se estrutura em duas ações bem definidas:

- Esclarecimento acerca das coisas espirituais, a fim de que os homens deem menos valor às coisas materiais.
- Reforma das instituições, que, na atualidade, entretêm e excitam o egoísmo.

O que seriam as “coisas espirituais”?

Quando se examinam as causas do processo civilizador e da aceleração dos sentimentos humanitários que se iniciaram nos séculos XVI e XVII e se estendem aos nossos dias, a aquisição de conhecimento

² KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 793.

³ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 913.

⁴ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 914.

é colocada como das mais relevantes. O conhecimento é um recurso inesgotável de força psíquica, e quanto mais se usa, mais se tem. Segundo Steven Pinker, a ordem dos eventos segue essa direção: avanços tecnológicos na atividade editorial, produção em massa de livros, expansão da alfabetização e popularidade do romance e as grandes reformas humanitárias dos séculos recentes. A reforma humanitária, caracterizada por uma crescente redução das taxas de violência e criminalidade, associada a uma maneira diferente de ver o outro - não como um estranho a quem devo rejeitar, mas como semelhante a quem me cabe acolher – foi precedida por uma revolução da leitura.⁵

Acredita Pinker que ler é uma tecnologia para mudança de perspectiva. Quando nós temos na cabeça os pensamentos de outra pessoa, observamos o mundo do ponto de vista dessa pessoa e compartilhamos suas atitudes e reações. Abre-se para nós outras janelas para o mundo, entendemos que as coisas podem ser diferentes, sem que sejam necessariamente melhores ou piores, e encontramos recursos emocionais para acolher o outro. Os romances, nesse particular, trazem à vida as aspirações e privações de pessoas comuns, e exercita a nossa habilidade de nos pôr no lugar do outro, o que, por sua vez, nos indis põe contra punições cruéis e outras violações dos direitos humanos. Os filósofos do Iluminismo louvavam o modo como os romances levavam o leitor a se identificar com outras pessoas e sentir por elas um interesse compassivo.

Os povos mais esclarecidos, via de regra, possuem menores índices de criminalidade, portanto, são mais pacíficos. O hábito da leitura pode ter contribuído para a *Revolução humanitária* criando nas pessoas o hábito de sair de seu ponto de vista limitado, gerando um viveiro de novas ideias em torno dos valores morais e da ordem social. Quantos livros se notabilizaram não apenas pelo expressivo número de leitores, mas pelas mudanças políticas e sociais que induziram! Pinker cita alguns: *A cabana do Pai Tomás* mobilizou os sentimentos abolicionistas nos Estados Unidos, *Oliver Twist*, de Charles Dickens, abriu os olhos das pessoas para os maus-tratos a crianças nos orfanatos britânicos e o livro *Dois anos ao pé do mastro*, de Richard Henry Dana Jr., ajudou a pôr fim ao açoitamento de marinheiros. Foram livros que trouxeram ao conhecimento do público os sofrimentos de pessoas que, sem eles, poderiam continuar ignorados.⁶

Allan Kardec, educador por excelência, teve extremado cuidado em estimular, em todas as suas obras, o hábito da leitura, o estudo e a

⁵ PINKER, Steven. Os anjos bons da nossa natureza.

⁶ PINKER, Steven. Os anjos bons da nossa natureza.

pesquisa continuados. Com a Doutrina espírita aprendemos que não basta sermos bons: precisamos ser bons e esclarecidos, instruídos e bem informados. Quantos males incurso em nossa vida, não por deficiências morais, mas por desinformação e falta de esclarecimento! Por isso, são desafios reencarnatórios: a leitura enriquecedora, a instrução permanente e a luta contra o comodismo mental.

A proposta de Kardec, todavia, vai além do estudo, da leitura e do esclarecimento por si mesmos. Ele propõe um esclarecimento *acerca das coisas espírituais*.

Nesse particular, a Doutrina Espírita oferece um conjunto de ideias que capacitam o ser humano a se inteirar de sua natureza espiritual, de sua origem, de seu destino, das vidas sucessivas, bem como das íntimas e permanentes relações dos homens (Espíritos encarnados) com aqueles denominados mortos (Espíritos desencarnados).

Segundo Léon Denis, o estudo mais necessário, para nós, é o de nós mesmos. O que, antes de tudo, nos importa saber, é o que somos. Ora, de todos era esse o problema que mais obscuro permanecia até agora. Hoje, o conhecimento da natureza íntima do homem se destaca tão perfeitamente das comunicações ditadas pelos Espíritos, como da observação direta dos fenômenos do Espiritismo.⁷ Ele escreveu:

Se o ensino ministrado pelas instituições humanas, em geral – religiões, escolas, universidades –, nos faz conhecer muitas coisas supérfluas, em compensação quase nada ensina do que mais precisamos conhecer para encaminhamento da existência terrestre e preparação para o Além.

Aqueles a quem incumbe a alta missão de esclarecer e guiar a alma humana parecem ignorar a sua natureza e os seus verdadeiros destinos.

Nos meios universitários reina ainda completa incerteza sobre a solução do mais importante problema com que o homem se defronta em sua passagem pela Terra. Essa incerteza se reflete em todo o ensino. A maior parte dos professores e pedagogos afasta sistematicamente de suas lições tudo o que se refere ao problema da vida, às questões de termo e finalidade...

A mesma impotência encontramos no padre. Por suas afirmações despidas de provas, apenas consegue comunicar às almas que lhe estão confiadas uma crença que já não

⁷ DENIS, Léon. Cristianismo e Espiritismo.

corresponde às regras dum crítica sã nem às exigências da razão.

Com efeito, na Universidade, assim como na Igreja, a alma moderna não encontra senão obscuridade e contradição em tudo que diz respeito ao problema de sua natureza e de seu futuro. É a esse estado de coisas que se deve atribuir, em grande parte, o mal de nossa época, a incoerência das ideias, a desordem das consciências, a anarquia moral e social.⁸

No Brasil, em parte devido a popularização do movimento espírita, essas ideias são amplamente conhecidas. Pesquisas têm evidenciado que grande parte dos brasileiros crê em reencarnação e comunicabilidade dos Espíritos. Apesar dos espíritas brasileiros constituírem apenas 2% da população (Censo de 2010), no Brasil 50 % creem em reencarnação, 51% sentiram a presença de pessoas que já morreram, ou seja, admitem a influência dos Espíritos no mundo físico.⁹

Tal crença é igualmente admitida em outras vastas regiões do planeta, em virtude das tradições hinduísta e budista, principalmente.

Todavia, a tarefa de disseminação mais ampla dessas ideias, alcançando todo o globo, não poderia ser exclusividade das tradições religiosas, pelo fato de o ateísmo e o materialismo estarem estabelecidos em muitas mentes. A reversão da postura de negação em torno das coisas espirituais dependeria, para muitas pessoas, de uma reversão do paradigma científico. É possível que a aceitação ampla e irrestrita da tese espírita só se estabeleça, de forma definitiva, quando se tornarem factuais, segundo os cânones científicos.

Até lá, os que creem são chamados a colaborarem, dentro de suas possibilidades, na divulgação desses princípios.

Léon Denis, discorrendo sobre a relevância dos fundamentos espíritas na construção de uma sociedade melhor, colocou que

o Espiritismo é o credo futuro da humanidade. Não será a religião do futuro, mas sim, o futuro da religião. Ele é, ao mesmo tempo, uma ciência positiva, uma filosofia moral, uma solução social.¹⁰

A incorporação dos princípios espíritas, segundo Kardec, destruindo o materialismo,

⁸ DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor.

⁹ <https://oglobo.globo.com/brasil/pesquisa-revela-que-44-dos-brasileiros-seguem-mais-de-uma-religiao->

¹⁰ DENIS, Léon. Síntese doutrinária e prática do Espiritismo.

faz os homens compreenderem onde está o seu verdadeiro interesse. A vida futura, não estando mais velada pela dúvida, o homem compreenderá melhor que pode assegurar o seu futuro através do presente. Destruindo os preconceitos de seita, de casta e de cor ele ensina aos homens a grande solidariedade que os deve unir como irmãos.¹¹

A partir da assimilação dos conceitos espíritas, como propunha Kardec, estaremos:

- Aceitando que a evolução humana se dá nas duas dimensões de vida, e que almas de elevada condição intelecto-moral se preocupam com o destino da Terra e investem no melhoramento global.
- Confiando em nossa capacidade de superação, sem desanimar diante de notícias e interpretações de fatos que focam apenas na parte sombria dos acontecimentos.
- Compreendendo que a revolução social se inicia dentro de nossa mente e a mudança nas perspectivas pessoais pode incrementar as mudanças coletivas.
- Considerando o bem-estar dos outros como algo tão relevante quanto o nosso bem-estar, compreendendo que as esferas de ação dos seres humanos que machucam uns aos outros não são nem universais nem inevitáveis.
- Compartilhando todo o conhecimento adquirido, pois ele é sempre resultado de um labor coletivo.
- Incrementando o respeito à autonomia e à dignidade de cada, pois trata-se de um imperativo ético, e não de um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.
- Admitindo que é imoral afirmar que a fome e a miséria a que se acham expostos milhões de pessoas são uma fatalidade em face de que só há uma coisa a fazer: esperar pacientemente que a realidade mude.
- Reconhecendo que o progresso alcançado até agora, na longa trajetória da humanidade, é insuficiente e parcial e que não se pode acomodar diante da injustiça, da corrupção e da opressiva desigualdade social.

¹¹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 799.

- Inspirando nossas ações na ética da compaixão e do autocontrole, ao entender que a moral se resume em dois princípios: não causar prejuízo a ninguém e fazer todo o bem possível.
- Dando aos bens materiais o valor relativo à satisfação das necessidades da corporeidade, sem fixar-se de forma apaixonada em nenhum deles e reconhecendo que os únicos valores imperecíveis são os do Espírito.
- Promovendo profunda revisão dos conceitos distributivos do trabalho remunerado, com redução significativa das diferenças salariais injustificáveis.
- Compreendendo que toda ação no mundo direcionada ao bem contagia aqueles que veem, que podem sentir-se igualmente responsabilizados por realizar ação equivalente.

A reforma das instituições

A organização e a coesão social são mantidas pelas instituições sociais. São elas que passam as regras e normas da sociedade para os cidadãos e forma-os enquanto cidadãos pertencentes a determinado grupo social. As instituições sociais atuam no processo de socialização, visando a adequação de cada indivíduo no grupo social. São consideradas como instituições sociais, dentre outras, o Estado, a família, a escola e a religião.¹²

Atendo-nos ainda à proposta de Kardec no combate ao egoísmo, é necessário reformar as instituições. Os problemas sociais são passíveis de soluções sociais (e políticas) e estas passam por medidas que transformem para melhor os diferentes elementos que compõe uma sociedade.

Emmanuel, em obra de 1940, mostrava que se faz indispensável que o coração esclarecido coopere na transformação do meio em que vive para o bem, melhorando e elevando as condições materiais e morais de todos os que vivem na sua zona de influência.¹³

No entanto, tem-se observado uma significativa carência de debates espíritas em torno dos fatores sociais dos problemas humanos. As palestras e seminários espíritas focam quase que unicamente nos fatores pessoais, psíquicos ou espirituais da corporeidade, relegando a plano secundário os elementos sociais implicados no sofrimento e nas decisões do Espírito encarnado.

¹² <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/instituicoes-sociais.htm>

¹³ EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. O consolador. Questão 121.

Deolindo Amorim, sociólogo e jornalista conceituado, propondo um diálogo do Espiritismo com as ciências sociais, escreveu:

O movimento espírita não pode ficar alheio aos problemas sociais, cumprindo-lhe por isso, interferir na solução desses problemas; devemos desenvolver e aprimorar cada vez mais a consciência de participação na vida social, em harmonia com o legítimo pensamento da Doutrina, que não quer o espírita fora do mundo, mas dentro do mundo, ajudando a transformá-lo.¹⁴

E ainda, Deolindo:

É verdade que a Doutrina se preocupa, acima de tudo, com o lado espiritual da vida, mas nem por isso devemos desconhecer as omissões da sociedade, que é culpada de muitos dramas e conflitos por causa de sua indiferença diante de injustiças de toda ordem. E a sociedade somos todos nós, logo, também nos cabe uma parte de responsabilidade. [...] Não se compreende tamanha desigualdade sob o céu de uma civilização cristã.¹⁵

Segundo Léon Denis:

A reforma do indivíduo deve conduzir à reforma da coletividade de maneira a que tudo triunfe no homem e sobre si mesmo, sobre suas paixões, repercuta sobre aqueles que o cercam e que o progresso do conjunto reaja sobre cada indivíduo. É trabalhando pela elevação dos outros que trabalhamos mais eficazmente para elevar a nós mesmos e, ao mesmo tempo, se desenvolve, se acresce e se afirma em nós e em torno de nós essa noção essencial de fraternidade que nos religa a todos uns aos outros.¹⁶

Propondo, com Kardec, reforma nas instituições, estaremos sugerindo ações que possam intervir em cada uma delas.

O Estado

Um confrade muito estimado no movimento espírita da Zona da Mata mineira foi alçado a um cargo de alta posição hierárquica em uma

¹⁴ AMORIM, Deolindo. O espiritismo e os problemas humanos.

¹⁵ AMORIM, Deolindo. O espiritismo e os problemas humanos.

¹⁶ DENIS, Léon. Síntese doutrinária e prática do Espiritismo.

Universidade pública federal. Ao ser indagado por que aceitara tal tarefa administrativa, na medida em que era um cidadão plenamente realizado do ponto de vista pessoal, familiar, profissional e religioso, ele respondeu:

– *Estou cansado de ser mandado por quem é pior do que eu!*

Grande parte das referências à política partidária, ao direcionamento da economia e ao gerenciamento público vêm eivadas de críticas duras, quase sempre ancoradas na realidade: interesse pessoal extremado, conúbio com os poderosos, esforços continuados para a perpetuação do poder, atos ilícitos, corrupção em diferentes níveis.

Igualmente lamentável é o direcionamento dos gastos públicos. Os gastos com armas no ano de 2023 foram os maiores desde a Segunda Guerra Mundial. Os investimentos militares globais cresceram 9% em 2023, puxados pelos Estados Unidos, China e Rússia. Somados, os governos do mundo todo gastaram US\$ 2,2 trilhões em armas. Esse valor corresponde a tudo o que a economia brasileira produz em um ano inteiro.¹⁷

Segundo Kardec, *autoridade legítima é a que se apoia no exemplo que dá do bem*. E justifica argumentando que

a consciência íntima nega respeito e submissão voluntária àquele que, investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios que está encarregado de aplicar.¹⁸

Todos temos nos submetido (involuntariamente e a contragosto) a dirigentes de conduta ética pouco recomendável, e não poderíamos agir de outra forma. A insubmissão civil levaria a sociedade para a anarquia, à balbúrdia e à violência. Mas, intimamente, sonhamos com o fim de todos esses desmandos. Obviamente, que a convivência obrigatória com a perversidade humana faz parte das experiências de crescimento em um orbe de provas e expiações, mas sempre podemos reduzir a influência do mal agindo de forma elevada e nos posicionando, sempre que chamados a tal, em prol daqueles que pautam sua conduta nas ações justas, éticas e compassivas.

Mudanças nas instituições públicas passam necessariamente por uma profunda transformação na ética de agir, e em firme disposição no estabelecimento de plena justiça social, preocupada com o bem-estar de todos.

¹⁷ https://cultura.uol.com.br/noticias/64392_gastos-militares-globais-ultrapassam-os-us-2-trilhoes-em-2023-e-batem-recorde-historico.html

¹⁸ KARDEC, Allan. O evangelho segundo o Espiritismo. Cap 10.

Simone Weil coloca:

É preciso que se saiba também que aqueles que comandam, obedecem por seu lado [...] É preciso que o crime de improbidade para com o Estado dos homens públicos seja efetivamente punido mais severamente do que o roubo à mão armada.

Quase nunca se vê a política como uma arte de espécie tão elevada. Mas é porque se está acostumado há séculos a vê-la simplesmente, ou em todo caso principalmente, como a técnica da aquisição e da conservação do poder. Ora, o poder não é um fim. Por natureza, por essência, por definição, ele constitui exclusivamente um meio. Ele é para a política o que é um piano para a composição musical.¹⁹

Mas, a transformação não se dará gratuitamente; os que se assenhorearam dos bens públicos não se afastarão por livre escolha. É preciso que a sociedade civil se posicione firmemente no sentido de renovação das atitudes e das mentes envolvidas nas políticas públicas.

Refletindo sobre os primórdios da Grande Guerra de 1939/45, o rabino Harold Kushner comenta:

Se você estivesse na Alemanha ou em um dos países ocupados pelos nazistas na década de 1940 e tivesse de testemunhar os assassinatos, campos de concentração e violações das regras mais básicas de comportamento, imagino que poderia ter se perguntado: “Onde estão as nações do mundo amantes da liberdade e da verdade? Por que não estão fazendo algo em relação a isto? Elas acabaram fazendo algo em relação àquilo, reunindo a força militar mais poderosa que o mundo já vira, mas só depois que milhões de pessoas inocentes já haviam sofrido e morrido. As forças do ódio podem causar muito dano antes que as forças do bem consigam encontrar a disposição de resistir a elas.”²⁰

Allan Kardec assumiu a mesma postura, nesta passagem do *Livro dos Espíritos*:

¹⁹ WEIL, Simone. O enraizamento.

²⁰ KUSHNER, Harold. As nove lições essenciais que aprendi sobre a vida.

Por que, no mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons?

- Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.²¹

Embora os seres humanos tenham de fato uma tendência instintiva de adotar um comportamento de dominação-submissão, sem dúvida herdado de nossos ancestrais símios, o que torna as sociedades caracteristicamente humanas é nossa capacidade de tomar a decisão consciente de não agir dessa forma. Analisando de forma minuciosa os relatos de antropólogos sobre os grupos de caçadores-coletores existentes na África identificamos um amplo leque de táticas empregadas coletivamente para conter os potenciais fanfarrões e valentões – o ridículo, a vergonha, o afastamento, que não encontram paralelo entre outros primatas.²²

Se a própria essência de nossa humanidade consiste em sermos atores políticos conscientes por que permitir que personalidades arrogantes, desonestas e autocentradas assumam postos aos quais não estão habilitadas, por lhes faltar os valores éticos mínimos para o cargo?

A família

Examinando o instituto da família, Emmanuel coloca que de todas as associações existentes na Terra – excetuando naturalmente a Humanidade – nenhuma talvez mais importante em sua função educadora e regenerativa, do que a família, ao se constituir nos alicerces da civilização.

Afirma que o casal possibilita o trabalho executivo dos mais elevados programas de ação do mundo espiritual, chegando a dizer que por intermédio da paternidade e da maternidade, os responsáveis pela criação adquirem mais amplos créditos da vida superior. Os filhos são liames de amor conscientizado que lhes granjeiam proteção mais extensa do mundo maior.

Lembra o autor que a parentela no planeta se caracteriza por filtro da família espiritual sediada além da existência física, mantendo os laços preexistentes entre aqueles que lhe comungam o clima. Arraijada nas vidas passadas de todos aqueles que a compõem, a família terrestre é formada, assim, de agentes diversos, porquanto nela se reencontram, comumente, afetos e desafetos, amigos e inimigos, para os ajustes e reajustes indispensáveis, ante as leis do destino.

²¹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 932.

²² GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo.

Coloca ainda que no instituto doméstico encontramos os instrumentos necessários ao nosso próprio aprimoramento para a edificação do mundo melhor.²³

Relevante considerar que a família, como as demais instituições materializadas na corporeidade, sofre de óbvios problemas morais, que tem como pano de fundo o egoísmo. Uma nova família, portanto, voltada para uma sociedade sadia, deve compreender que os laços de bem-querença que une seus membros não pode justificar o insulamento afetivo, o interesse exclusivamente voltado para si mesma e a indiferença ante às múltiplas necessidades de outros seres, corporificados em outras famílias.

Quanto às relações intrafamiliares, encontra-se amplamente reconhecido que as formas de interação entre os genitores e os filhos têm um papel relevante, não apenas nas alegrias e pesares vividos juntos, mas, particularmente na formação da personalidade dos rebentos que, mais tarde, estarão por sua vez, influenciando no meio em que se estabelecerem.

Robert Sapolsky admite três estilos dessas relações. O primeiro é o *estilo autoritário*. As regras e as exigências são numerosas, arbitrárias, rígidas e não precisam de justificação; o comportamento é em grande parte moldado pelo castigo; as necessidades emocionais da criança têm baixa prioridade. A motivação dos pais com frequência é o fato de o mundo ser duro e implacável, então as crianças devem estar preparadas. O estilo autoritário tende a produzir adultos que podem ser mais ou menos bem-sucedidos, obedientes, conformistas (muitas vezes com um fundo de ressentimento que pode ser explosivo) e não muito felizes. Além disso, as habilidades sociais em geral são fracas porque, em vez de aprenderem pela experiência, eles crescem seguindo ordens.

O segundo é o *estilo permissivo*. São poucas as exigências e as expectativas, as regras raramente são postas em prática e as crianças definem a ordem do dia. Resultado nos adultos: indivíduos autoindulgentes com baixo controle de impulsos, baixa tolerância ao fracasso e com habilidades sociais fracas graças à infância vivida livre de consequências.

E finalmente o *estilo autoritativo*. As regras e as expectativas são claras, consistentes e explicáveis. Não há espaço para expressões como: “porque eu mandei”; “porque eu quero”, “porque sou eu que ponho dinheiro em casa”. Existe sempre espaço para a flexibilidade; o elogio e o

²³ EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. Vida e Sexo.

perdão valem mais que a punição; os pais valorizam as sugestões dos filhos; desenvolver o potencial e a autonomia das crianças é fundamental.

As mães e os pais voltados para esta forma de interação passam mais tempo que as outras confortando os filhos, mantendo contato e facilitando a interação com outros adultos. Os jogos são sobre cooperação e adaptação ao grupo: ao brincar com a criança usando, digamos, um carrinho, o ponto central não é explorar o que um carro faz (por exemplo, ser um automóvel), mas o processo de compartilhar (“Obrigado por me dar o seu carro. Agora vou devolvê-lo a você”). As crianças são treinadas para se relacionar bem com os outros e a pensar neles, também.

De acordo com vários estudiosos o estilo autoritativo tende a produzir como resultado um bom adulto: feliz, maduro e realizado emocional e socialmente, independente e autoconfiante. Ele compreende sobretudo que a habilidade social é uma questão de assumir a perspectiva de outra pessoa.²⁴

Assim, considerando o exposto no item, estaremos construindo uma família estruturada em princípios de respeito e consideração, distanciada do egoísmo grupal e consciente de seu papel no bem-estar coletivo, centrado em uma ética fundamentada no progresso coletivo.

A escola

Como as demais instituições humanas, também a escola tem sido caracterizada por conflitos e dificuldades que decorrem do egoísmo: o individualismo, a vaidade, o exibicionismo, o materialismo e o espírito de competição.

E o mais grave: tudo isso é apresentado às crianças e jovens na fase da vida onde são mais fortes os elementos da formação da personalidade. Ao nascer, a criatura humana é mais impotente e dependente do que a maioria das criaturas. Essa impotência inicial lhe dá a potencialidade para aprender o máximo de seu ambiente social. O período de maior facilidade de aprendizado coincide com o período em que seu corpo e funções fisiológicas estão se desenvolvendo.

O sistema educacional moderno precisa de uma reforma fundamental, afirma Tenzin Gyatso, o décimo-quarto Dalai Lama. O êxito acadêmico em si não significa uma educação completa. O Dalai Lama propõe a educação do coração, com ênfase na ética e numa vida pautada na compaixão.

Essa educação incluiria noções básicas sobre o funcionamento da mente e da dinâmica das emoções, regulação saudável dos impulsos

²⁴ SAPOLSKY, Robert. Comporte-se: A biologia humana em nosso melhor e pior.

emocionais e cultivo da atenção, da empatia e do afeto, gestão de conflitos de forma não violenta e sentimento de unidade com a humanidade.

Repetidamente, o Dalai Lama volta à ideia de que, a longo prazo, o tipo certo de educação ajudará a resolver muitos problemas importantes, desde o aquecimento global e destruição ambiental até desigualdades e conflitos econômicos. Ele considera essa reformulação radical do nosso sistema educacional uma das chaves para respostas duradouras.²⁵

Falando para centenas de jovens norte-americanos ele disse:

Escuto a BBC todos os dias. O noticiário me diz que há muitos problemas no mundo, muita dor e violência. Esses problemas são criados pelos homens. E, no entanto, as pessoas que os causam costumam ser bastante inteligentes. Isso mostra que a educação contemporânea não traz paz interior nem princípios morais. Não podemos mudar isso à força, e sermões religiosos não são capazes de alcançar os bilhões de pessoas do planeta, sem contar os céticos. A única maneira é por meio de uma educação que mire o bem universal: todo mundo quer ser feliz.

E ainda:

Os fundamentos da educação são, primordialmente, materialistas. Quem cresce nesse sistema não aprende a importância de valores internos e sim a pensar que progresso, dinheiro e valores materiais são mais importantes.

Algumas personalidades, dentre elas neurocientistas, educadores e empresários, sensibilizados com a proposta de Tenzin Gyatso, têm promovido iniciativas, ainda tímidas, mas que se identificam com suas ideias.

O neurocientista Richard Davidson criou na Universidade de Wisconsin, em Madison (EUA), o *Centro para investigação de mentes saudáveis*. Por iniciativa desse centro, um *Currículo de bondade* está sendo testado em uma pré-escola da região. As crianças recitam juntas uma promessa de bondade. “Que tudo que eu pense, diga ou faça não machuque ninguém e ajude a todos”. Outro exemplo: a criança que é bondosa com alguém ganha uma *semente de bondade*, plantada no grande pôster de um *jardim da bondade*. Os pequenos também têm amigos de barriga: a criança coloca seu

²⁵ GOLEMAN, Daniel. Uma força para o bem. A visão do Dalai Lama para o nosso mundo.

animal de pelúcia favorito sobre a barriga, depois se deita e se acalma, prestando atenção ao brinquedo subindo e descendo enquanto inspira e expira.

O *Currículo de bondade* abarca vários métodos como esses, todos voltados para ajudar crianças em idade pré-escolar a serem mais calmas e bondosas.

Para avaliar os efeitos do programa, um desafio foi apresentado às crianças após um semestre. Cada uma recebeu adesivos interessantes (nessa idade, crianças são fascinadas para os adesivos), que deveriam distribuir em vários envelopes: um que trazia sua própria foto, outro com a imagem do melhor amigo, o terceiro com uma criança desconhecida e o quarto com uma criança doente.

Ao longo do semestre, as crianças em idade pré-escolar do grupo controle, que não participaram do programa, se mostraram mais egoístas com a distribuição de adesivos – ao contrário dos colegas que cursaram o currículo de bondade.

Os pesquisadores concluíram que a tendência ao egoísmo em crianças de cinco anos pode ser contornada. E essa mudança rumo a um coração mais caloroso não é voltada apenas a crianças.²⁶

Outra experiência do gênero foi criada por amigos do Dalai Lama, em Vancouver, no Canadá: *Centro Dalai Lama para a Paz + Educação*. Trata-se de um movimento para incluir a aprendizagem social e emocional em escolas. Em 2013, 90% das escolas da Colúmbia Britânica, província localizada no extremo oeste do Canadá, adotavam programas dessa natureza. Os currículos ensinam habilidades, como empatia, cooperação e como lidar com aborrecimentos – em resumo: higiene emocional e compaixão.

Milhares de crianças já passaram por esse programa. A meta-análise de mais de 270 mil estudantes, comparando os que passaram e os que não passaram pelos programas mostrou que essa iniciativa aumentou em 10% aspectos positivos, como comparecimento escolar, comportamento em sala de aula, e também reduziu em 10% problemas como bullying e violência, com mais benefícios entre os alunos economicamente desfavorecidos.

E mais: as notas em testes de desempenho acadêmico aumentaram em 11%. Segundo os educadores, quem limpa a mente aprende melhor.²⁷

²⁶ GOLEMAN, Daniel. Uma força para o bem. A visão do Dalai Lama para o nosso mundo.

²⁷ GOLEMAN, Daniel. Uma força para o bem. A visão do Dalai Lama para o nosso mundo.

Paulo Freire, propondo uma escola em que os valores intelectuais e morais caminhem juntos, adverte para o papel que cabe aos educadores:

O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre àquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humildes mas perseverantes nos dedicar.²⁸

E ainda:

Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar.²⁹

Freire insistia em uma escolarização com currículos que priorizem a formação humanística e práticas descentradas das disputas e competições.

Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor. Essa é talvez a citação mais famosa de Paulo Freire. Na frase, presente em *Pedagogia do Oprimido*, ele reitera a importância de uma educação que, além de ensinar conceitos básicos como a capacidade de escrever e ler, alfabetize o povo para uma interpretação reflexiva do seu entorno. Dessa forma, buscando a liberdade e entendendo que as opressões vêm de uma estrutura social complexa de exploração, as pessoas tendem a se identificar com um sentimento de luta e solidariedade, e não de inveja e competição.

Léon Denis, em obra publicada em 1908, antecipando-se a esses conceitos, demonstrava sérias preocupações com as questões relacionadas à escolarização. Segundo ele, a educação que se dá às gerações é falha, pois não *lhes esclarece o caminho da vida; não lhes dá a tempera necessária para as lutas da existência.*

²⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*.

²⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*.

Insiste que o ensino clássico pode guiar no cultivo da inteligência, mas *não inspira, entretanto, a ação, o amor, a dedicação*. Ainda menos possibilita alcançar uma concepção da vida e do destino que desenvolva as energias profundas do “eu” e oriente os impulsos e os esforços para um fim elevado.

Ele escreveu:

É tempo de reagir e de procurar, fora da órbita oficial e das velhas crenças, novos métodos de ensino que correspondam às imperiosas necessidades da hora presente.

O Espiritualismo moderno dirige-se principalmente às almas desenvolvidas, aos espíritos livres e emancipados, que querem por si mesmos achar a solução dos grandes problemas e a fórmula do seu Credo. Oferece-lhes uma concepção, uma interpretação das verdades e das leis universais baseada na experiência, na razão e no ensino dos Espíritos.

E prossegue:

Acrescentai a isso a revelação dos deveres e das responsabilidades, única condição que dá base sólida ao nosso instinto de justiça; depois, com a força moral, as satisfações do coração, a alegria de tornar a encontrar, pelo menos com o pensamento, algumas vezes até com a forma, os seres amados que julgávamos perdidos. À prova da sua sobrevivência junta-se a certeza de irmos ter com eles e com eles reviver vidas inumeráveis, vidas de ascensão, de felicidade ou de progresso.³⁰

E, finalmente, em outra obra:

Dar à criança o alimento intelectual necessário, isto é, instruí-la quanto aos seus deveres e a grande finalidade da vida; iniciá-la nos princípios que fazem do universo e do conjunto de existências um todo harmonioso do qual é parte integrante, atuante e responsável.³¹

Allan Kardec, anteriormente, já havia expressado pensamento semelhante:

(...) Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria.

³⁰ DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor.

³¹ DENIS, Léon. Socialismo e Espiritismo.

Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as consequências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.³²

A religião

Durante alguns anos, Dom Hélder Câmara presidiu a missa da Festa de Nossa Senhora dos Prazeres. No segundo ano da festa, seu carro quebrara antes do Morro dos Guararapes. O arcebispo subiu a pé. Tomou uma das ladeiras de terra. E, no caminho, viu em uma casa que ali se reunia uma comunidade umbandista. Parou e entrou na casa. Cumprimentou todos, abençoou-os e se fez abençoar por eles. Depois, retomou o caminho e foi celebrar a missa da festa.

Consultado sobre isso, ele sorriu e respondeu que tinha uma profunda admiração a esses irmãos que suam, cansam, pulam e dançam a noite inteira para receber o Espírito. Concluiu:

- Para nós, cristãos, a comunhão com o Pai parece mais simples e, entretanto, nós damos pouco de nós mesmos para vivê-la bem. Esses irmãos do xangô têm muito a nos ensinar.³³

Em outra ocasião, ele ofereceu um conselho ao Papa Paulo VI:

– Ah! Santo Padre, seria tão bom se o senhor pudesse fechar o Banco do Vaticano, o Banco de Roma, o Banco católico de Vêneto e pudesse doar todo o Vaticano para a Unesco, a serviço

³² KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 685.

³³ CONDINI, Martinho. Dom Hélder Câmara, um modelo de esperança.

da cultura mundial! O senhor então iria descobrir uma casa pequena, uma casa de dimensão humana em Roma, e passaria a morar lá. Uma casa abrindo para uma praça, de maneira que o senhor pudesse receber peregrinos do mundo, recebê-los como gente!

Como eu gostaria de vê-lo no meio do povo! O povo segurando o Papa, empurrando o Papa, todo mundo dando a mão ao Papa. Naturalmente, seus conselheiros dirão que não pode ser, que há perigo até de um atentado.

Perdoe-me, Santo Padre, mas todas as noites eu peço para que o Papa um dia seja morto. Há tanto tempo que pastor não morre pelas suas ovelhas!³⁴

Os pensamentos expressos por Dom Hélder Câmara poderiam ser inseridos em uma longa lista de mudanças nos costumes e práticas das tradições religiosas: desapareço dos bens terrenos, ecumenismo sincero, pregação alicerçada no exemplo, amplo espírito de fraternidade, respeito às diferenças etc.

Léon Denis, examinando os conflitos de sua geração, na virada do século XIX para o século XX e referindo-se à Igreja Católica Romana, comenta:

Parece que assistimos a um começo de desagregação da sociedade. A quem remonta a responsabilidade deste estado de coisas? Em grande parte, à Igreja. Petrificada em seus dogmas, a Igreja se tornou impotente para comunicar ao corpo social essa fé viva que é a grande força, a própria alma das nações. Seu catecismo, incompreensível e incompreendido, é notoriamente insuficiente para esclarecer e guiar as crianças do povo nos caminhos difíceis da existência. Certamente, é verdade, podem ainda com isso se contentar; mas uma sociedade inteira não pode viver desse pão ressecado e endurecido.³⁵

Karen Armstrong, escritora inglesa e historiadora das religiões, examinando alguns aspectos negativos da prática religiosa explica que na maioria das culturas pré-modernas havia duas formas de pensar, falar e adquirir conhecimento. Os gregos as chamavam de *mythos* e *logos*. Ambas eram essenciais, e não se considerava uma superior à outra; elas não conflitavam, mas se complementavam.

³⁴ CONDINI, Martinho. Dom Hélder Câmara, um modelo de esperança.

³⁵ DENIS, Léon. Síntese doutrinária e prática do Espiritismo.

O *logos* (razão) era a forma pragmática de pensar que permitia uma atuação eficaz das pessoas no mundo. O *logos* era essencial para a sobrevivência de nossa espécie. Mas tinha suas limitações: não conseguia aliviar o sofrimento humano, nem desvendar o significado último das lutas da vida. Para isso, recorria-se ao *mythos*, ou mito. O mito ajudava nossos ancestrais a viver de modo criativo num mundo confuso. Os mitos contam histórias de deuses, ou dos fundadores das tradições religiosas. Alguns mitos da tradição judaico cristã: a criação do mundo em seis dias, a expulsão do paraíso e a fuga dos judeus do Egito liderados pelos poderes “mágicos” de Moisés.

Os mitos focalizam aspectos da condição humana, mais elusivos, intrigantes e trágicos, que fogem à alçada do *logos*. Tem-se dito que o mito era uma forma primitiva de psicologia. O mito nunca pretendia ser o relato de um acontecimento histórico, era algo que, de algum modo, não precisava ter acontecido, porque seu valor não dependia de sua materialidade histórica, mas da capacidade de promover emoções e sentimentos elevados.

No mundo pré-moderno, o propósito do mito não era fornecer uma informação factual ou histórica. O grego *mythos* deriva do verbo *musteion*, “fechar a boca ou os olhos”. Está relacionado com silêncio, obscuridade e escuridão. Mito era uma tentativa de expressar alguns aspectos mais elusivos da vida, que o discurso lógico não consegue expressar facilmente. Tem a ver com uma verdade intemporal e universal.³⁶

Um dos grandes problemas de quase todas religiões na modernidade, segundo a autora, é considerar como factuais construções das tradições religiosas. Essa interpretação racionalizada da religião resultou em dois fenômenos tipicamente modernos: fundamentalismo e ateísmo.

O estilo de vida religioso saudável deve atentar para essa ordem de coisas. Sem abandonar os mitos fundadores das religiões, pois são inerentes a elas, colocá-los em seu devido lugar, extraíndo dele as lições éticas e afetivas de que são portadores, deixando ao *logos* (a ciência) a explicação dos fenômenos naturais.

³⁶ ARMSTRONG, Karen. Em defesa de Deus.

Sempre que o significado literal dos “textos sagrados” colide com informações científicas confiáveis, o intérprete deve respeitar a integridade da ciência, para não desacreditar os mitos fundadores da religião.³⁷

Lembra Karen que o fundamentalismo irrompeu em quase todas as religiões ao longo do século XX. Os fundamentalistas interpretam os “textos sagrados” com literalidade. Isso precisa ser urgentemente revisto, e as religiões se voltarem para as funções que lhes competem: a verdadeira espiritualidade, que se expressa na prática da compaixão, na capacidade de sentir com outro, no exercício da transcendência, dando sentido à vida, ao sofrimento, a morte e ao comprometimento da luta contra as injustiças sociais.

Os princípios universais da “nova” religião deveriam centrar-se no afastamento, tanto quanto possível, da preocupação consigo mesmo, do egoísmo, da cobiça, do desejo de promover-se, diminuindo o valor dos outros. Deveriam ajudar-nos a ter uma convivência pacífica, mas dinâmica, com realidades que não são facilmente explicáveis, e com problemas que não conseguimos resolver: mortalidade, dor, desespero, solidão, indignação face da injustiça e crueldade da vida. Esses princípios deveriam igualmente estimular ao cultivo da simplicidade e do desapego nas práticas e rituais e não abdicar do exercício constante da inclusão do diferente, tratando os crentes de todas as outras religiões com absoluto respeito.

Segundo Karen Armstrong, quem se envolve em discussões violentas acerca da “verdade” religiosa só está apaixonado pelas próprias opiniões e esquece o fundamento das religiões em geral.

Al-Kindi, filósofo árabe do século IX, escreveu:

Não devemos nos envergonhar de reconhecer a verdade e assimilá-la, independentemente de sua fonte, mesmo que nos seja transmitida por gerações passadas e povos estrangeiros.

Lembra Armstrong que é sempre perigoso isolar ideias religiosas do pensamento contemporâneo. Citando um místico do século XI, ela coloca que

quem busca a verdade não deve evitar ciência nenhuma, desprezar livro nenhum ou apegar-se fanaticamente a um só credo.³⁸

³⁷ ARMSTRONG, Karen. Em defesa de Deus.

³⁸ ARMSTRONG, Karen. Em defesa de Deus.

Nesse particular, Allan Kardec propunha uma aliança da ciência com a religião:

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, e a outra as leis do mundo moral. Mas aquelas e estas leis, tendo o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se umas forem a negação das outras, umas estarão necessariamente erradas e as outras certas, porque Deus não pode querer destruir a sua própria obra. A incompatibilidade, que se acredita existir entre essas duas ordens de idéias, provém de uma falha de observação, e do excesso de exclusivismo de uma e de outra parte. Disso resulta um conflito, que originou a incredulidade e a intolerância.

E prossegue:

Então a Religião, não mais desmentida pela Ciência, adquirirá uma potência indestrutível, porque estará de acordo com a razão e não se lhe poderá opor a lógica irresistível dos fatos.

E conclui, Kardec, dizendo que as consequências dessa aliança são fáceis de prever:

ela deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, contra o que ninguém poderá opor-se, porque elas estão nos desígnios de Deus e são o resultado da lei do progresso, que é uma lei de Deus.³⁹

³⁹ KARDEC, Allan. O evangelho segundo o Espiritismo. Cap. 1, Item 8.

Oito

Palavras finais: além do mérito

Acreditamos que a consolidação das ideias espíritas nas mentes dos Espíritos encarnados e desencarnados, e a devida mudança das instituições, propostas por Kardec, possam desenvolver um novo sentido de identidade que se fundamenta em uma evolução solidária, alicerce fundamental de uma sociedade saudável.

A consciência de que a evolução é sobretudo coletiva e solidária leva, naturalmente, à revisão dos conceitos relacionados ao merecimento humano.

Allan Kardec reconheceu que o princípio do mérito rege a dinâmica do Espírito:

Depende apenas do Espírito apressar o seu progresso rumo a perfeição, pois ele a alcança conforme seu desejo e sua submissão à vontade de Deus.¹

Ao examinar as predisposições instintivas como possíveis obstáculos ao exercício do livre arbítrio, Kardec afirmou que

não há arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir, lembrando de que querer é poder.²

Segundo Kardec, o homem poderia sempre vencer as suas más tendências pelos seus próprios esforços, e *o que lhe falta é a vontade*.³

Ficou bem estabelecido, portanto, na obra kardequiana, que a condição de superioridade espiritual depende do esforço do Espírito na aquisição dos valores intelectuais e morais.

Segundo o filósofo Michael Sandel, em *A tirania do mérito*, não há nada de errado em contratar pessoas com base no mérito. Aliás, é a coisa

¹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 117.

² KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 845.

³ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 909.

certa a se fazer. Se preciso de um bombeiro hidráulico para consertar meu vaso sanitário ou de um dentista para restaurar meu dente, tento encontrar a melhor pessoa para a tarefa. Talvez, não seja a melhor pessoa, mas é certo que eu quero alguém qualificado.

Além disso, selecionar pelo mérito é um progresso se considerarmos outras formas de seleção, como a aristocracia hereditária, a seleção por critérios religiosos, financeiros, beleza física, ou propina dada pelos pais.

Os cientistas sociais reconhecem isso. Examinando as questões sociais relacionadas à ascensão pessoal, admitem o papel do mérito, relacionado ao esforço do indivíduo. Segundo Giddens,

as experiências e oportunidades de vida das pessoas dependem muito de como sua categoria social é avaliada. Ser homem ou mulher, negro ou branco, da classe alta ou da classe trabalhadora faz uma grande diferença em termos de chances na vida — uma diferença muitas vezes tão significativa quanto o esforço pessoal ou a sorte.⁴

E também:

[...] o mérito individual certamente é um fator que contribui para determinar as posições de classe dos indivíduos, mas que a “classe de origem” continua sendo uma influência poderosa. Eles argumentam que as crianças de origens desprivilegiadas devem apresentar mais mérito do que aquelas em situações vantajosas para obter posições semelhantes na escala de classes.⁵

O tema, todavia, merece análise mais profunda. Questões relacionadas ao mérito têm sido responsáveis por alguns conceitos equivocados, que permeiam a vida contemporânea, e que foram, muitas vezes, usados até mesmo por figuras ilustres. Barack Obama usou a expressão “você consegue, se tentar”, 140 vezes durante seus dois mandatos.⁶

Como exercício reflexivo, propomos, nestas palavras finais, alguns pensamentos.

⁴ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

⁵ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

⁶ SANDEL, Michael. Tirania do mérito.

Primeiro: O esforço não é tudo

Não é verdade que todos aqueles que se esforçam, conseguem o que almejam. Muitas pessoas fizeram tudo certinho na vida, seguiram as regras, deram o seu melhor, renunciaram a muitas coisas em prol de um objetivo, mas nunca conseguiram alcançá-lo. Por outro lado, pessoas que nem se esforçaram tanto, alcançaram o objetivo desejado.

O esforço é muito importante, mas não é tudo. Até mesmo o talento, não é garantia de sucesso. Segundo uma filósofa contemporânea, é duvidoso que dons naturais tenham muito a ver com desigualdades de renda nas economias capitalistas. A maioria das diferenças de renda são devido ao fato de que a sociedade investiu no desenvolvimento dos talentos de algumas pessoas muito mais do que de outras, e que coloca quantidades muito desiguais de capital à disposição de cada trabalhador. A produtividade está ligada principalmente aos papéis no trabalho, não nos indivíduos.⁷

Segundo: Quando falta a energia

O princípio do esforço pessoal não se aplica para todos, em todos os contextos. Há pessoas que não possuem a energia necessária para atingir o fim pretendido. Não possuem em decorrência de transtornos mentais, como a depressão (que se acompanha, frequentemente, de profunda apatia), de limitações cognitivas decorrentes de alterações no desenvolvimento cerebral, ou em virtude da própria condição espiritual.

Kardec reconheceu isso, conforme se nota nessa passagem em *O Livro dos Espíritos*:

Pergunta: Não desejam esses Espíritos abreviar seus sofrimentos?

Resposta: Desejam-no, sem dúvida, mas falta-lhes energia bastante para quererem o que os pode aliviar. Quantos indivíduos se contam, entre vós, que preferem morrer de miséria a trabalhar?⁸

Terceiro: Soberba e humilhação

A meritocracia, ao alimentar comportamentos voltados para o sucesso e o fracasso, contribui para sentimento da soberba, em uns, e

⁷ Elizabeth Anderson, apud SANDEL, Michael. Tirania do mérito.

⁸ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 995^a.

de humilhação e revolta em outros. Os vencedores, muitas vezes, se veem invadidos pelo espírito da arrogância meritocrática: acreditam fortemente que merecem o que conquistaram, e, conseqüentemente, tendem a perder a empatia, sentimento fundamental em qualquer sociedade. Os outros, os “derrotados”, são vistos como incompetentes, obtusos ou fracos. Resta-lhes, portanto, se conformarem a ideia de que estão “por baixo” porque são “inferiores”. Frequentemente, isso responde por lamentável sentimento de culpa e baixa autoestima.

Falta aos “vitoriosos” a bela virtude da gratidão, pois não reconhecem que seu sucesso foi resultado de uma gama enorme de condições, muitas delas, independentes dele mesmo. São incapazes de reconhecer que a evolução é coletiva e solidária; que ninguém vence sozinho ou cai sozinho; tudo decorre de uma enorme multiplicidade de fatores que se conjugam. De várias formas, estamos em dívida para com a comunidade que torna nosso sucesso possível. Um astro do basquetebol possivelmente ficaria rico na América do Norte, mas dificilmente no Brasil, onde esse esporte é pouco valorizado. Anita e Neymar seriam o que são vivendo em uma teocracia muçulmana?

Lemos em Kardec:

Todo homem bastante orgulhoso para se julgar superior, em virtudes e méritos, aos seus irmãos encarnados, é insensato e culpado.⁹

Quarto: Fora do controle

O conceito de mérito é, em grande parte equivocado, porque ignora a existência de forças que estão fora do nosso controle, que independem de nosso esforço e da nossa vontade. Ao examinar o móvel das ações humanas, Kardec admite que nossas escolhas, ações e decisões estão sob três ordens de influências, que em grande parte, independem de nós: o organismo, o meio em que o indivíduo está situado e as circunstâncias supervenientes.¹⁰

- Inteligência

As pessoas possuem inteligências distintas. Obviamente, as pessoas mais inteligentes tendem a se sair melhor em várias situações da

⁹ KARDEC, Allan. O evangelho segundo o Espiritismo.. Cap. 10. Item 18.

¹⁰ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 872.

vida. A inteligência tem uma herdabilidade de cerca 50%, ou seja, a genética explica 50% da variação da inteligência, sendo, portanto, em grande parte, inata. Isso não depende de esforço pessoal; é resultado dos genes herdados dos pais.

Alguém dirá que é o Espírito reencarnante que seleciona os genes que formarão seu corpo. Assim, indiretamente, a inteligência do Espírito (fruto de seus esforços em existências anteriores) definirá a inteligência do homem. Em outras palavras: merecemos nosso talento! Isso é, apenas, parcialmente correto, pois o Espírito encarnado encontra-se sob fortes influências da matéria. Segundo Kardec a inteligência depende do estado do corpo que adquirir¹¹, lembrando ainda que com a mudança dos corpos, podem perder-se certas faculdades intelectuais.¹²

Para ilustrar, evocamos um fenômeno biológico denominado *linkage*, ou genes unidos. Certos genes, estando muito próximos em região específica do cromossomo, serão selecionados em conjunto, como um verdadeiro pacote. Quando ocorre a formação dos gametas (espermatozoide e óvulo) esses genes permanecem sempre muito juntos e não podem ser separados. Isso se chama linkage. Assim, ao “selecionar” determinados genes necessários à sua nova experiência encarnatória, o Espírito pode “carregar” outros genes, que não foram necessariamente “escolhidos”, mas que vêm junto no pacote.

Consideremos um exemplo hipotético, apresentado por nós, no livro *Personalidades Enfermas*: determinado Espírito deseja (ou precisa) viver experiências na esfera da música, na condição de pianista. Ao sintonizar-se com o gameta paterno e materno, o fará com aqueles que contêm genes vinculados à fisiologia musical do cérebro. Assim, a construção e o funcionamento de um cérebro com circuitos mais adequados ao exercício da música lhe estarão assegurados. Se, por hipótese, junto a esses genes se encontram genes relacionados, por exemplo, à calvície, eles virão juntos. Ele deverá se constituir em um pianista calvo. Os genes da calvície, nesse nosso exemplo, não foram selecionados pelo reencarnante, mas vieram, por linkage, no pacote.

- Influências sociais

Nem todos nascem em famílias com os mesmos recursos financeiros, com os mesmos valores morais, que dão a mesma importância a questões como escolaridade, ou necessidade de preparação para a vida. Os indivíduos durante a infância e adolescência são submetidos a

¹¹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 180.

¹² KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 220.

estímulos diferentes, alimentos mais ou menos nutritivos, acesso a livros e recursos didáticos e tecnológicos, assistência médica e odontológica muito distintas, maior ou menor autoestima em virtude de ambiente familiar, carinho dos pais, preconceitos, escolas melhores, bullying por ser gordo ou magro demais, baixo ou alto demais, negro, homo ou transexual etc. Tudo isso, obviamente, vai influenciar a performance dessa pessoa em sua vida adulta.

Segundo Joseph Stiglitz, Nobel de Economia, 90% dos meninos nascidos nos lares pobres morrem pobres, não importa o quão capaz sejam; mais de 90% dos meninos nascidos em lares ricos morrem ricos, não importa quão estúpidos sejam.¹³

Existe uma forte correlação, por exemplo, entre o nível de desempenho educacional e o sucesso ocupacional na sociedade moderna. Quanto melhores as notas que um indivíduo tira na escola, mais bem remunerado, provavelmente, será o seu trabalho quando ele sair. Estudos mostram que os níveis de desempenho escolar são sensivelmente influenciados pelo tipo de lar de onde as pessoas venham. Crianças de lares mais abastados, cujos pais se interessam bastante por suas habilidades de aprendizagem, e onde existam livros abundantes e um local para estudo, têm mais chances de se saírem bem do que aquelas de grupos de menor renda, entre os quais esses aspectos podem não estar disponíveis.¹⁴

O documento divulgado pela Comissão de Mobilidade Social do Reino Unido, em 2019: Em última análise, a classe desempenha um papel descomunal na capacidade de uma pessoa de subir na escala de renda e emprego, e não houve melhorias mensuráveis nos últimos anos.¹⁵

Na Revista Espírita, após narrar o suicídio de uma jovem senhora que se matara ante o desespero de não ter como alimentar os filhos, Kardec reproduz o pensamento do Espírito Lamennais:

Esta infeliz mulher é uma das vítimas de vosso mundo, de vossas leis e de vossa sociedade. Deus julga as almas, mas também julga os tempos e as circunstâncias; julga as coisas forçadas e o desespero; julga o fundo e não a forma. E ousa afirmar: esta infeliz morreu não por crime, mas por pudor, por medo da vergonha. É que onde a justiça humana é inexorável,

¹³ <https://gazetacentrosul.com.br/filosofia-amor-ao-conhecimento-simples-assim/>

¹⁴ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

¹⁵ GIDDENS, Anthony. Sociologia.

julga e condena os fatos materiais, a justiça divina constata o fundo do coração e o estado da consciência [...]¹⁶

- Circunstâncias e oportunidades

As oportunidades não são as mesmas para todas as pessoas. Muitas pessoas admitem que seu sucesso na vida tem muito a ver com fatos que se deram, dos quais eles não tiveram nenhuma participação.

Também aqui, alguém comentará, que as facilidades e dificuldades que encontramos na vida, tem a ver com nosso passado reencarnatório, portanto, relaciona-se com questões que envolvem mérito ou demérito. Também aqui, isso é apenas parcialmente correto. Kardec bem definiu que muitos acidentes no curso da vida não são anteriormente previstos: a fatalidade só consiste nestas duas horas, aquelas em que deves aparecer e desaparecer neste mundo.¹⁷ Assim, mesmo considerando a história reencarnatória de cada um e a atuação dos Espíritos desencarnados nos acontecimentos da vida, a imprevisibilidade é algo que não pode ser desconsiderado.

Um estudo mostrou que adolescentes tinham um desempenho 10% pior nos testes escolares, na semana em que se dava um homicídio no bairro em que residiam.¹⁸ Quantas vezes jovens e adultos são prejudicados em concursos, ou entrevistas de emprego, em virtude de uma enfermidade imprevista, ou de acontecimentos familiares, que geram forte estado mental de perturbação!

Quinto: Mobilidade e não igualdade

Há motivo para duvidar que até mesmo uma meritocracia perfeitamente realizada (se isso fosse possível) seja o caminho para uma sociedade justa. O ideal meritocrático está relacionado à mobilidade, não à igualdade. Ele não diz que há grandes lacunas entre ricos e pobres. O que importa para a meritocracia é que todo mundo tenha uma oportunidade igual para subir as escadas do sucesso; não há nada a dizer sobre qual deveria ser a distância entre os degraus da escada. O ideal meritocrático não é remédio para a desigualdade; ele é justificativa para desigualdade, pois legitima as recompensas generosas que o mercado concede aos vencedores e os pagamentos parcos que oferece a trabalhadores sem diploma universitário. Em 2014, CEOs de grandes

¹⁶ KARDEC, Allan. Revista Espírita. Maio/1862. O padeiro desumano.

¹⁷ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 859.

¹⁸ REINE, Adrian. Anatomia da violência: as raízes biológicas da criminalidade.

empresas estadunidenses receberam trezentas vezes mais que o trabalhador padrão.¹⁹

A mais trágica indicação disso, segundo Michael Sandel, é o aumento de “mortes por desespero”. O termo foi cunhado por dois economistas da Universidade de Princeton (USA), para referir-se a mortes auto infligidas: suicídio, abandono dos tratamentos, overdose de drogas, doenças hepáticas relacionadas ao alcoolismo. Acredita-se que as “mortes por desespero” respondem pela queda da expectativa de vida na América do Norte, entre os anos de 2014 a 2017, fato surpreendente, porque em todo o século vinte a expectativa de vida aumentou progressivamente. A “morte por desespero” é tipicamente observada em homens de meia idade, sem diploma universitário; as principais vítimas da globalização e da tirania do mérito.²⁰

Kardec reconhece que são os mais fortes que fazem as leis e eles as fizeram para si,²¹ mas que a justiça divina quer que todos participem do bem, que ela não pactua com a vigência de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco,²² que com menos parcialidade se exerça a justiça; que o fraco encontre sempre amparo contra o forte; que a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam melhormente respeitadas; que exista menor número de desgraçados; enfim, e que todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário.²³

Ansiando por uma sociedade justa e fraterna, Kardec coloca:

Os homens, quando se houverem despojado do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente, impelidos pelo sentimento mútuo da solidariedade. Então, o forte será o amparo e não o opressor do fraco e não mais serão vistos homens a quem falte o indispensável, porque todos praticarão a lei de justiça.²⁴

As considerações expostas nos sensibilizam para o desenvolvimento de uma visão diferente dos “sucessos” e “fracassos” da vida. O modo de pensar sobre quem merece ou não merece pode não ser moralmente defensável. Uma visão que considera a evolução como algo

¹⁹ SANDEL, Michael. Tirania do mérito.

²⁰ SANDEL, Michael. Tirania do mérito.

²¹ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 795.

²² KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 781a.

²³ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 793.

²⁴ KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Questão 916.

coletivo e solidário é a única que se sustenta ante a proposta universalista da Doutrina Espírita e amplia o conceito de que todos os seres da criação merecem igual respeito, como propôs Simone Weil:

A igualdade é uma necessidade vital da alma humana. Consiste no reconhecimento público, geral, efetivo, expresso realmente pelas instituições e costumes, de que a mesma quantidade de respeito e de atenções é devida a todo ser humano, porque o respeito é devido ao ser humano como tal e não tem graus. Por consequência, as diferenças inevitáveis entre os homens jamais devem ter o significado de uma diferença no grau de respeito.²⁵

²⁵ WEIL, Simone. O enraizamento.

Bibliografia

ALMEIDA, Silvio Luiz. *Racismo estrutural*. Coleção Feminismos plurais. Editora Pólen. 2019.

AMORIM, Deolindo. *O espiritismo e os problemas humanos*. Editora USE. 1985.

ARMSTRONG, Karen. *Em defesa de Deus*. Tradução: Hildegard Feist. Editora Companhia das Letras. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Tradução: Renato Aguiar. Editora Zahar. 2017.

BORDIEU, Pierre. *Sociologia geral, vol.2*. Tradução: Fábio Ribeiro. Editora Vozes. 2021.

CHARON, Joel M. *Introdução à Sociologia*. Tradução: Laura Teixeira Motta. Editora Saraiva. 2001.

CHAVES, Chrystian; MATOS, Ely; BAESSO, Ricardo. *Personalidades Enfermas*. Editora EVOC. 2022.

CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara, um modelo de esperança*. Editora Paulus. 2008.

DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo*.

— *Depois da morte*.

— *O problema do ser, do destino e da dor*.

— *Socialismo e Espiritismo*.

— *Síntese doutrinária e prática do Espiritismo*.

DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço*. Editora Record. 1997.

EMMANUEL; XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Editora FEB. 1970.

- *O consolador*. Editora FEB. 1970.
- *Vida e Sexo*. Editora FEB. 1970.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Editora Paz e Terra. 1996.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Editora Zahar.
- *Sociologia*. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Editora Penso. 2023.
- GOLEMAN, Daniel. *Uma força para o bem. A visão do Dalai Lama para o nosso mundo*. Tradução: Flávia Assis. Editora Objetiva. 2015.
- GRAEBER, David; WENGROW, David. *O despertar de tudo*. Tradução: Denise Bottmann. Editora Companhia das letras. 2023.
- IPEA. *Revista desafios do desenvolvimento*. Ano 7. Edição 63 - 19/11/2010
- KARDEC, Allan. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. 53a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 131a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *O livro dos Espíritos*. 93a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *Obras póstumas*. 41a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos*. 4a. edição. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Brasília: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- KUSHNER, Harold. *As nove lições essenciais que aprendi sobre a vida*. Tradução: Cecília Bartalote. Editora Best Seller. 2020.
- LIPOVETSKI, Gilles. *A era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Editora Manole. 2005.
- LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a terra e o céu*.
- *Missionários da luz*.
- LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Editora FEB. 1970.
- MACHADO, Alexandre. *Uma Breve História do Espírito*. Editora Instituto Cultural Kardecista de Santos. 2022.

- MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. *Antropologia: Uma introdução*. Editora Atlas. 2019.
- MENEZES, Bezerra; PEREIRA, Yvonne. *Dramas da Obsessão*.
- OUTHWAITE, William. *Teoria social: Um guia para entender a sociedade contemporânea*. Tradução: Maria Luiza Borges. Editora Zahar. 2017.
- PINKER, Steven. *O novo Iluminismo: Em defesa da razão, da ciência e do humanismo*.
- *Os anjos bons da nossa natureza*. Tradução: Bernardo Joffily. Editora Companhia das letras. 2017.
- PLOMIN, Robert. *Genética do Comportamento*. Editora Artmed. 2011.
- REINE, Adrian. *Anatomia da violência: as raízes biológicas da criminalidade*. Tradução: Maiza Rytomi Ite. Editora Artmed. 2015.
- RIBEIRO, Fábio. *O Caminho da Constituição da Sociedade: A Teoria da Estruturação de Anthony Giddens*. Paco Editorial. 2016.
- SANDEL, Michael. *Tiranía do mérito*. Tradução: Bhuvi Libanio. Editora Civilização Brasileira. 2020.
- SAPOLSKY, Robert. *Comporte-se: A biologia humana em nosso melhor e pior*. Editora Companhia das Letras. 2021.
- SERRETTI, André. *A religião e a ordem social – breves considerações*. Revista Espaço Acadêmico - n. 11 - agosto/2010.
- SIGNATES, Luiz. *Fundamentos para uma Teoria Social Espírita*. 2023.
- WADE, Nicholas. *Uma Herança Incômoda: Genes, Raça e História Humana*. Tradução: Pedro Sette-Câmara. Editora Três Estrelas. 2016.
- WEIL, Simone. *A força e a fraqueza do amor*. Tradução: Maria Clara Bingemer. Editora Rocco. 2007.
- *O enraizamento*. Tradução: Clarissa Ribeiro. Editora Vozes. 1943.

Autores

Chrystian Barroso Chaves

Psicólogo clínico, servidor público, especialista em Psicologia e Saúde pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. Fundador da Comunidade Virtual de Estudos Espíritas *espirita.info*. Diretor do Departamento Doutrinário do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora. Coautor do livro *Personalidades enfermas*.

Ely Edison Matos

Membro do movimento espírita de Juiz de Fora/MG há aproximadamente 30 anos. Membro da coordenação do Projeto Allan Kardec (projetokardec.ufjf.br). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Analista de Tecnologia da Informação da UFJF. Fundador da Comunidade Virtual de Estudos Espíritas *espirita.info*. Coautor dos livros *Jesus segundo o Espiritismo*, *Entre o bem e o mal*, *Personalidades enfermas* e *Dicionário Kardec*.

Ricardo Baesso de Oliveira

Médico, membro do Conselho Editorial da revista *O Consolador*. Fundador da Comunidade Virtual de Estudos Espíritas *espirita.info*. Autor do e-book *O sentido da reencarnação*, publicado pela EVOC e coautor dos livros *Breve história de todos nós*, *Que somos nós*, *Jesus segundo o Espiritismo*, *Personalidades enfermas*, *Entre o bem e o mal* e *Dicionário Kardec*.